



SETEMBRO-1906

† ANNO III †
NUMERO 9

ALFANDEGA N. 24
RIO DE JANEIRO

SUMMARIO

| | |
|--|---------------------|
| Chronica..... | Olavo Bilac. |
| A Leda Ticianesca..... | G. D. |
| Os Delegados e Secretarios á 3. ^a Conferencia In- ternacional Americana. | |
| O Tempo..... | Coelho Netto |
| O novo couraçado monstro. | Armando Burlamaqui. |
| Versailles..... | Thomaz Lopes. |
| A morte do Zumby..... | Mario Behring. |
| A Excursão do presidente eleito. | |
| Esmagado..... | Maria Salomé. |
| A Catastrophe do Chile.... | M. |
| Miragem oceanica..... | Virgilio Varzea. |
| O Salão de 1906..... | Gonzaga Duque. |
| Inventariando..... | R. |
| O Amazon..... | |

Rs. 2\$000

FILTROS MALLIÉ

✿ ✿ ✿ ✿ Esterilisação absoluta pela Porcelana de Amianto ✿ ✿ ✿ ✿

(THEORIA PASTEUR)

SUPERIORES A TODOS OS OUTROS ATÉ HOJE CONHECIDOS!

A maior facilidade para instalação e limpeza! Simplicidade e elegancia. Numerosos premios em varias exposições.

Eis o que diz a analyse a que procedeu o Laboratorio Municipal de Chimica de Paris

« A agua filtrada é de uma *limpidez perfeita* e de um *sabor agradável*; ella sai dos filtros livre das materias organicas que continha em suspensão, e isenta dos germens mais ou menos nocivos que ahí viviam desenvolvendo-se com prejuizo de suas qualidades. Em consequencia, concluimos que, a agua submettida á filtração através dos filtros examinados por nós, é eminentemente propria a todos os usos domesticos.»

O chefe do Laboratorio Municipal: *Ch. Girard.*

Agentes geraes para o Brazil:—A. ABREU & COMP.

Rua da Quitanda N. 102—Rio de Janeiro.

Depositarios no Rio de Janeiro:—A NOVA AMERICA E CHINA

Rua do Ouvidor N. 39.

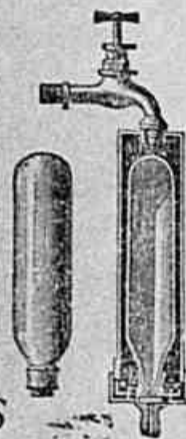
Depositarios em S. Paulo:—MONTEIRO SOARES & COMP.

Rua Direita—Canto do Viaducto.

ENVIAM-SE PROSPECTOS A QUEM OS PEDIR AOS AGENTES

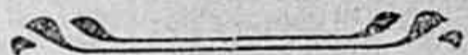


(Filtro sem pressão)



(Filtro de pressão)

HOTEL HYGINO



THEREZOPOLIS

✿ ✿ SERVIÇO DE PRIMEIRA ORDEM
O MAIS SAUDAVEL CLIMA DO BRAZIL ✿
OS MAIS BELLOS PANORAMOS DO MUNDO
VIAGEM COMMODA E AGRADAVEL ✿ ✿
✿ ✿ A 3 HORAS DO RIO DE JANEIRO

MARC FERREZ

✿ MATERIAL PHOTOGRAPHICO ✿



96, Rua de S. José, 96



☉ ☉ RIO DE JANEIRO ☉ ☉

DUBONNET

☉ MELHOR APERITIVO ☉

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. 20\$000 EXTERIOR. 25\$000
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas
RUA DA ALFANDEGA, 24
RIO DE JANEIRO

ANNO III

SETEMBRO 1906

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CRONICA



conselheiro Acacio e o conde de Gouvarinho, esses dois typos symbolicos, em que Eça de Queiroz amalgamou e fundiu as almas de Calino, de Homais, e de La Pallisse, — dizem varias vezes, nas paginas d'*O Primo Basilio* e d'*Os Maias*, que "nada é mais fecundo e salutar que a rivalidade que ha entre Lisboa e Porto."

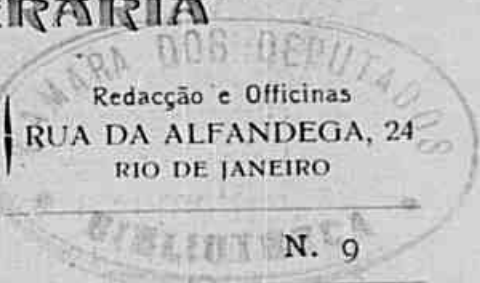
Se ainda fosse preciso demonstrar a affirmacão acaciana e gouvarinhesca, teriamos agora aqui um bello argumento. Mas não é preciso. Só faltava, realmente, que ainda alguém perdesse tempo em querer provar a justeza e a exactidão de uma qualquer cousa que a alma estreita e obtusa de Calino já tenha comprehendido!

Não façamos, portanto, uma demonstracão, mas uma simples applicacão do calinesco principio, segundo o qual toda a emulacão é fecunda e benefica.

O Rio de Janeiro e Buenos Aires prosperam e viçam á custa da rivalidade que, de quando em quando, as atira uma contra a outra, em impetos de zanga, e arreganhos de desafio. Zanga e desafio que teem a periodicidade das sezões, sem ter os seus perigos. São desafio e zanga sem consequencia má, e que servem apenas para manter a emulacão; a guerra que Buenos Aires nos move é perversa, insidiosa, traiçoeira; a que nós lhe movemos é leal, e revela sempre uma certa desdenhosa brandura; — mas pouco importa: essa guerra de palavras é inoffensiva, e, mais do que inoffensiva, salutar.



Este mez de setembro ha-de ficar celebre, no Rio de Janeiro, não pelas suas festas



nem pelos seus desastres como tantos outros, mas, unicamente, pelo facto espantoso, surpreendente, maravilhoso, quasi incrível de nelle se ter visto a população carióca submeter-se de boa vontade a um Recenseamento.

A irritação do nosso patriotismo conseguiu o que até agora não tinham conseguido os conselhos, os pedidos, as exigencias, as multas.

Porque não nos illudamos: se todos os cariócas auxiliaram a Prefeitura no seu nobre proposito de realizar o primeiro recenseamento sério e completo da população da capital da Republica, -- não foi pelos bonitos olhos do Prefeito, nem por um sentimento de dever civico, nem em virtude das declarações tranquillizadoras com que o chefe do governo municipal adoçou os seus editaes, tirando-lhes tudo quanto á massa pouco intelligente pudesse parecer alarman-te ou cavilloso...

Não! a nossa boa vontade, o nosso auxilio, a nossa collaboração efficaç e enthu-siastica, nasceram unica e exclusivamente d'isto: do desejo, que todos nutriamos, de dar um quináu a Buenos Aires, e de pregar uma boa peça ao nosso, já agora famoso, amigo Carrasco, Estatístico-Mór da cidade portenha, e contador milagroso, que trata os algarismos do Censo como Jesus tratava os peixes na Judéa, multiplicando-os prodigiosamente.



Bom amigo, esse Carrasco! e mal empregado nome, o seu!

Imagina elle talvez que lhe queremos mal, pelas maldades que contra nós assaca. Engano! Carrasco ainda ha de ter no Rio de Janeiro, -- não digo uma estatua, -- mas

uma columna glorificadora. Porque, mal comparando, Carrasco, como excitante do nosso patriotismo, é uma especie de ver-mouth hygienico e salutar, que nos abre o apetite moral. Quanto mais elle nos attaca, mais nós nos unimos, e mais desejamos prosperar e brilhar. Dizem que foi o Prefeito quem nos deu o Recenseamento. Não foi tal! quem nos deu o Recenseamento foi Carrasco!



Por mim, confesso que nunca me interessei muito pela verificação da existencia d'esse milhão de habitantes que o Rio de Janeiro tem, ou deve ter. Nem sei em que é que pode haver gloria, para um paiz, no facto de possuir na sua capital um milhão ou mais de um milhão de almas.

O que faz a grandeza, e a importancia material, social e moral de um paiz, é justamente a disseminação da sua população. E já vae longe o tempo em que as nações poderosas e ricas se contentavam com uma só grande cidade, um só grande emporio de commercio, de industria, de arte, de civilização. Para sómente citar um exemplo, lembremos que, actualmente, Roma não é a cidade mais populosa da Italia.

Buenos Aires tem um milhão de habitantes? Bom proveito lhe faça! Em compensação, Buenos Aires é a unica cidade vasta e populosa da Argentina. A pequena distancia da capital argentina, a cidade de La Plata é um deserto...

O Rio de Janeiro, ao contrario, é apenas uma das muitas colmeias humanas em que enxameia o nosso povo. O Norte, o Centro, o Sul do paiz estão cobertos de *urbs* povoadissimas, que formam, atravez desta prodigiosa extensão de terras, os nucleos

geradores, as cellulas matrizes do nosso radiante futuro.



Mas não discutamos. O amigo Carrasco, para nos amesquinhar, encheu as bochechas com o milhão de habitantes de Buenos Aires, — e nós, excitados, tambem verificamos, ou vamos verificar o nosso milhão.

Pouco me importa o valor do facto que se verificou ou se vae verificar. O que me importa é o valor do movimento collectivo de civismo, de consciencia patriotica, de nobre ardor com que a tentativa da Prefeitura foi recebida e auxiliada.

Todos quizeram encher e assignar a "lista de familia."

A "lista de familia"! O terror que até agora inspiravam estas trez palavras! Por traz dellas via a gente ignorante levantar-se, temerosa e apavorante, a avantesma do recrutamento, — a farda ás costas, o *páu-furado* ao hombro, o rancho, o exercicio, a guerra... Mas d'esta vez, a avantesma que nós viamos não era essa: era a figura do amigo Carrasco, com o seu riso zombeteiro, mofando de nós... E, para contrariar Carrasco, atirámo-nos com coragem ao Recenseamento. Bom Carrasco! excellente Carrasco! amigo Carrasco!



Graças a esse admiravel Carrasco, assistimos no Rio de Janeiro a cousas assombrosas.

Como as indicações do Recenseamento diziam que era preciso mencionar na lista de cada casa "as pessoas que houvessem passado no domicilio a noite de 19 para 20 de Setembro", não houve noctivago, não houve *viveur*, não houve pandego, não houve *vieux-marcheur* que quizessem passar a noite fóra de casa!

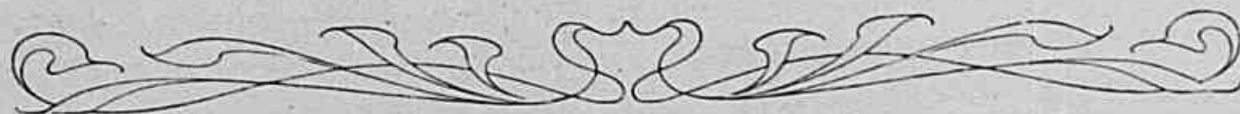
Um sujeito, que conheço, noctivago impenitente e incorrigivel, dizia-me na manhã do dia 20: "Veja você o que é a consciencia do dever civico! passei a noite em casa, cousa que não me succedia ha vinte annos?! só o Patriotismo era capaz de me forçar a um tal sacrificio.!"

A cousa foi tão extraordinaria, que varias senhoras casadas, que não se resignam com a vida desregrada dos maridos, verificando que todos elles ficaram firmes no domicilio durante aquella memoravel noite, chegam a pedir aos céus que inventem um Recenseamento por semana!



Admiravel Carrasco! que bem nos fizestes, querendo fazer-nos mal...

O. B.



A Leda Ticianesca

É o maior acontecimento artístico dos tempos que correm a descoberta de um Ticiano no Brasil, o inexcédível, o sumptuoso pintor das bellezas venezianas, o eterno admirado auctor da *Bella* da galeria Pitti, da *Flora* dos Uffizi, da *Salomé* da collecção Doria—Pamphili.

Um Ticiano no Brasil! Como? Perguntará o leitor, estupefacto.

Expliquemos o caso para satisfazer a natural curiosidade.

Vae para uns oito annos que o conhecido advogado paraense, dr. Paes Barreto, extremado amator de bellas artes e reputado bibliofilo, adquiriu um quadro velho e rude n'uma agencia de leilões de Belém do Pará, a qual por sua vez, recebera em doação *in solutum* de um expositor italiano. O estado desse quadro não poderia, de fórma alguma, inculcar a sua gloriosa origem nem mesmo ao mais experto dos primos Pons, por mais pratica, mais traquejo, maior tino que tivesse em assumptos de pesquisar obras de arte. A téla estava ennegrecida, salpicada de manchas deformadoras, *esmaltada* por compactas camadas de pessimo verniz, cruzada de rugas e vincos como se, em algum tempo e demoradamente, fôra guardada em estreito logar, o que já deixou suppôr a alguém, que sobre o facto escreveu, ser isso indício de ter sido escondida n'uma antiga patrona de soldado.

Apesar desse estado, o dr. Paes Barreto adquiriu o quadro por quantia insignificante, e o fez por ter notado o bom desenho de mão graciosa que se destacava de uma figura de mulher, mal distinguida no fundo sombrio de verniz roseo. Submettendo-o a ligeira limpeza, o illustre amator percebeu que o desenho da figura era delicado e correspondia ao magnifico trabalho da mão, que tanto o impressionára.

Immediatamente suspeitou de que a pintura estava retocada por mãos inhabeis e, com o faro de verdadeiro amator, emprenheu pa-

ciente restauração. Assim foi conseguindo resultados extraordinarios, que, dia a dia, a mais e mais o emocionavam. E a proporção que ia debastando as grossas camadas successivas do verniz, a riqueza de um colorido antigo, o delineio firme de um corpo formoso em que estava a marca de um mestre, os detalhes de uma composição que se não podia confundir com o vulgar, vinham se revelando surpreendentemente.

Atrahido por essa revelação, suspeitando de que se tratava de uma obra prima, e já fatigado com os trabalhos restauradores, chamou para ajudal-o nesse mister um pintor, que alli residia, conhecido pelo nome fidalgo de Dom Francisco da Silva y Estrada. Foi esse pintor que, por mais saber profissional, conseguiu esburgar da téla os rudes retoques e as crôstas de verniz. Ainda não era tudo, mas já se podia prever o seu inestimavel valor, porquanto, retirado um grosseiro pannejamento vermelho, visivelmente estranho á primitiva pintura, appareceu a sola de admiravel pé direito, tão bem desenhada e de tal modo pintada que só um mestre a faria com equal perfeição!

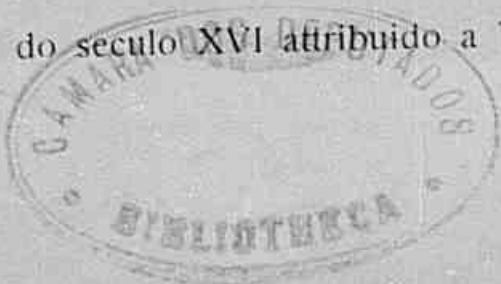
Estava, pois, revelada a obra. Mas, qual o seu auctor? A opulencia do colorido, a correcção do desenho, a natureza do assumpto, faziam-na suspeitar de um mestre italiano, muito provavelmente da forte e brilhante escola veneziana. Mas, quem?

A figura, uma magnifica mulher deitada em terreno de prado, tendo a cabeça sobre largo e fôfo pannejamento, deixava vêr que se tratava de uma dessas muitas Ledas, tão caras aos artistas do Renascimento italiano, e porque alli estava um ardente cysne, d'azas levantadas. Certo que isso já desvendava uma pequenina parte do mysterio. O assumpto era indiscreto. No seculo XVI raros foram os pintores que o desprezaram. Veronezo, Sodoma, Tintureto, André del Sarto e o proprio Raphael não escaparam á tentação da bella mulher de Tyn-daro. Cada um delles, por sua vez, fez-se Jupiter metamorphoseado em cysne, sem duvida menos feliz que o grande deus seductor. Não obstante essa coincidencia, nada mais havia que lhe indicasse a origem.

De mais, o fundo do quadro persistia obscuro, sob retoques successivos; o cysne, esse,



LEDA—quadro veneziano do século XVI atribuído a TIZIANO — 1^m 055 × 1^m 025



contrastava por mal acabado com a delicadeza e perfeição do quanto apparecera; não separavam outras minucias que affirmassem particularidades de estudados mestres... Não descansou, porem, o dr. Paes Barreto. Fez uma viagem á Italia e mostrou o seu quadro a diversos directores de museus e amadores. A uma voz todos concordaram em o considerar obra feita em Veneza, no seculo XVI, arriscando alguns que os vermelhos trahiam o Ticiano.

Partiu o dr. Barreto para Paris e alli entregou a tēla aos cuidados dos peritos restauradores do Museu Nacional do Louvre, os srs. François Touret e René de Waele que, depois de longo trabalho de um anno, o recompuzeram quasi totalmente no seu valor primitivo. O fundo reapareceu. E' identico aos de muitos quadros do grande mestre: a sua paizagem caracteristica.

A posição da mão direita, com o dedo minimo levemente erguido, e o pollegar afastado da palma, o pannejamento cujas dobras affectam a forma de um V invertido, e particularmente a mistura dos verdes com os vermelhos, donde resultavam effeitos não communs, levaram os peritos a attribuil-o a Ticiano, e do que passaram documento. Falta a restauração do cysne, o qual o dr. Barreto suppõe não ser o pintado pelo mestre.

Alem dessas provas, que se não são positivas muito contribuem para authenticar a procedencia do quadro, o illustre critico, sr. Albert Flament, adduz outras de importancia. Diz elle: «O celebre Morelli conta que os quadros

do palacio Doria, em Roma, alguns foram perdidos e outros deviam ter sido transportados para a villa Pamphili. Ora, Gerard de Lairese, no seu *Grand Livre des Peintres* (traducção franceza de 1787, 1º volume, paginas 200) menciona uma *Leda*, de Ticiano, e Siret, no seu *Dictionnaire des Peintres* faz della menção entre os quadros existentes no palacio Doria, assim como outros escriptores, entre os quaes Lalanne, Renier etc.

«Ha para mais de duzentos annos que a *Leda* de Ticiano, do palacio Doria, está perdida como tambem está o retrato do almirante André Doria do mesmo artista... A *Leda* do sr. Paes Barreto será a do palacio Doria? Antes de tudo, nos fallecem provas para uma affirmativa. Mas, á falta de outros documentos, a mesma tēla pode provar a sua authenticidade por suas proprias qualidades e certos signaes com que os peritos geralmente não se enganam...»

E aqui téem os leitores a historia desse quadro, que hoje está provocando o maior interesse em todos os centros de arte.

Pelo documento, de que são signatarios os srs. Touret e Waele, póde-se desde já considerar-o obra do grande mestre veneziano, e a esse julgamento vem dar força as citações do sr. Flament. Mas, a par da grande satisfação que tão feliz acaso nos traz, fica-nos o pezar de não poder a nossa patria adquirir essa obra.

Isso é que lamentamos.

G. D.



Os Delegados e secretarios á 3ª Conferencia Internacional Americana

CÂMARA DOS DEPUTADOS
BRASIL

BRAZIL

PRESIDENTE DA CONFERENCIA



DR. ASSIS BRAZIL



DR. GASTÃO DA CUNHA



DR. JOAQUIM NABUCO DE ARAUJO



DR. XAVIER DA SILVEIRA



DR. PANDIÁ CALOGERÁS



DR. AMARO CAVALCANTI



DR. ALFREDO DE M. GOMES FERREIRA



FONTOURA XAVIER

CAMARA DE LOS DEPUTADOS
ESTADOS UNIDOS

ESTADOS UNIDOS

América



HONOURABLE A. J. MONTAGUE



HONOURABLE WILLIAM F. BUCHANAN



DR. L. S. ROWE



VAN LEER POLK



DR. PAUL S. REINSCH



TULIO LARRINAGA



H. FLETCHER NEIGHBORS



CHARLES RAY DEAN

Messers & Co



Dr. JOSÉ A. TERRY



Dr. JOAQUÍN V. GONZÁLEZ



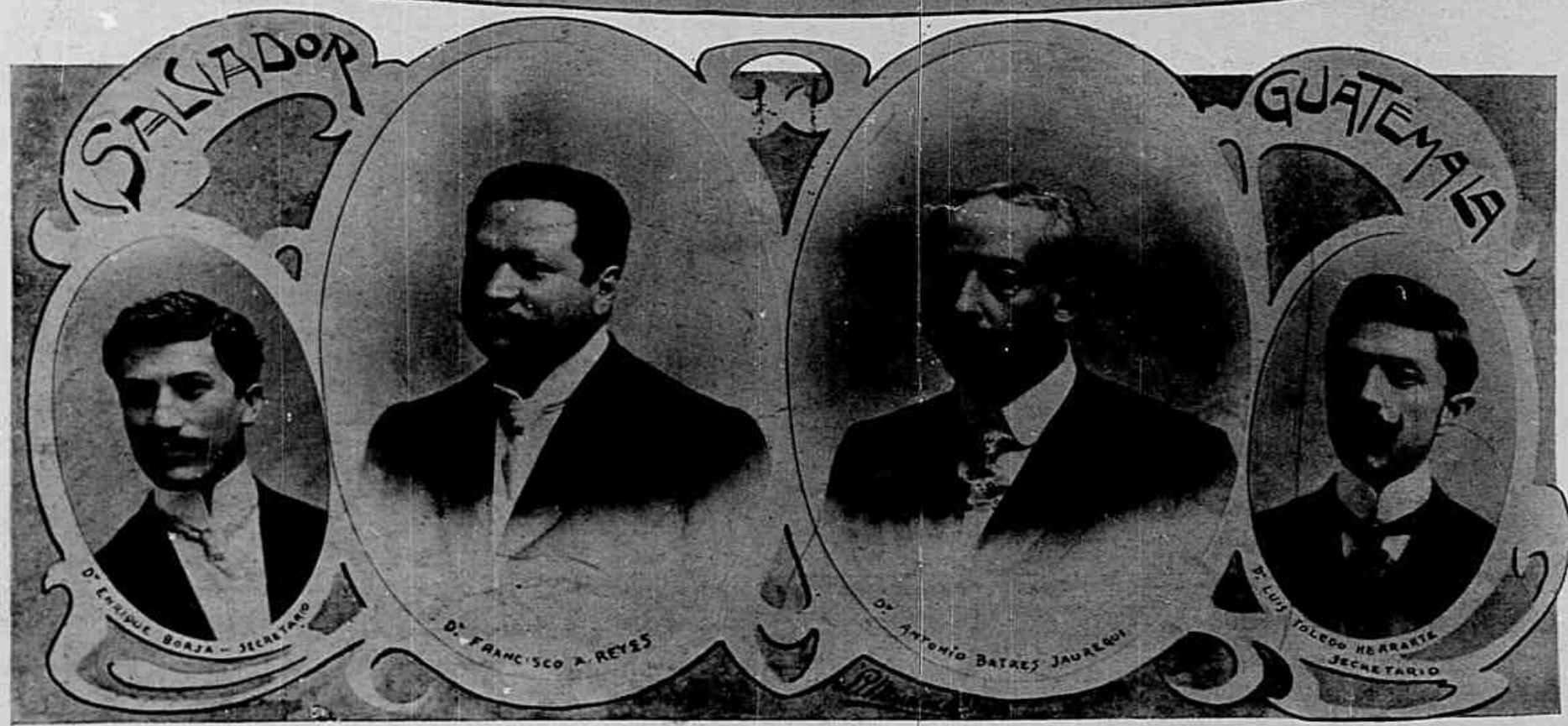
Dr. EDUARDO BIDAU



Dr. CARLOS ALFREDO BECU



Dr. CLODOVEO M. NAÓN



Dr. ENRIQUE BORJA - SECRETARIO



Dr. FRANCISCO A. REYES



Dr. ANTONIO BATRES JUARROS



Dr. LUIS TOLEDO HERARTE - SECRETARIO

COMARCA DE REPUBLICA
BOLIVIANA

CUBA



D. GONZALO de QUESADA



D. JOSE A. GONZALEZ LANUZA



RAFAEL MONTORO



ANTONIO RUIZ OLIVARES
SECRETARIO



FRANCISCO RUIZ GUSMAN - SECRETARIO

BOLIVIA



D. CARLOS J. ROMERO



D. ANGEL DIEZ DE MEDINA



D. ALBERTO GUTIERREZ

L. Masera & Cia

MEXICO



DR. FRANCISCO LEÓN DE LA BARRA



RICARDO GARCÍA GRANADOS



RICARDO MOLINA-HÜBBE

COLOMBIA



GENERAL RAFAEL URIBE URIBE



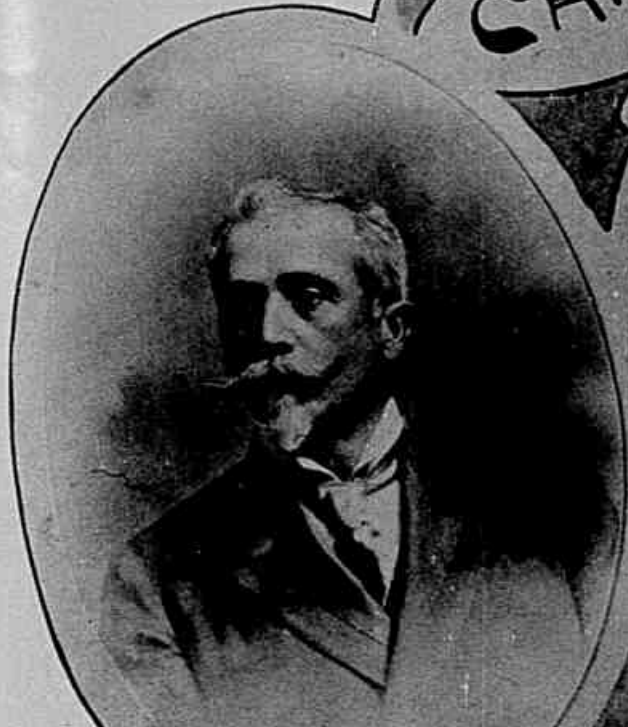
RAÚL DEL CASTILLO



DR. GUILLERMO VALENCIA

PANAMA ESTADOS

CHILE



DR. ANSELMO HEVIA RIQUELME



DR. JOAQUIN WALKER MARTINEZ



DR. ADOLFO GUERRERO



JULIO PHILIPPI



DR. LUIS ANTONIO VERGARA



BENJAMIN V. SUBERCASEAUX



E.C. JOUBERT



JOSE DOMINGO DE OBALDIA

DOMINICOS

PANAMA

L. Musso & Co.

EQUADOR



JUAN CASTELLANOS PUERTO



EMILIO ARIVALO



TENIENTE-CORONEL OLMEDO ALFARO



LUIS F. COREA

NICARAGUA



Dr. MANUEL ECHEVERRIA
MILLERSON & CO.



L.A. ESQUIVEL



C.M. A. J. AGUILAR

COSTA

RICA

HONDURAS



FAUSTO DÁVILA



JUAN RAMON MOLINA

URUGUAY



DR. MARTIN MARTINEZ



DR. LUIZ MELIAN LAFINUR



DR. SAMUEL BLIZEN



DR. GONZALO RAMIREZ



DR. ANTONIO MARIA RODRIGUEZ

B. Musso & Co

PERU



ANTONIO MIRO QUEZADA

EUGENIO LARRABURE Y UMANUE

ANIBAL MAERTUA

MARIANO CORNEJO

PARAGUAY



ARSENIO LOPEZ DE LOUO

MANUEL GONDRA

ESTANISLAO TOBYASA

GUALBERTO CARDUS Y HUERTA

O TEMPO

QUERENDO o príncipe offerecer ao Templo uma imagem de Apollo digna do edificio grandioso que mandara construir para honrar a divindade esplendida e levar, pelos seculos vindouros, a fama da sua grandeza, convocou os mais celebres estatuarios do reino para uma conferencia em palacio.

Apresentaram-se tres artistas, qual delles de maior nomeada.

Disse-lhes o príncipe o que pretendia ajuntando, com largueza, que não fazia questão de preço e que pedissem tudo quanto julgassem necessario á bôa execução da obra d'arte, que devia ser bella e solidamente feita para que deslumbrasse e resistisse aos seculos.

— Senhor, disse o primeiro estatuario, dai-me ouro e eu vos trarei uma estatua tão bella que no dia em que for installada no Templo os homens da terra terão a illusão de estar contemplando o proprio conductor do carro do sol. E o príncipe ordenou que se cumprisse a vontade do artista.

— Senhor, disse o segundo estatuario — farei de prata o corpo, farei de ouro as vestes e cobril-as-hei de pedras preciosas. Será tão formosa a imagem que os deuses baixarão do Olympo para contemplal-a e, de pé, no altar do Templo, dispensará a luz do sol e a claridade das lampadas porque os raios que despedir illuminarão gloriosamente o recinto.

E o príncipe ordenou que fosse satisfeito o desejo do artista.

Foi a vez do terceiro estatuario. Era um velho, de barbas brancas, tão longas que lhe chegavam á cinta. Caminhava lentamente e, curvando-se ante o príncipe, falou com respeito e modestia:

— Senhor, dai-me um bloco de marmore puro e tempo para que eu nelle trabalhe e procurarei fazer o maximo que a um homem é dado fazer.

Foram-se os tres esculptores com o que haviam pedido e, em todo o reino, não se falou, durante mezes, em outro assumpto senão no concurso chamado «divino». Ainda ia em meio o primeiro anno quando o artista que pedira ouro appareceu orgulhosamente na corte com o seu Apollo.

Foi um acontecimento e não faltou quem louvasse a grande actividade do modelador.

Descoberta a figura foi um deslumbramento: a imagem irradiava como o proprio sol. Mas um perito, adeantando-se á turba, poz-se a mostrar defeitos que muito comprometiam o trabalho e outras vozes criticaram, uma a expressão, outra a attitude; esta notava a falta de magestade, aquella as desproporções.

Vale porque é de ouro», disse por fim o perito.

E o príncipe, desgostoso, mandou fundir em moedas a estatua que fôra destinada á adoração dos crentes.

Pouco tempo depois annunciou-se o segundo estatuario.

Ainda que o seu trabalho revelasse maior esmero não o acharam, todavia, digno de occupar o solio em que devia ser erigida a imagem olympica.

«E' bella e é rica, refulge, mas falta-lhe magestade — é uma linda figura humana e nós queremos um deus.»

E a estatua de prata e ouro, com recamos de pedrarias, ficou ornando uma das salas do palacio.

Do terceiro estatuario não havia noticia e já corriam murmurações ironicas, boquejos de menoscabo: «Desistio da empreza. Era velho de mais para trabalho que exige inspiração viçosa. Anda, sem duvida, a fazer figurinhas, como as de Tanagra, para vendel-as aos forasteiros.»

Uma manhã, porem, com surpresa de todos, appareceu o velho em palacio com o seu «deus» envolto em pannos de linho.

Ainda que ninguem confiasse no seu trabalho, juntaram-se todos os cortezaes em palacio, só por subserviencia ao príncipe e os serviçaes descobriram a imagem. Houve um movimento de espanto. Maravilhados, embevecidos quedaram todos contemplando a figura olympica, Apollo, o magnifico — que, de pé sobre nuvens, a cabeça aureolada de raios, o olhar sublime, parecia dominar serenamente os homens.

«Este sim! Este é Apollo augusto! bradaram. Este é o deus solar, dominador da altura.» Descendo do throno o príncipe felicitou o artista e depois de o haver engrandecido com palavras de louvor perguntou:

— A que deus pediste a graça de tão formosa inspiração?

— Ao Tempo, senhor. Outros exigiram metaes e pedras preciosas, a mim bastou o marmore puro. Para enriquecel-o eu contava com o Tempo. Se para uma curta viagem são necessarias muitas horas como havemos de affronter os seculos de afogadilho?

A inspiração é a flor do genio, mas não exijamos que ella dê fructo saboroso logo que desabroche. E' preciso deixar que o Tempo faça o seu officio. Se um deus me patrocinou foi a Paciencia, se um demonio comprometteu a obra dos que me precederam, foi a Pressa. Senhor, os seculos são longos e quem se destina a atravessal-os deve ir de vagar. Quereis saber como se consegue a Eternidade? com o Tempo.

O NOVO COURAÇADO MONSTRO

O grande couraçado britannico que tem sido o alvo de todas as cogitações dos circulos navaes do mundo representa a maior revolução que se tem operado em construcção naval.

O *Dreadnought* é da concepção do notavel constructor inglez Sir Philip Watts, actualmente o chefe das construcções navaes do almirantado, mas os seus planos foram previamente discutidos pelos mais notaveis profissionaes, os mais reconhecidos technicos, os eminentes homens de sciencia do paiz, porquanto o governo e com elle o Rei, tinham em vista construir um navio que enfeixasse as licções da campanha naval do Oriente, segundo o criterio imperante na maioria dos competentes. Para conseguir esses esforços secundando os trabalhos, tanto na ordem de traçar os planos, como de fazel-os executar com a maior brevidade, a Inglaterra encontrou em Sir John Fisher, o illustre primeiro lord maritimo do

Almirantado, o mais valioso auxiliar que podia esperar.

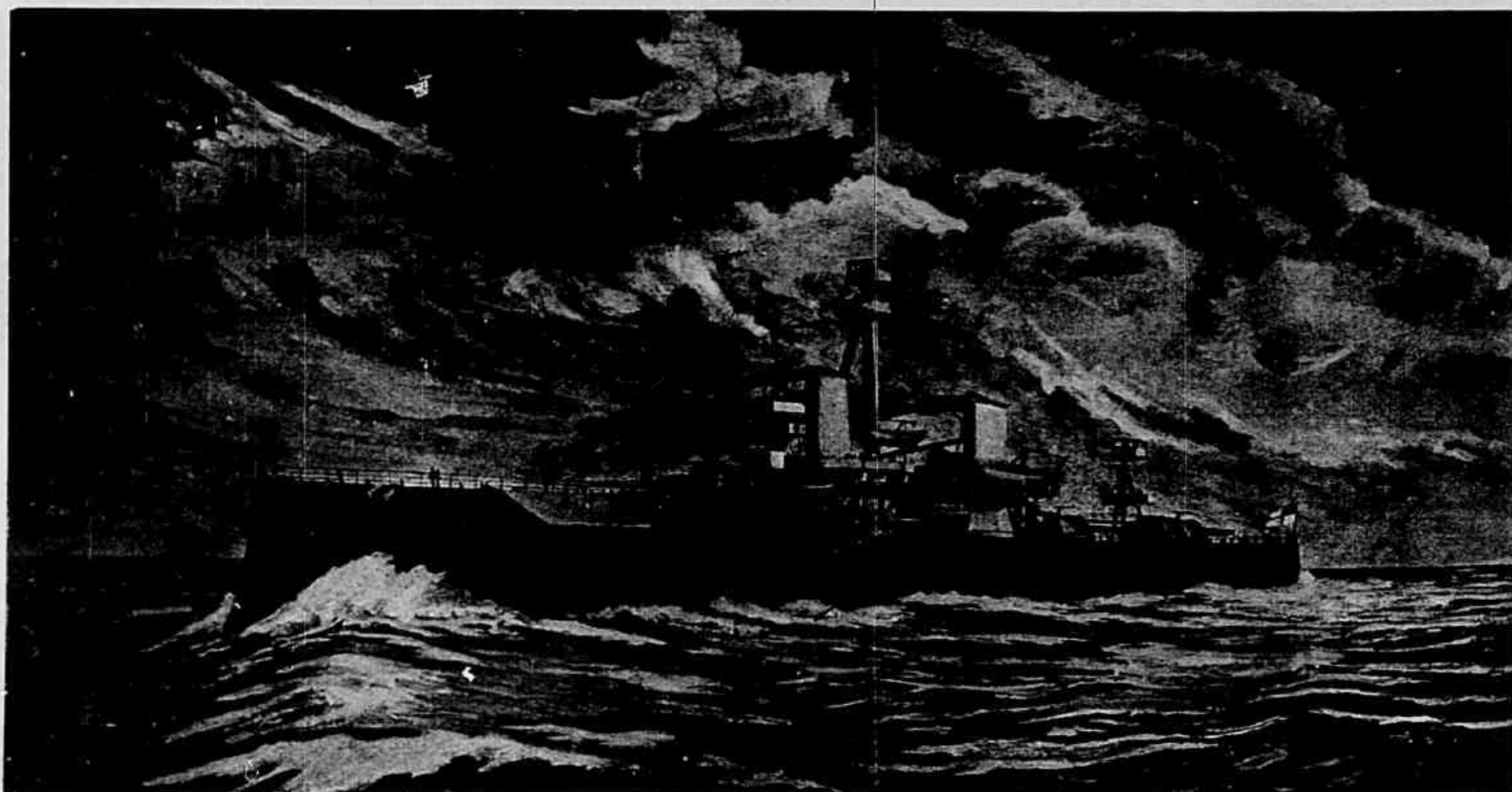
De facto, o novo monstro do mar, revolucionou todos os antigos principios que governavam a construcção dos navios couraçados.

O navio é do deslocamento de 17.900 toneladas, quando em carga maxima. As suas principaes dimensões são:

Comprimento, 490 pés; bocca, maior largura, 82 pés; calado, parte submersa, 26 pés e 6 pollegadas.

O motor do navio é fornecido pela grande firma de Vilkers, Sons & Maxim, do systema de turbinas, com todos os mais modernos aperfeiçoamentos, para dar atraz, obedecendo promptamente á ordem; para a marcha economica. Tem a força de 23.000 cavallos vapor com calado natural. A velocidade maxima é de 21 nós. A capacidade carvoeira em carregamento natural é de 900 toneladas, com tanques de oleo. O peso do casco, incluindo a couraça é de 11.000 toneladas.

O armamento consiste de 10 canhões de 12 pollegadas ou 305 ^m/_m, com 50 calibres de comprimento, modelo Woolwich, e mais 27 canhões anti-torpedicos de 12 libras, tiro rapido. O navio tem ainda 5 tubos submersos



para torpedos de 18 pollegadas de diametro — modelo Whitehead.

O navio cahio ao mar em 24 de Outubro de 1905 dos estaleiros reaes de Portsmouth, cerimonia que foi realçada com a presença do Rei Eduardo VII, e deve entrar em experiencias até o fim do corrente anno.

O seu commando foi dado ao Capitão de Mar e Guerra Bacon, o commandante mais em evidencia na marinha ingleza e notavel especialista em submarinos.

Do *memorandum* explicativo que o Almirantado publicou sobre as novas construcções inglezas, d'onde extrahimos esses dados, que em alguns pequenos detalhes contradizem o nosso anterior estudo critico, ainda se sabe que: « a vista da potencialidade dos modernos torpedeiros, e considerando especialmente as probabilidades dos ataques no final do combate, considerou-se necessario separar os canhões e tiro rapido, afim de não serem desmontados por um unico tiro. Nos diz mais o citado *memorandum* que:

Afim de dar ao navio boas qualidades marinheiras e augmentar o commando dos canhões de vante, o castello de proa tem a elevação de 22 pés, a maior elevação que tem sido dada a qualquer navio de guerra.

O armamento foi disposto em cinco grandes torres couraçadas, cuja disposição mostra o cuidado em tornar o navio apto para aceitar a lucta de qualquer lado que appareça, dispondo para o fogo de caça de 6 canhões, para o de retirada, ainda de 6, e para o lateral, o mais provavel de 8.

Em todas as menores particularidades os planos do famoso *Dreadnought*, alteram radicalmente o conceito até então director da construcção de couraçados.

Em artilharia unifica o calibre principal, e conjuga os canhões em torres, cada qual tendo sua vida em separado.

Em machinas utiliza as modernas turbinas, systema Parsons, que imprimem ao navio a maior velocidade obtida em um navio typocouraçado de esquadra.

O almirantado se preoccupou muito com esse assumpto e foi levado á utilização das turbinas, pelas vantagens que realmente existem n'esse systema de machinas, conhecendo os resultados das experiencias comparativas entre

o *Eden* e o *Waveney* o *Amethyst* e o *Saphire*, alem do esplendido resultado do vapor de passageiros *Carmania* da companhia Cunard.

O couraçamento obedeceu ao principio inglez da melhor protecção no sentido vertical, com augmento de espessura nas extremidades. Nos informa o citado *memorandum* do almirantado; pag. 4:

A principal couraça é de 11 pollegadas de espessura, reduzindo-se a 6 pollegadas para a extremidade de vante e 4 para a de ré; a extensão vertical varia de 11 á 8 pollegadas de espessura; as torres d'artilharia e a torre do commando tem a espessura maior de 11 pollegadas, e a segunda torre de ré, tem menos, a de 8 pollegadas; a protecção do convés varia de $1\frac{3}{4}$ á $2\frac{3}{4}$ pollegadas de espessura.

Em todos os detalhes o almirantado foi minucioso, e alterou a pratica antiga. O alojamento do almirante, commandante e officiaes foi transferido de ré para vante, por offerecer maior conforto, rompendo com o antigo pre-conceito.

Toda a attenção foi dispensada ás medidas de protecção do navio contra as explosões submarinas. Todas as divisões abaixo do convés principal, que estará 9 pés acima da linha d'agua, são inteiriças, salvo para dar passagem aos fios electricos ou aos outros meios de communicação. Elevadores e outros arranjos especiaes foram installados para facillitar o accesso e a communicação entre os varios compartimentos.

O raio de acção do navio será de 5.800 milhas com a velocidade de $18\frac{1}{2}$ nós horarios.

O navio tem carvoeiras para 2.700 toneladas de carvão em carga maxima, alem dos tanques para o combustivel liquido. No calculo do raio de acção não foi considerado o emprego do combustivel liquido, o que lhe dá maior raio.

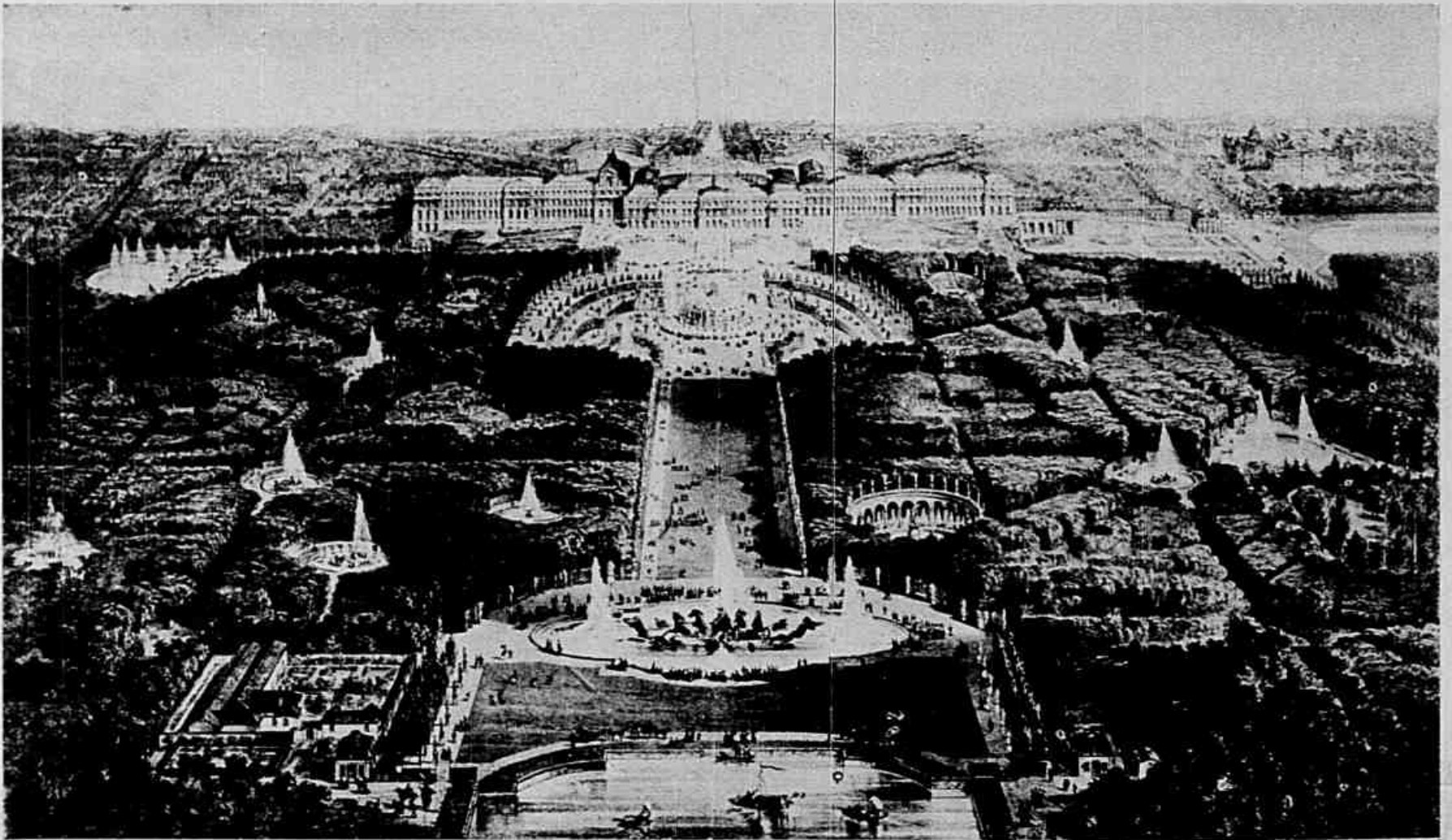
São esses os traços geraes do navio monstro que tanta discussão tem suscitado no mundo naval, e que determinou a reforma de todos os programmas navaes das grandes nações preponderantes, forçadas a ceder á evidencia de que o grande navio, carregando o grande canhão é o elemento mais effizaz para a victoria.

ARMANDO BURLAMAQUI
Capitão-Tenente d' Armada.

KOSMOS

VERSAILLES

A Souza Bandeira, companheiro
e testemunha da profanação de Ver-
sailles.



PANORAMA DE VERSAILLES

Em Junho. O bosque antigo
Reverdece ao calor
Amigo
Do claro estio em flor.

A floresta se expande.
Cresce e se encontra com
O grande
E o pequeno Trianon.



615

PARQUE DO PEQUENO TRIANON

PARQUE DO PEQUENO TRIANON — O VESTIARIO

Flores, taçoes vermelhos,
 Renda, pluma, espadim,
 Espelhos
 D'agon mausa e sem fim:

Jorro das agoas raras
 Em cascatas de luz,
 Tão claras
 Como alvos corpos nus:

Amores, galanteios,
 Cabelleiras em pó,
 Gorgeios
 Em lá, em mi, em dó:

Versos, folhas de outono,
 Rubra, ardente palção
 Sem dono
 Buscando um coração:

Palavras luminosas,
 Embebidas em mel
 De rosas,
 Mas com travos de fel:

Rubras boccas sorrindo,
 Galanteios sem par,
 Infundo
 Rumor de beijos no ar:

Banquetes na floresta
 Em formosas manhuas...
 Que resta
 D'essas festas louçans!

—As arvores, as agoas
 Vagas recordações,
 As magoas
 Dos alegres serões...

Mas lá na estrada um denso
 Pó se eleva como um
 Immenso,
 Ponto, negro Simoum!

E a Chimera abelhuda,
 Sem peias e sem lei,
 Saída
 O prestito do Rei.

De cortezãos o enxame
 Festeja em tom bemol
 Madame
 Maintenon e o Rei-Sol.

E' a gente nobre e fina...
 —Mas que som de brutal
 Bozina
 Entre o prestito real!

E' o signal para a caça,
 E' o halali atroz—
 Que passa
 Como magoada voz...

Vão é quem cre' no sonho!
 —Depois do pó fugaz,
 —Medonho
 Barulhento e feraz.

Apparece aos abalos,
 Cór de sangue, com cem
 Cavallos,
 Um automovel em

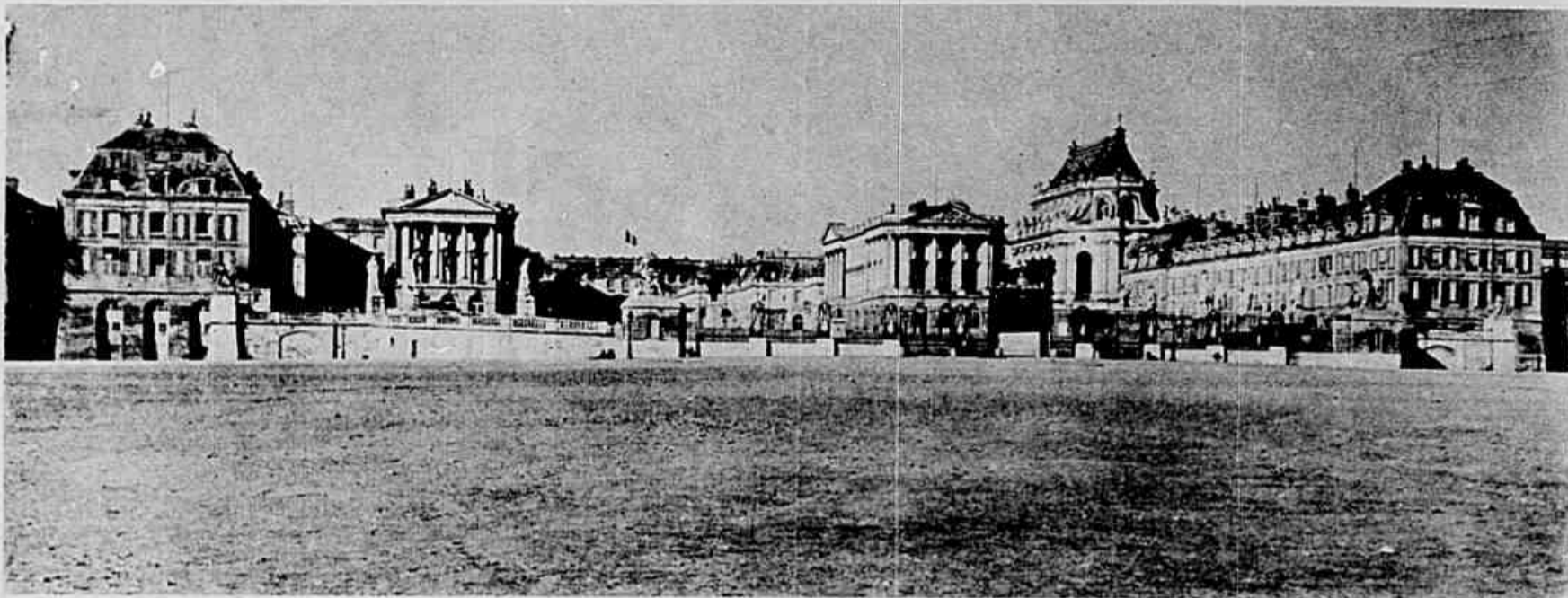
Versilles! No bosque antigo,
 Todo verde ao calor
 Amigo
 Do claro estio em flor...

Sob o esplendor do sol levanta-se o castello
 Todo cercado de jardins,
 Como uma muniã real, senhor fidalgo e bello
 Com a caveira com jasmĩns,

Talvez que guarde o mesmo antigo e nobre aspecto,
 A mesma f3rma, a mesma c3r,
 Mas como no alfinete o desgraçado insecto
 Que assassinado sangra em d3r,

E' como o olhar sem luz, como o corpo sem alma,
 Como uma bocca jã sem voz,
 Uma rua deserta onde nã ha viv'alma
 E as sombras negras andam s3s,

Nas portas dos sal3es, nas vastas galerĩas
 E mesmo at3 nos quartos reaes,
 Surgem os vendilh3es d'albuns, photographĩas,
 Lembrançã vans, cart3es postaes,



PALACIO DE VERSAILLES. — FACHADA PRINCIPAL

No alto de um grande mastro a tricolor panneja
 A' viraç3o fresca do sul,
 Tã solta sobre o c3o como uma aza que aleja
 Leve, vermelha, branca e azul,

E' uma ruĩna em flor, rebrilhante e doirada,
 Uma lembrançã que morreu,
 Com guĩas, com cartaz, publica, profanada,
 Servindo agora de museu,

"Chambre à coucher du Roi", — diz o guia na frente
 Com ar de quem faz um leilã:
 E arranja com cuidado ante o leito esplendente
 Um *calenbour* sensaborã,

E ante as evocaç3es de Luiz XIV, um bando
 De inglezes com cachimbo e com
Bonnet, pasma mirando, olhando, commentando
 Vendo si o real colchã3 3 bom,



PARQUE DE VERSAILLES. — A COLUMNADA

Era um dia festivo em que as pompas e as galas
 Sorriam nos jardins, nos bosques, e nas salas,
 Rebrilhantes, esplendidas,
 Os nobres cortezães, damas e palatinos,
 Recobertos de seda e de velludos finos,
 Solemnes, magestáticos

Esperaram que o Rei surgisse e que lhes desse
 Ordens para cumprir, pois que o Rei s3 merece
 Dos fidalgos opĩparos
 A airosa, nobre curva em que o dorso vergado
 E' como o do aerobãta e do singelo creado
 Grave, discreto, humillimo,

Iam rir nesse dia as mulheres formosas
 Com pilherias de c3rte e phrases decorosas
 E as facecias de um comico,
 — Um comico que o Rei muita vez applaudia,
 (Homem s3rio e formal, de alta, de real valia),
 — Comico aristocratico,

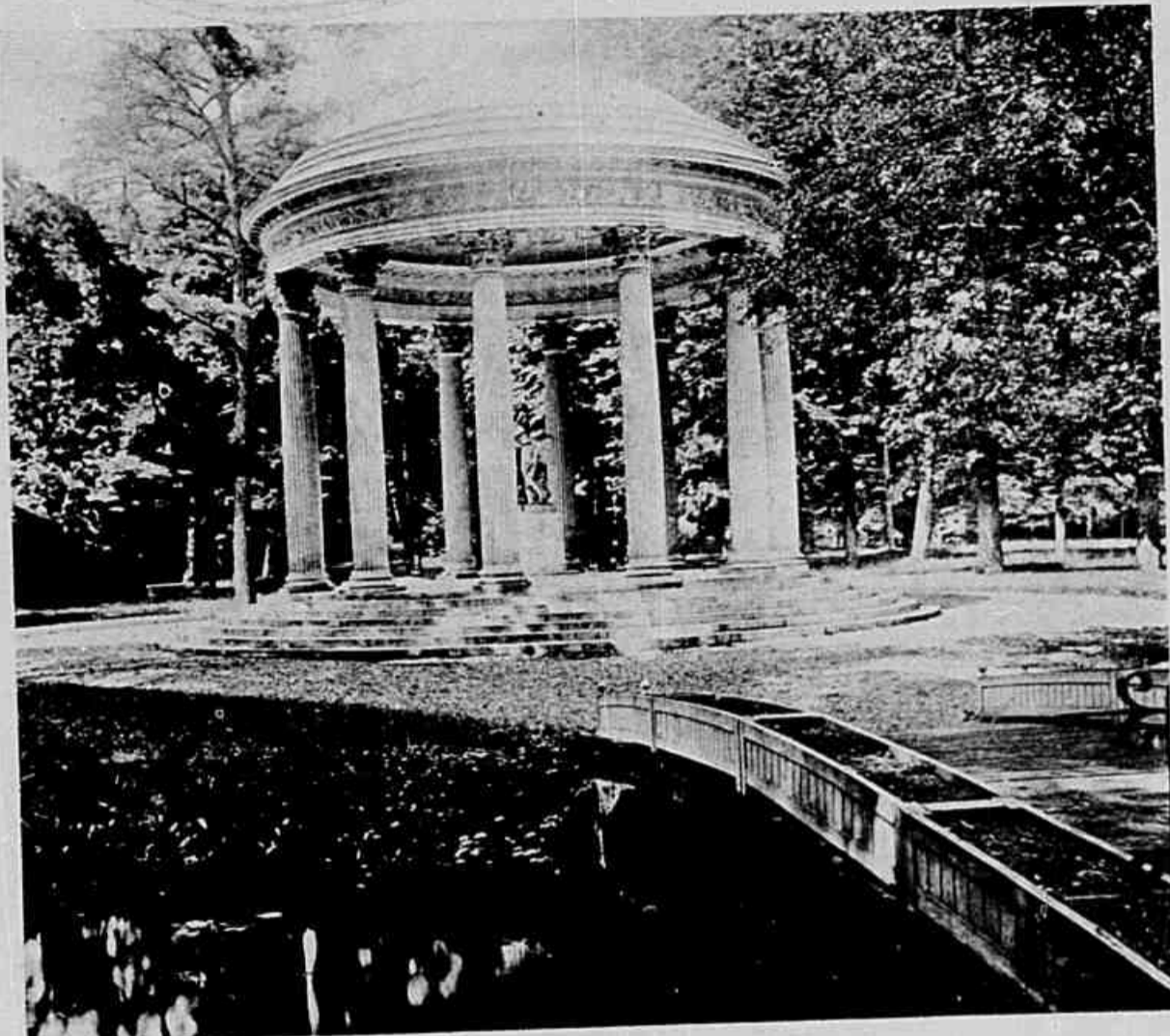
A festa era um pretext3 em que os nobres amantes,
 Misturando o seu riso ao riso dos farçantes,
 Francos, claros, liberrimos,
 Podiam contemplar os desnudados collos
 Das amantes, e amar, livres dos protocollos
 Por entre os bosques lubricos...

Quem seria capaz de conservar-se triste
Ao surgir no tablado o grande JEAN BAPTISTE
POQUELIN, o sarcástico
MOLIÈRE, si o Rei, de maneira indiscreta,
Hia sempre ao ouvir uma allusão secreta
Entre disfarce e symbolos.

Muitas vezes alguns d'entre os espectadores,
Applaudindo, ou sorrindo, ou tecendo louvores,
Faziam-no sem emphase,
Pois viam que no palco os actores e actrizes,
Pondo os typos em scena eram perversos juizes
Das consciencias lethargicas...

Mas o Rei applaudia, e imitar o monarcha
E' peso que um qualquer serenamente abarca
Sem esforço e com exito;
E a assembléa applaudindo amor, zelos, arrufo,
Sorria a *Spanarello*, ao *Acuro*, ao *Tartufo*
E as *Preciosas Ridiculas*...

Ah! mais uma illusão! Não é da festa nobre
Esse alegre acordar que o campo em torno cobre
Como um rumor de crótalos;
—A garotada applaude e festeja um palhaço
Que n'um carro do circo, engalanado e a passo
Annuncia o espectáculo...



IV

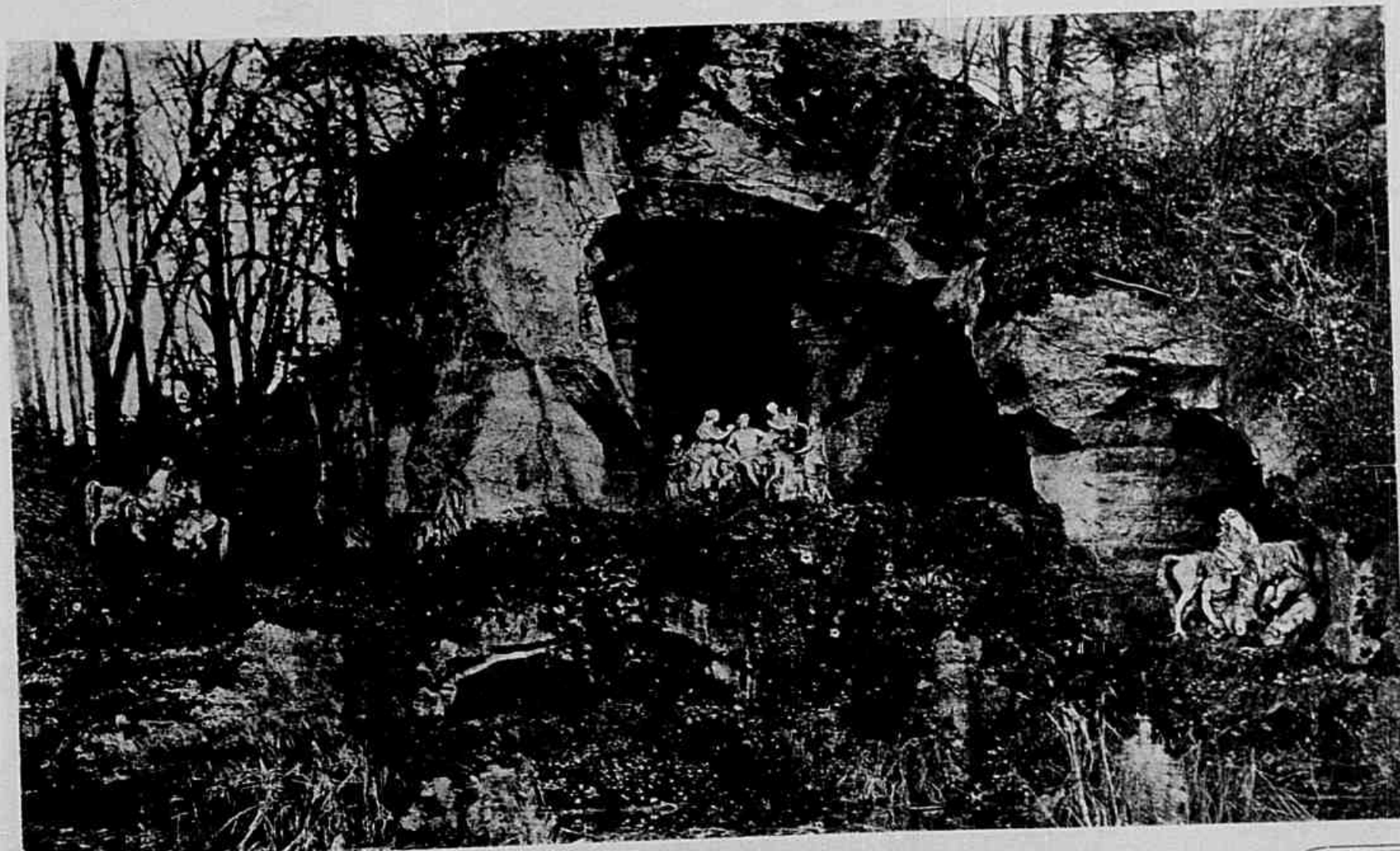
PALACIO DO PEQUENO TRIANON. — O TEMPLO DO AMOR

Juneto aos *Banhos de Apollo*
Vôa, sujando o solo,
Ensejado papel;
E um cheiro de presunto
Sôbe e se espalha juneto
De opiparo farnel.

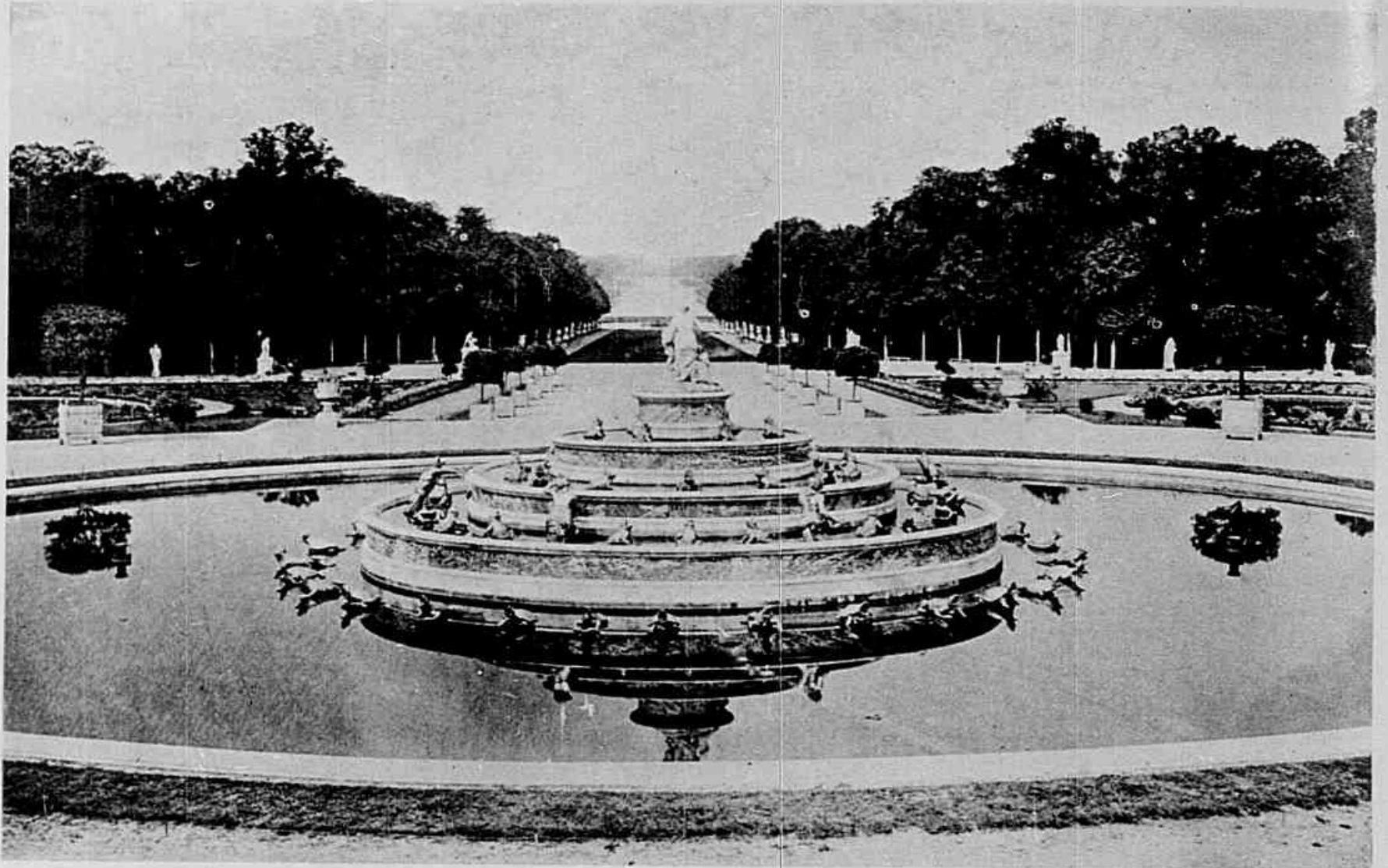
O nobre, antigo bosque
Já tem aros de kiosque;
E parece um doblique
Ver assim repimpados
Burguezes desalmados
Fazendo pique-nique!

Elegancia, etiqueta
A' Maria-Antonietta,
Versos, rendas, Watteau,
Memórias e lembranças,
Sorrisos, loiras tranças,
—Tudo, tudo passou!

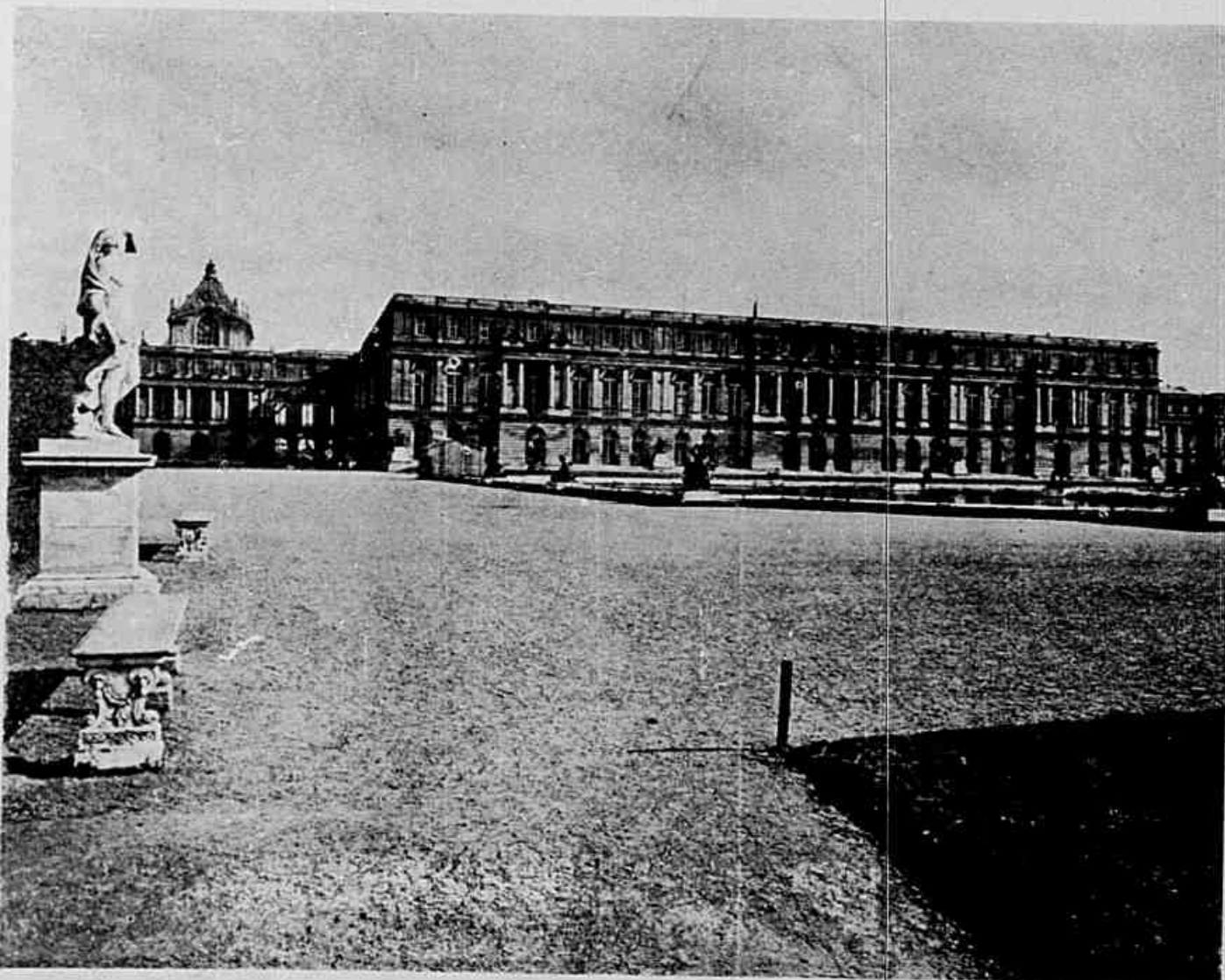
Adeus, frescos rumores,
Adeus, cheirosas flores,
Adeus, prados formosos!
Ficæ com vossos guias,
Manhans, noites e dias
Dando sombra aos gulosos!



PARQUE DE VERSAILLES. — OS BANHOS DE APOLLO



PARQUE DE VERSAILLES — BACIA DAS RÃS



CASTELLO DE VERSAILLES — LADO DO PARQUE

V

E' noite: cãe a tarde,
 E no rubro arrebol,
 Covarde
 Heróe, se esconde o sol,
 A floresta se oculta
 Na terra: e a fulgurar
 Avulta
 Tranquillo, manso luar,
 Das arvores a fronde
 Embuçada no céu
 Esconde
 Os ninhos com seu véo,
 O velario profundo
 Abre os olhos de luz
 Ao mundo
 E refulge e reluz,
 E só dentro da treva,
 Mudo, o palacio real
 Se eleva
 Fantastico, espectral,
 Brilha na noite escura
 Como vigia fiel
 A altura
 Da esguia Torre-Elffel,
 Surgem os pyrilampos
 No bosque, no jardim,
 Nos campos
 N'uma ronda sem fim,
 Sob a doirada messe
 Versailles se encantou:
 Parece
 Mudo, immerso Pierrót...

THOMAZ LOPES.

Euenterrabia - 26-Julho-1906.

A MORTE DO ZUMBY

Foi quando ainda dominavam Pernambuco os Holandezes, que miseros escravos escapos ao eito, devassando os asperos sertões das Alagoas foram respirar um sopro de liberdade na selva que se adensava por entre palmeiras extensas, cobrindo largos tractos de terreno ainda inculto, ali fundando o seu Mocambo, destinado mais tarde a celebrisar-se com a heroica resistencia a quantas expedições procuraram desbaratal-o.

Numero reduzido a principio, foi aos poucos augmentando com os contingentes que, raros, chegavam, até que espalhando-se a noticia de sua existencia, levou mais numerosas buscaram o rumo dos Palmares ali concentrando gente que attingiu segundo chronistas da epoca a 30.000 almas.

Afeitos á vida da selva, miseros seres arrancados aos sertões adustos da Africa Equatorial, costumados ao rude labor sob o latego senhoreal, não lhes empeceu o prosperar a bruteza da matta que fechava a terra ubere, logo aceirada para o lavradio remunerador.

Assegurada a subsistencia pela lavoura, prestes se levantou o grande Mocambo dos Palmares em torno do Outeiro da Barriga, que em 1680 contava cerca de 1500 casas e teve por nome *Macaco*, porque naquelle logar os primeiros chegados haviam morto um desses quadrumanos (1).

Resentindo-se o gremio da falta de mulheres, e já um tanto mais audaciosos pelo numero, desceram os quilombolas ás proximidades dos Engenhos e Povoações da Capitania e ali começaram a raptar suas parceiras para a vida livre em commum.

Em pouco com esse recurso duplicava a população, estabelecendo-se então uma certa regularidade no seu modo de existencia.

Foi escolhido um rei d'entre os mais valentes e experimentados guerreiros, instiuída a

(1) Habita (o Rei) na sua Cidade Real, que chamão o *Macaco*, nome sortido da morte que naquelle logar se deu a hum animal destes; esta é a Metropoli entre as mais Cidades e Povoações; está fortificada toda em cerco de pau a pique, com torneiras abertas para offenderem a seu salvo os combatentes, e pela parte de fora toda se semea de estrepes de ferro, e de foios tão cavilozos que perigara nelles a maior vigilancia; occupa esta Cidade dilatado espaço; forma-se de mais de mil e quinhentas casas; ha entre elles Ministros de Justiça pera as execuções necessarias, e todos os arremedos de qualquer Republica se achão entre elles. Esta é a principal cidade dos Palmares...

Discripção com noticias importantes do interior de Pernambuco, como Rio de S. Francisco, Porto Calvo, Palmares, Cabo de S. Agostinho, as distancias de hums logares a outros et cetera; das partes mais ferteis; costumes dos Palmares (Negros) o modo como vivem, seu regimen; dos damnos que recebem os Portuguezes delles, enfim o estado em que foram achados os Palmares; sobre a partida de Pero de Almeida contra os ditos, e a discripção do que se fez para a ruína em que vieram a cahir os Palmares.

Documentos existentes no Archivo da Torre do Tombo.

sua rude legislação, erecta uma capella em que o *Menino Deus* recebia as devoções de envolta com as mais grosseiras praticas de fetichismo.

E breve engrossou por tal modo a população do Quilombo que não foi bastante a primitiva povoação para contel-a.

Então, como medida mesmo de prudencia, disseminaram-se pelos arredores outras povoações que administravam os delegados do Rei. Diz um documento da época, existente no Archivo da Torre do Tombo e de que possue copia a nossa Bibliotheca Nacional:

«Estende-se pela parte superior do Rio S. Francisco huma corda de matta brava que vem a fazer termo sobre o Cabo de S. Agostinho, correndo quasi norte a sul do mesimo modo que corre a costa do mar; são as arvores principaes Palmeiras agrestes que derão ao terreno o nome de Palmares; são estas tão fecundas para todos os usos da vida que dellas se fazem vinho, azeite, sal, roupas etc.; as folhas servem ás casas de coberturas; os ramos de esteios, os fruitos de sustento; e da contextura com que as pencas se cobrem no tronco se fazem cordas para todo o genero de ligaduras, e amarras; não correm tão uniformemente estes Palmares que os não separem outras mattas de diversas arvores com que na distancia de sessenta legoas se acham distinctos Palmares; a saber ao Noroeste o *Mucambo do Zambí*, dezeseis legoas de Porto Calvo; e ao Norte deste, distancia de cinco legoas o de *Acotirene* e logo pela parte de Leste destes dous Mucambos chamados os das *Tabocas*; e destes ao Noroeste quatorze legoas o de *Dambrabanga*; e ao Norte deste oito legoas a *Cerca* chamada *Subupira*, e ao Norte desta seis legoas a *Cerca Real*, chamada o *Macaco*; ao Oeste desta cinco legoas o *Mucambo de Osenga*; e nove legoas de nossa Povoação de Serinhaen pera o Noroeste a *Cerca do Amaro*; e vinte e cinco legoas das Alagoas pera o Noroeste o Palmar de *Andalquituxé*, Irmão do *Zambí*; e entre todos estes que são os maiores e mais defensaveis ha outros de menor conta e de menos gente; distão estes *Mucambos* das nossas Povoações mais ou menos legoas conforme o lançamento delles, porque como occupão o vão de quarenta ou cincoenta legoas, hums estão mais remottos, outros mais proximos.»

E' corrente entre os nossos historiadores que o rei dos Palmaristas tinha o titulo de *Zumby*; ha nisso um evidente engano; o documento citado diz a esse respeito:

...«reconhecem-se todos obedientes a um que se chama o *Ganga Zumba*, que quer dizer *Senhor Grande*; a este tem por seu rei e senhor, todos os mais assim naturais dos Palmares, como vindos de fóra; tem palacio, casas de sua familia, é assistido de Guardas e Officiaes, que costumão ter as casas reais; é tratado com todos os respeitos de Rei, e

com todas as ceremonias de Senhor; os que chegam á sua presença poem logo o Gíolho no chão e battem as palmas das mãos, signal do seu reconhecimento, e protestaço da sua excellencia; fallão-lhe por magestade, obedece-se-lhe por admiraço.

...este é o Rei que os domina; as mais Cidades estão a cargo de Potentados e Cabos maiores que as governão e assistem nellas: umas maiores e outras menores conforme o sitio e a fertilidade os convida; a segunda cidade chama-se *Subupira*; nesta cidade assiste o Irmão do Rei que se chama *Zona* (Ganga Zona); é fortificada toda de madeira e pedras, comprehende mais de oitocentas cazas; occupa o vão de perto de huma legoa de comprido.»

Chegados a um certo ponto de fortaleza, começaram os Palmares a se converter em serio perigo para as povoaçoes e estabelecimentos ruraes circumvisinhos; em grandes bandos armados desciam os negros aos povoados, procurando escambo ás suas producçoes mas sempre buscando adquirir armamento para os seus aguerridos soldados.

O lavrador que com elles negociasse estava seguro de não ver assaltadas as suas lavouras; mas essa protecço, esse respeito aos quilombolas eram um incentivo á sua escravatura que breve o abandonava em busca dos *Mocambos* palmaristas.

Pouco a pouco foi se firmando no espirito dos governadores de Pernambuco, a urgencia da dispersão e aniquilamento desse grande Quilombo que perturbava toda uma extensa zona de territorio e que mais tarde poder-se-ia converter no mais temeroso dos perigos para o dominio portuguez.

Assim foram resolvidas as expediçoes que de 1673 a 1696 se succederam contra os Palmares.

Na collecço de *Consultas do Conselho Ultramarino* relativas ás Capitãias do Norte, existente na Bibliotheca Nacional podemos acompanhã-las todas.

A primeira, sob o commando do Capitão André da Rocha para nada serviu pois desde a partida começou a lavrar forte discordia entre varios cabos.

A segunda, sob o commando do Coronel Antonio Jacome Bezerra, que foi mandado assistir nas Alagoas, era composta de 600 homens, 200 com o citado Coronel, 200 ás ordens do Sargento Mór Vicente Martins e 200 commandados pelos Capitães Antonio da Silva e Gonçalo Moreira. A discordia ainda inutilisou em parte essa expediço, pois que os indisciplinados capitães se excusaram de obedecer ás ordens de Bezerra, deixando-o agir sosinho. Diz o documento de que já extractamos alguns trechos que Bezerra alcançou grande victoria matando e prendendo muitos Palmaristas.

Uma *consulta* de 18 de Novembro de 1873 nada diz sobre essa victoria mas ve-se por ella que o Alcaide-Mór de Porto Calvo, Chris-

tovão Luiz, vendo assoladas as suas lavouras pelos ousados negros, fora-lhes ao encalço com um troço de ordenanças, atacando um Mocambo que contava cerca de 700 casas e devastando-o, quasi sem encontrar resistencia.

Depois de varias expediçoes sem importancia pelos resultados, expediu o governador D. Pedro de Almeida uma outra de 280 homens com melhor organisaço, que partindo de Porto Calvo a 23 de Setembro de 1875, em Dezembro do mesmo anno travou combate com os Palmaristas, derrotando-os completamente, e estabelecendo um Arraial no lugar do combate durante cinco mezes o que impedindo os negros de cuidar de suas lavouras, levou-lhes o desanimo ao espirito.

Seguiram depois avante mais 25 legoas para o sertão, atacando a gente ás ordens do *Zambi* que derrotado e ferido por bala em uma perna fugiu precipitadamente.

Outra expediço e a mais fructuosa foi a que sob o commando de Fernão Carrilho convidado pelo governador para Capitão-Mór da conquista dos Palmares, partiu a 21 de Setembro de 1677 de Porto Calvo para o sertão. Composta unicamente de 185 soldados brancos e indios, armados e municados á custa das municipalidades circumvisinhas, em 4 de Outubro atacou Carrilho a *Cerca de Acatirene* derrotando os seus defensores. Por alguns prisioneiros soube que o Rei *Ganga Zumba* e seu irmão *Ganga Zona* se achavam com varios outros chefes em *Subupira*. A 9 do mesmo mez para esse Mocambo partiu a expediço e ali chegando só achou as cinzas da grande cidade incendiada pelos Palmares em retirada — Formou então Carrilho nesse ponto o Arraial do Bom Jesus, mandando pedir soccorros ao governador por ter sua tropa reduzida a 130 homens pelas mortes e deserçoes. Seguiu em seu auxilio o Sargento-Mór Manoel Lopes com gente, muniçoes e mantimentos. Desse arraial mandou Carrilho varias expediçoes contra os Mocambos mais proximos. Por uma dellas foi derrotada uma partida de Palmares ficando prisioneiro *Ganga Muissa* Mestre de Campo da gente de Angola, e mortos varios cabos de valor: Gaspar, Capitão da guarda do Rei, João Tapuya e Ambrosio «*afamados cossarios*».

Outra expediço enviada contra o Mocambo do Amaro, onde estava o Rei deu em resultado nova e completa derrota dos Palmaristas, ficando prisioneiros «o *Acaiuba*, com dous filhos do Rei; hum macho chamado *Zambi*, e outro por nome *Acaínene*, e entre netos e sobrinhos do mesmo Rei que se captivarão serião vinte; pereceo o *Tuculo*, filho tambem do Rei, grande *Cossario*, e o *Pacassa*, poderosos senhores entre elles e o *Rey do furor dos nossos Capitães* se retirou fugindo tão arrojadamente que largou uma pistola dourada e a espada de que usava.»

Terceira expediço enviada por Carrilho teve o mesmo resultado morrendo no encon-

tro havido entre outros muitos o *Gone*, grande potentado.

Em 29 de Janeiro de 1678 partiu Fernão Carrilho de Bom Jesus para Porto Calvo, julgando terminada a guerra. Uma força portadora de mantimentos, enviada pelo Coronel Manoel Lopes que assistia nas Alagoas encontrando um grupo de Palmaristas commandado por Gamga Zumba em pessoa, infligiu-lhe grande derrota.

Lavrando grande desanimo entre os quilombolas entendeu Carrilho propor-lhes a rendição completa, para esse fim expedindo-lhes dous emissarios, Matheus Dambi e uma negra Angola por nome Magdalena, aprisionados em combate. Ameaçava Carrilho os Palmaristas caso não se rendessem de fazer nova expedição aos seus Mocambos não lhes dando quartel.

Chegado Carrilho a Pernambuco approvou o governador o que elle fizera e enviou aos Palmares um Alferes para em seu nome intimar a rendição dizendo que Carrilho ficara preparando uma nova e poderosa expedição.

A 18 de Junho de 1678, já governando então a Capitania Ayres de Castro, chegou ao Recife o Alferes expedido por D. Pedro de Almeida, trazendo em sua companhia tres filhos do rei e uma comitiva de onze negros. (3)

Houve grandes festejos com a chegada dos embaixadores dos Palmares. Reunido o Conselho convocado pelo governador, resolveu que voltasse a embaixada aos Palmares levando as condições do governador que eram:

- 1) Descerem os negros a residir no lugar denominado Cucau, ahi formando sua aldea governada por seus maioraes conforme as dos indios;
- 2) Reconhecerem-se subditos do Rei de Portugal, recebendo o baptismo que lhes seria administrado logo que descessem;
- 3) Entrega dos captivos fugidos das diversas partes da Capitania para os Palmares.

Voltaram aos Mocambos os embaixadores acompanhados por um sargento do Terço dos Henriques levando as condições impostas pelo governador.

Descerem por essa occasião os moradores de tres Mocambos ao lugar determinado.

Mas parece que á proporção que desciam os pretos livres, nascidos nos Palmares, conforme accordara Ayres de Castro, os escravos nada resolutos a voltarem ao eito se embrenhavam pelo sertão indo fortalecer os Mocambos mais distantes. O Provedor da Fazenda de Pernambuco João do Rego Barros, em carta de 22 de Junho de 1678, diz que os escravos estavam quasi todos no Mocambo de *Gasosana*. Insistencias do governador por intermedio dos negros submettidos, fizeram com que baixassem mais 300, ficando no matto um

unico potentado chamado *Zumby*, sobrinho dos reis que desceram.

Com esse foram baldadas as supplicas para que se submettesse.

Enviou-lhe o governador um emissario, seu tio *Engasoná*, (4) improficuamente.

E assim termina a primeira parte da guerra dos Palmares.

Ve-se que quasi foram extinctos graças aos esforços dos governadores D. Pedro de Almeida e Ayres de Castro secundados pelo arrojado de Carrilho e seus soldados.

Atemorisados pelas continuas derrotas, os Palmaristas se submetteram, vindo habitar em ponto onde facilmente eram vigiados. Só um dentre os seus chefes, não confiou na palavra portugueza e continuou internado pelo sertão a frente dos seus parceiros, rei então aclamado pela submissão dos dous outros soberanos a cuja familia pertencia.

Esse foi o Zumby que em 1680, travou batalha a frente dos Palmaristas com uma expedição commandada pelo Sargento-Mór Manoel Lopes, em que morreram 800 negros, entre elles afamados Cabos. (5)

Fazia parte da expedição o maioral da Aldea de Cevahu (Cucau?) da gente Palmar, que guiou as tropas portuguezas até o Mocambo do Zumby.

Houve porem suspeitas de que os Palmaristas submettidos se correspondiam com os Mocambos, dando aviso do movimento das tropas e ao mesmo tempo que elles intentavam se levantar voltando ao sertão, e por esse motivo foram todos presos, considerados como escravos e distribuidos juntamente com os prisioneiros feitos na campanha.

Quanta razão tivera o Zumby para não confiar nas promessas dos brancos!

Em 1684, o novo Governador D. João de Souza enviou Carrilho a fazer uma entrada nos Palmares, ordenando-lhe não desse quartel aos negros que prosperavam extraordinariamente sob a administração do Zumby.

Desaveio-se porem Carrilho com o Governador pois quiz ajustar pazes com os negros como anteriormente praticára, ao que não accedeu o Governador, expedindo-lhe ordens terminantes para que atacasse o Mocambo que elle sitiava (*Macaco*) o que elle fez frouxamente e sem nenhum resultado por terem fugido os negros mais para o sertão.

Voltando ao Recife foi preso Carrilho, julgado e condemnado a degredo para o Ceará, succedendo-lhe no commando João de Freitas da Cunha que atacou pequenos Mocambos degollando para escarmento todos os prisioneiros.

Instituiu o Governador dous postos de observação juntos aos Mocambos, nelles aldeando cem soldados e indios para impedir que os negros cuidassem de suas lavouras. Mas a

(4) Carta de João de Rego Barros, em 16 de Agosto de 1679.

(5) Carta de Ayres de Castro, em 22 de Abril de 1680.

(3) Carta do Provedor da Fazenda João do Rego Barros, em 22 de Junho de 1678 a S. M.

escassez dos meios em breve fez extinguir essas aldeas. (6)

Com a extinção desses postos recommençaram os Palmaristas a commetter depredações de toda a sorte contra os lavradores da circumvisinhança.

Resolvendo Souto Maior enviar contra elles uma nova expedição, offereceu-se-lhe Carrilho que estava preso para marchar como simples soldado; mandou Souto Maior então libertal-o, nomeando-o commandante da expedição.

Por esse tempo recebeu elle uma carta de *uns Paulistas* que andavam pelos sertões, pedindo-lhe patentes para a campanha dos Palmares. (7)

Partiu Carrilho para o sertão, por todo o caminho sendo atormentado com emboscadas.

Talou a expedição as lavouras dos Quilombolas de tal sorte que muitos vieram ao acampamento pedir perdão, entregando-se á discricção.

O rigoroso inverno impediu a continuação da campanha.

Pela primeira vez ordenou a Corte em 20 de Março de 1687 que fossem pagos quatrocentos homens dos Terços de Henriques e Camarões para fundarem arraiaes nas proximidades dos Palmares.

Em 15 de Julho de 1689 os habitantes de Porto Calvo dirigiram á Corte um representação sobre os continuos vexames de que eram victimas por parte dos negros dos Palmares. Pediam que fosse ordenado ao Capitão-mór dos Indios Antonio Pessoa Arco Verde que estabelecesse tres Aldeas da gente de sua nação em Serinhaen, Porto Calvo e Alagoas, para conter os negros em respeito. Não foi deferido esse pedido pela contraria informação dos Padres da Companhia de Jesus que aconselharam a vinda dos Paulistas sob o commando de Domingos Jorge Velho que já se tinha proposto ao Governador para tentar a expedição.

Assumindo o governo da Capitania Caetano de Mello Castro, acceitou as propostas dos Paulistas, ratificando o trato que com elles fizera o seu antecessor, em 3 de Dezembro de 1691.

Marchou então para os Palmares a expedição que devia exterminar o poderio do Zumby.

Sobre o seu resultado diz a consulta do Conselho Ultramarino de 18 de Agosto de 1696:

«O governador de Pernambuco Caetano de Mello e Castro, em carta de 13 de Março deste anno, dá conta a Vossa Magestade a noticia de se haver conseguido a morte do Zumby ao qual descobrira hum Mulato de seu maior valimento que os moradores do Rio de S. Francisco apresionarão, e remetendo-se-lhe topara com uma das tropas que dedicara aquelles dstrictos, que acertou ser de Paulistas em que hia por Cabo o Capitão André Furtado de Mendonça e temendo-se o

Mulato de ser punido por seus graves crimes, offerecera que segurando-se-lhe a vida em nome delle governador se obrigava a entregar o dito Zumby e acceitando-se-lhe a offerta desempenhara a palavra guiando a tropa ao Mocambo do Negro que tinha já lançado fora a pouca familia que o acompanhava, ficando sómente com vinte negros dos quaes mandara quatorze para os pontos das emboscadas que esta gente usa no seu modo de guerra e hindo com os mais que lhe restavão a se occultar no somidouro que artificiosamente havia fabricado, *achando tomada a passagem pelejára valerosamente ou desesperadamente matando hum homem, ferindo alguns e não querendo render-se nem os companheiros fora preciso matal-os apanhando só hum vivo* que enviando-se-lhe a cabeça do Zumby determinara se pozesse em um páo no logar mais publico daquella praça a satisfazer os offendidos justamente queixosos e atemorisar os negros que supersticiosamente julgavão este immortal, pelo que se entende que nesta empresa se acabara de todo com os Palmares que estimaria elle governador que em tudo se experimentassem successos felices para que Vossa Magestade se satisfaça do zelo com que procura desempenhar as obrigações de leal vassallo.

Ao Conselho parece fazer presente o que escreve o governador de Pernambuco Caetano de Mello e Castro de se haver conseguido a morte do Negro Zumby entendendo que por este meio se poderão reduzir os mais dos Palmares *por ser este a cabeça principal das inquietações e movimentos da guerra*, que tão sensivelmente padecião os moradores daquellas Capitánias com tanta perda de suas fazendas e morte de muitos e que Vossa Magestade deve mandar agradecer ao dito governador o bem com que neste particular e nos mais do serviço de Vossa Magestade se ha havido e que o perdão que se deo a este Mulato se deve aprovar na consideração da importancia deste negocio e de se poder por termo as hostelidades tão repetidas quantas os vassallos de Vossa Magestade sentirão na extorção e violencia deste negro Zumby.— Lisboa 18 de Agosto de 1695 — Conde — Sepulveda — Serrão.

A *margem*. Como parece. Lisboa 22 de Agosto de 1696 — Rey.»

Desse documento se deprehe não passar de lenda o suicidio do Zumby.

Entretanto a morte em combate assim verificada não lhe diminue em nada a grandeza do valor. E os proprios documentos officiaes se encarregam de dar grande proporção ao vulto do heróe negro que resistiu impavido a um exercito de 7.000 soldados aguerridos, digno sem duvida de figurar na gloriosa galeria dos martyres da liberdade.

Agosto — 906.

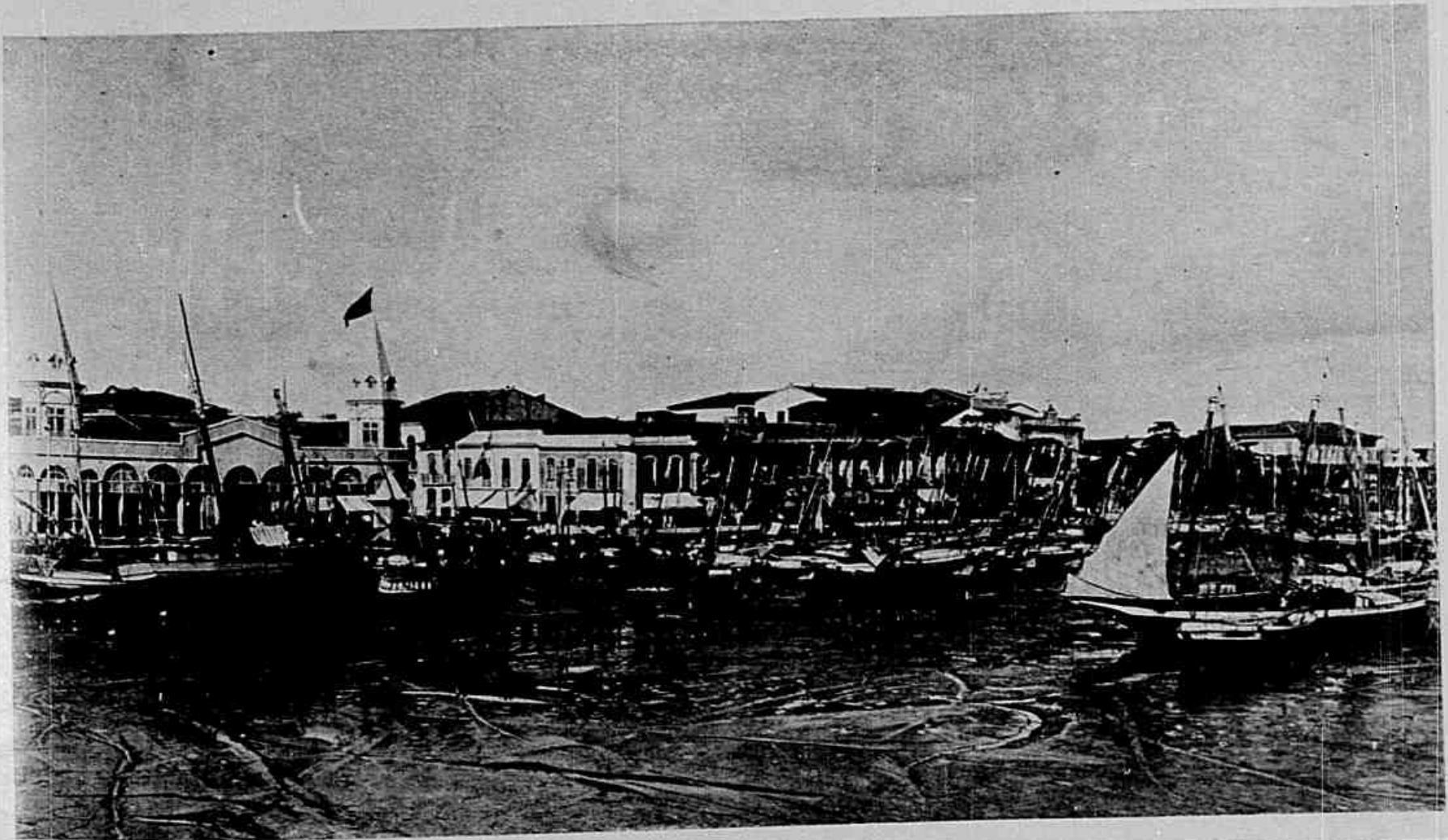
MARIO BEHRING.

(6) Carta do Governador D. João da Cunha Souto Maior em 8 de Agosto de 1685.

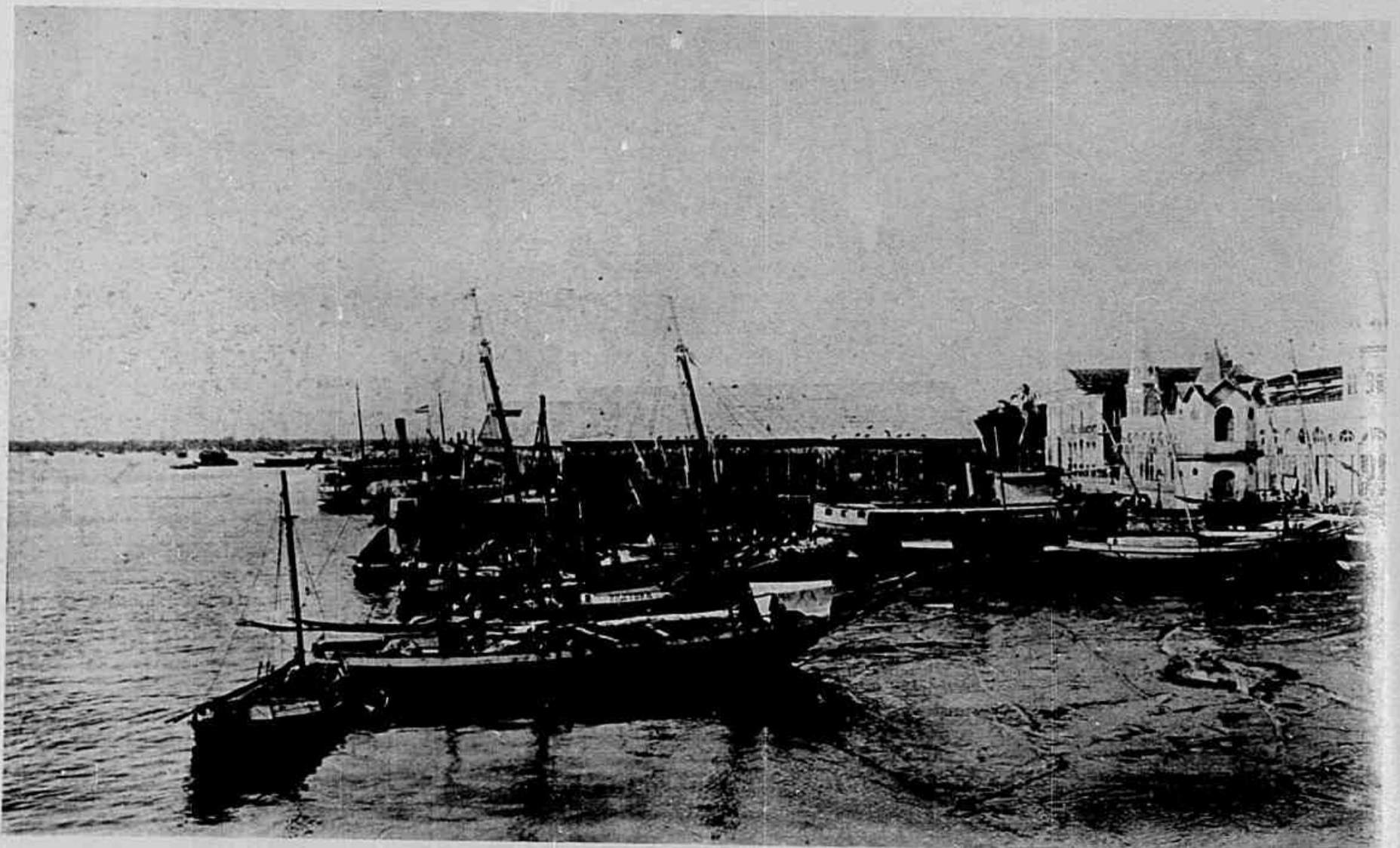
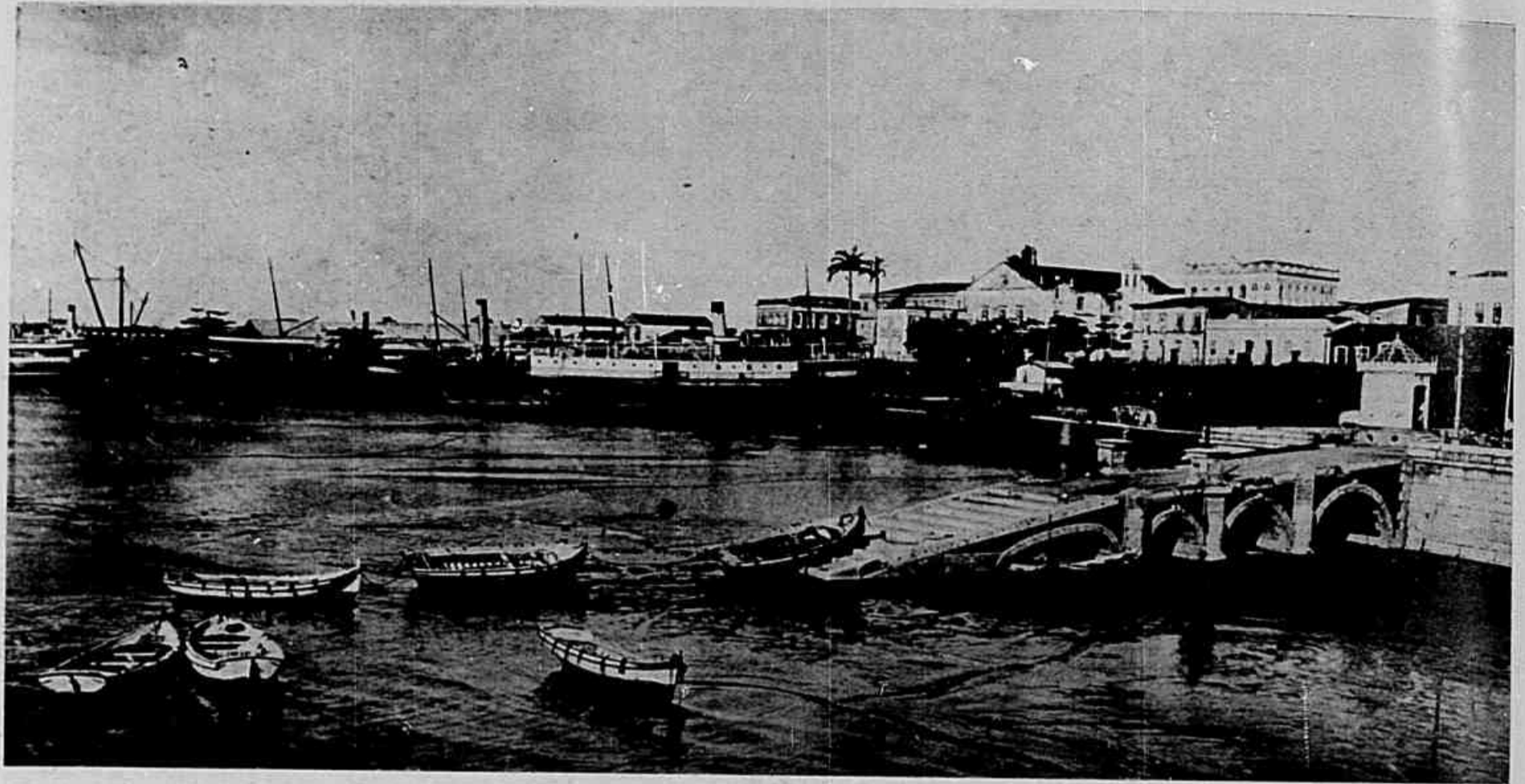
(7) Carta do mesmo em 7 de Novembro do mesmo anno.

CÂMERA DOS DEPUTADOS

A Excursão do Presidente Eleito

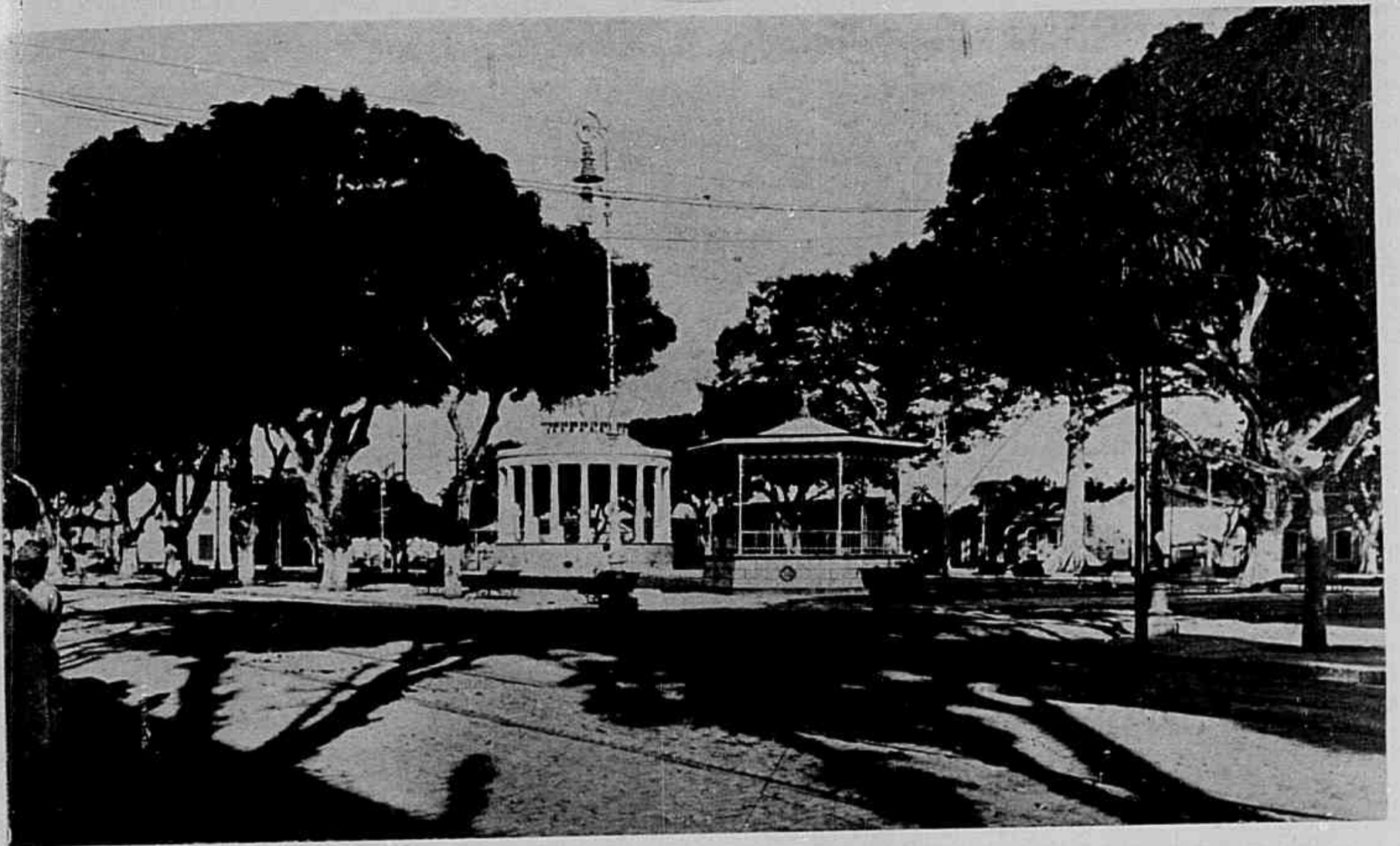


ESTADO DO PARÁ — O PORTO

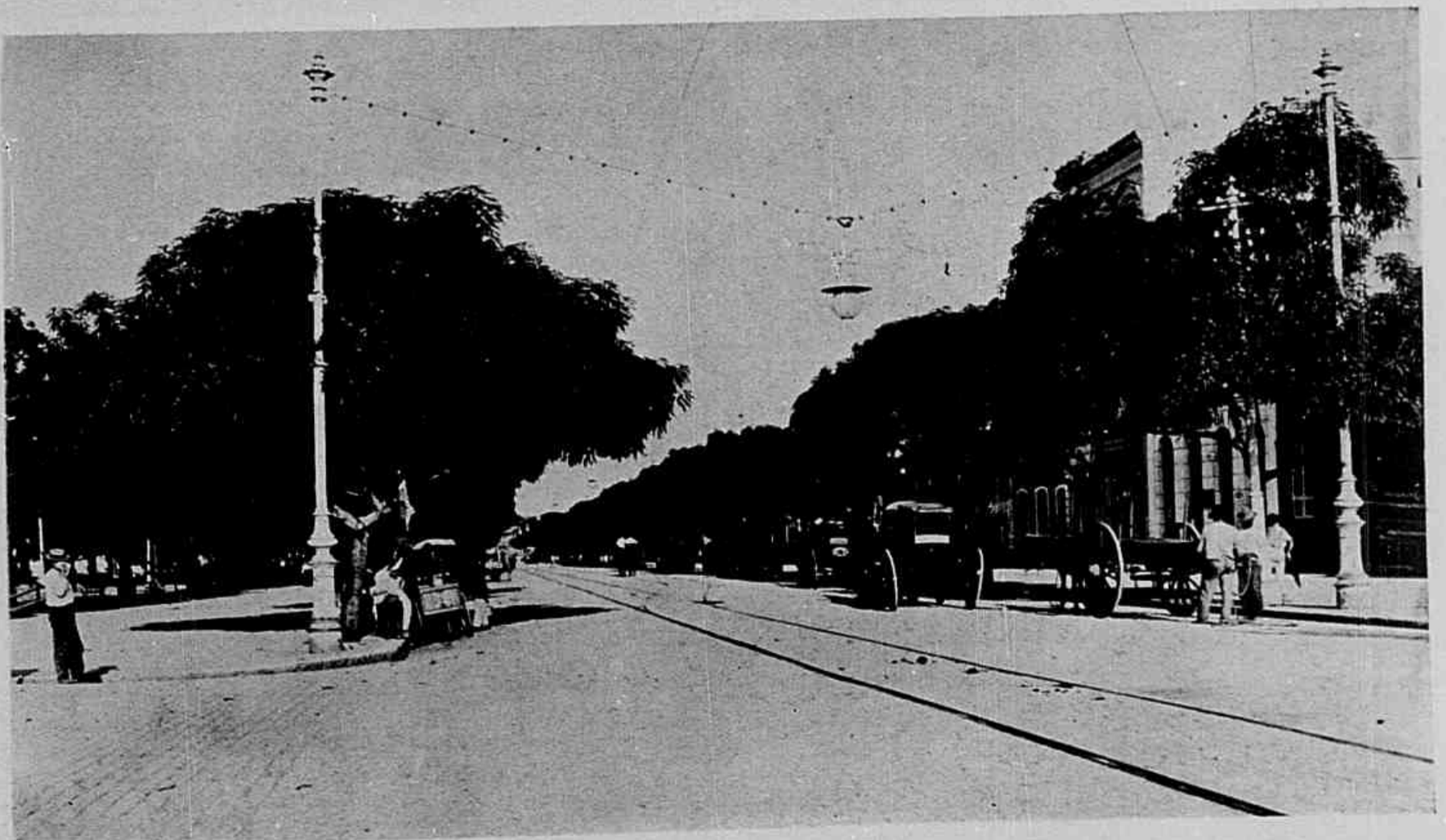


PORTO DE BELEM — PARÁ

CÂMARA DOS DEPUTADOS
BIBLIOTECA



PRAÇA JUSTO CHERMONT — PARÁ



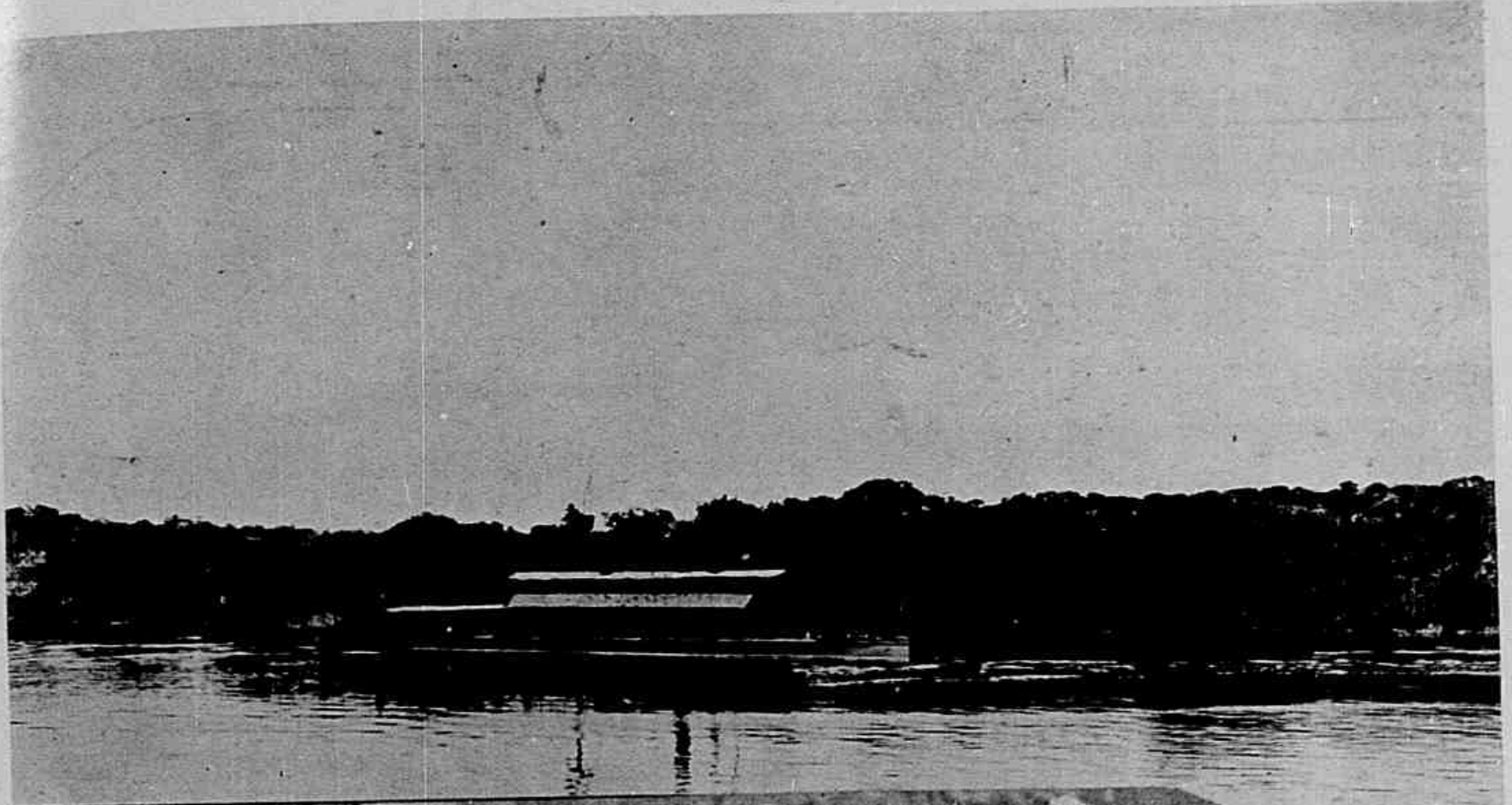
PRAÇA DA REPUBLICA — PARÁ



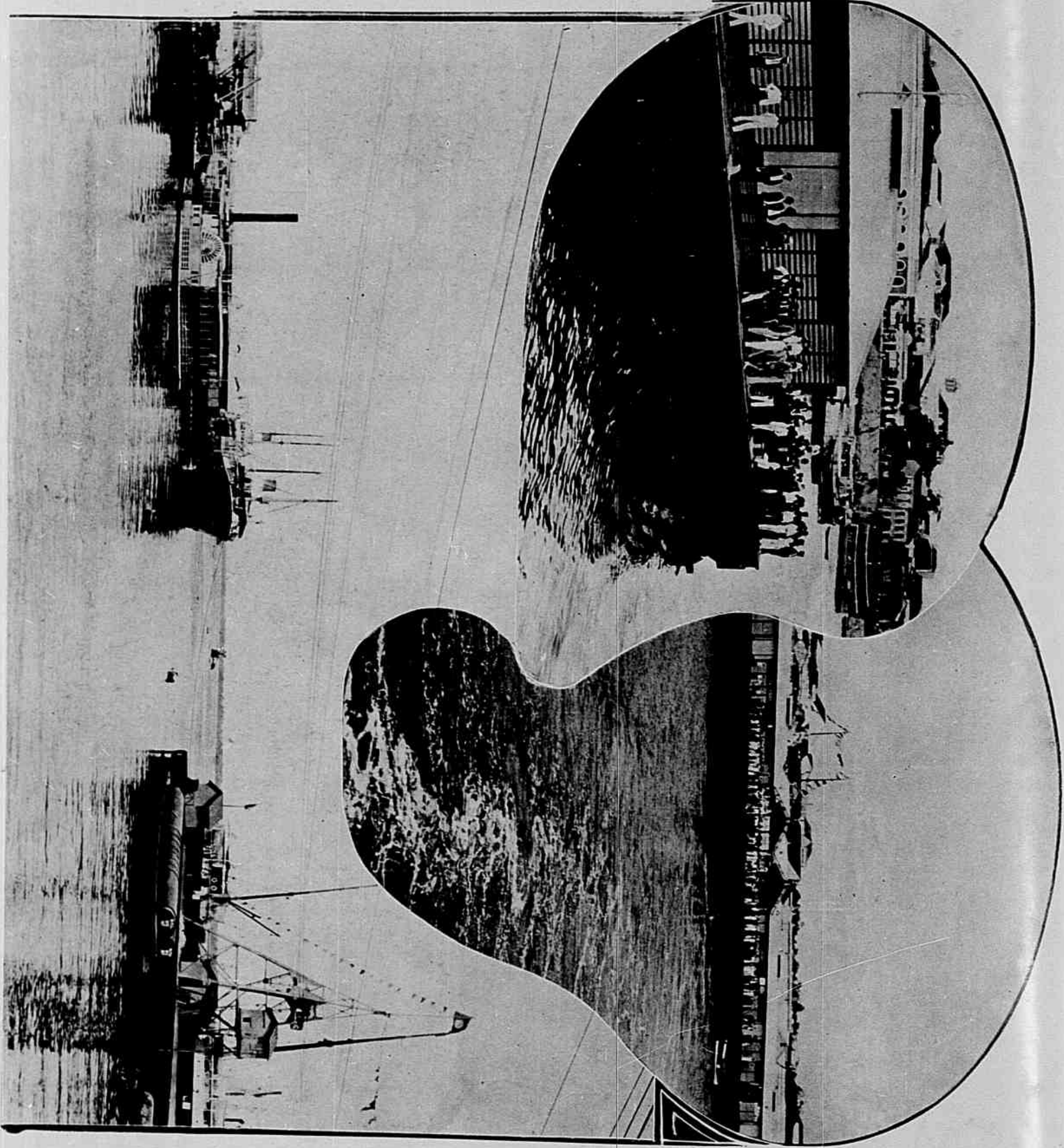
PALACETE DO CORONEL CARLOS BRICIO DA COSTA NA AVENIDA S. JERONYMO, ONDE SE HOSPEDOU O DR. AFFONSO PENNA

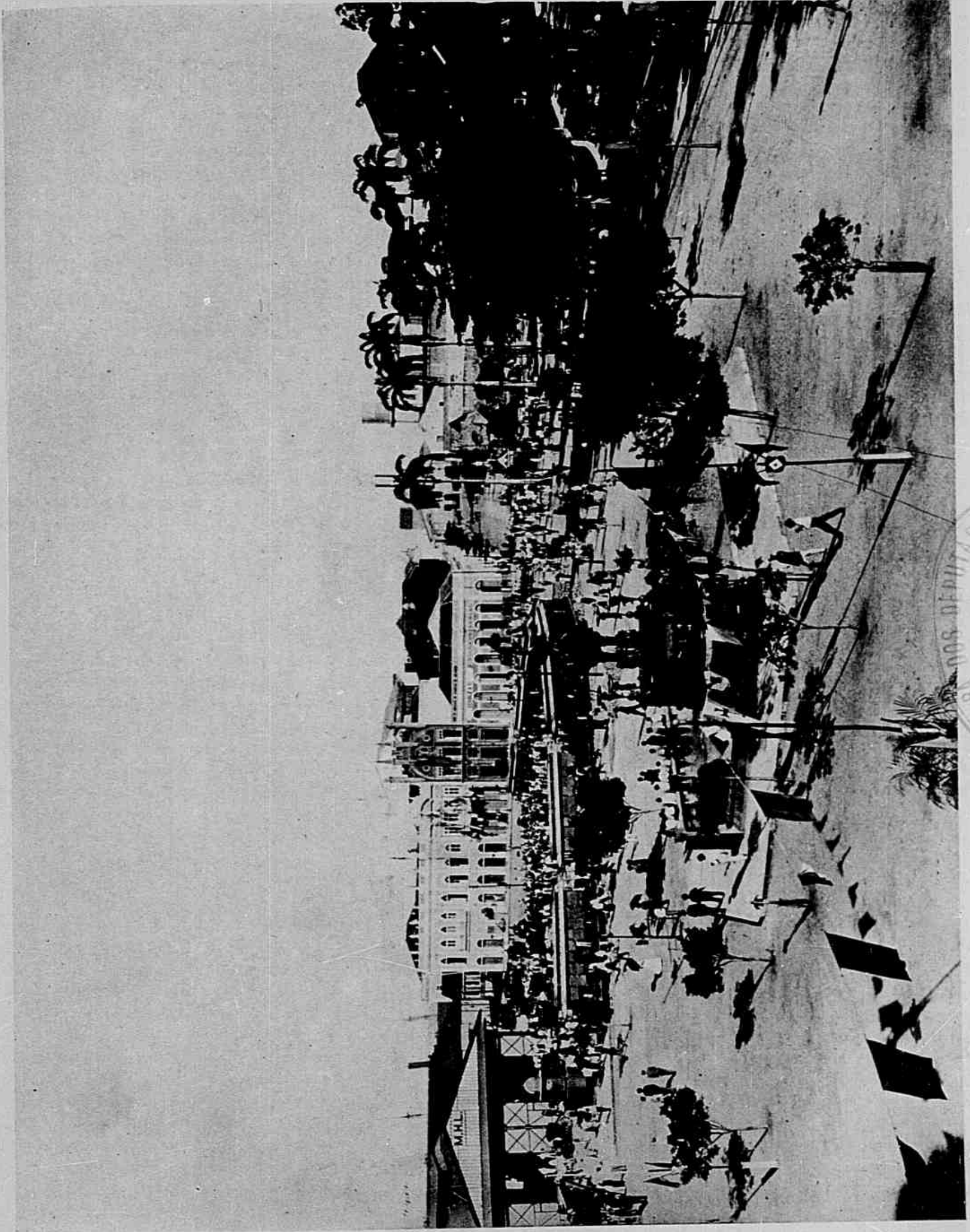
DR. AFFONSO PENNA E DR. AUGUSTO MONTENEGRO, PRESIDENTE DO ESTADO DO PARÁ

AMAZONAS
1905



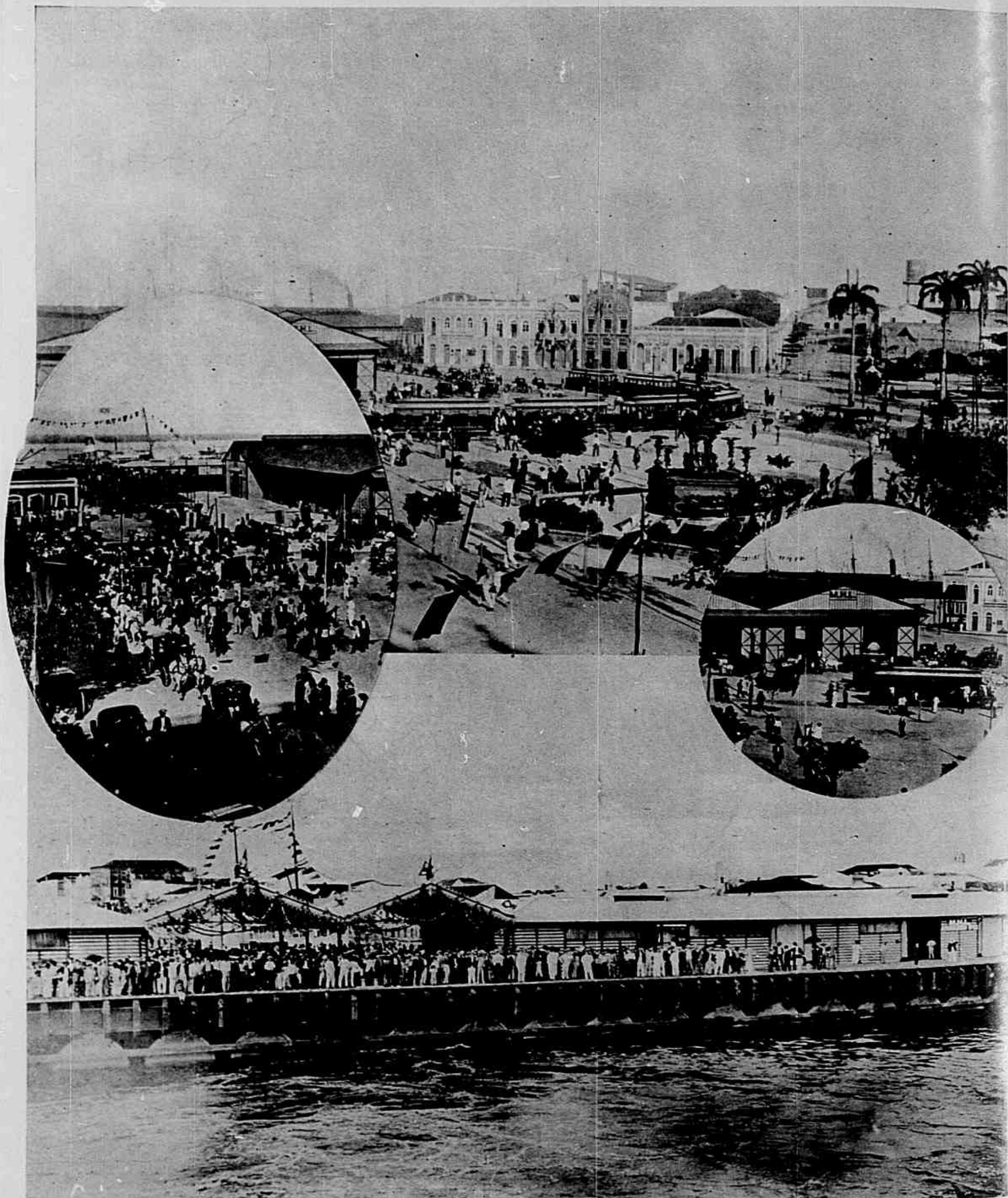
RIO AMAZONAS





MANAOS—AMAZONAS

AMAZONAS DEPICTED
© 1914



MANÁOS

ESMAGADO

Correspondendo á gentileza do convite do nosso illustre collaborador, o sr. B. de A., a talentosa escriptora patricia que se assigua *Maria Salomé* nos enviou o conto que hoje prazerosamente publicamos.

Os nossos amadores de bellas-lettras que avaliem da superioridade espirital dessa modesta e finissima literata e se a julgarem como a julgamos, sem duvida concordarão que á *Kosmos* caberá a gloria de ter dado ás lettras brasileiras mais a fulguração de um nome.

N. DA D.

HAVIA uma hora que Roberto ahí estava, no canapé, esquecido de tudo, o busto pendido sobre as pernas, os cotovelos fincados nos joelhos, amparando a cabeça com as mãos ambas.

Acabava de chegar da Europa. E, apenas, sua mãe ouviu o raspar de sapatos lá baixo, no granito da escada, correu a recebê-lo com um abraço estreitado, em que morriam as saudades de dez annos escoados. Mas Roberto perguntou logo por Dulce, sua irmã;

—E Dulce, mamã?

—Morreu...

Disse ella, com os olhos baixos, muito branca e tremula.

Roberto estacou aturdido, subjugado por uma emoção violenta. Tinha o olhar parado e uma palidez de magnolia espargiu-se por todo o seu rosto. Subitas vieram-lhe as lagrimas abundantes, gotas sobre gotas, trementes pelas faces abaixo e, na macieza do seu fino bigode castanho, quebraram-se uma após outra, silenciosas, doloridamente. E sua mãe falava-lhe meiga e santa, consolava-o com as palavras as mais delicadas, tudo fez para minguar-lhe o soffrimento. Mas foi obrigada a deixal-o só, porque nella também o coração sangrava...

Mais tarde veiu ella, mansa e solícita, sentar-se ao lado do filho;

—Então Roberto?...

Elle ergueu a cabeça, os olhos abertos e vermelhos, o rosto angustiado.

E falaram, então na morta. Roberto queria saber tudo, tudo: Em que dia, a que hora Dulce morreu; qual a molestia, se os padecimentos foram grandes, se ella teve uma agonia cruel... Queria todos os detalhes. Gozaria a dôr, lentamente, como n'uma mortificação de penitencia.

E tudo que sua mãe ia narrando, difficilmente, com os olhos baixos, livida, nervosa, cahia-lhe n'alma aos poucos, soluçante e triste.

—E o marido aquelle Getulio de Barros, que elle nunca vira?

—Soffreu muito coitado!... Foi viajar.

Informou-lhe a mãe ainda mais branca e tremula.

Agora elle queria saber se o Getulio fôra bom esposo, se Dulce o amara muito.

Tinha perguntas de criança, enriedades tolas.

Calaram-se. Os canarios, nas gaiolas alvadias, chilreavam um duetino de risos e amor. E a sonoridade desse canto nervoso, claro, vibrante, intenso, tremia no ar, suspenso, fino, enchendo toda a sala de uma alegria nova.

Té na luz palpitava o espiritalismo dessa canção, e onde ella pousava surgia a irradiação de uma garrula nota luminosa que subia no espaço e vagueava, e ondulava, sonora e longa.

De repente perguntou Roberto, levantando-se do canapé:

—Mamã, tem levado flôres ao tumulo de Dulce?

A senhora disfarçou uma contracção nervosa, levantando-se também e ia retirar-se, mas Roberto insistiu na pergunta.

—Como meu filho?... Se ella está tão longe... lá em Petropolis...

Elle não disse mais um palavra; encaminhou-se para a janela, com as mãos nos bolsos, o coração menos afflicto. Dahi via o jardim, de estreitos caminhos cobertos de cascalho branco, e moitas verdes de arbustos vicejantes.

Perto de casa um pé de manacá, aberto como um chapéo de sol, todo verde, estava pintalgado de flôres alvas e roxas; e lá para os tufos multicores dos crotons folhudos uma roseira enfeitava-se com uma infinidade de botões carminados, como pequeninos globos de vidro fino. Para longe ficavam outros jardins; do meio de copas esmeraldinas appareciam telhados novos, paredes de uma sympathica côr de madresilva emmurhecida com gelosias *verde-ligeiro*; flechas recortadas de chalets; e no horizonte uma grande montanha, coberta de tufos verdes.

E Roberto pensava na sua querida Dulce, imaginava o seu pequeno tumulo de marmore branco, lá no cemiterio de Petropolis, um jardim mais bonito que esses; ao lado do tumulo deveriam ter plantado roseiras que abriam agora as suas flôres perfumadas; e naquelle silencio da terra dos mortos, a eterna habitação de Dulce, nova entre as mais novas, resplandeceria encantadora e santa no meio da verde folhagem dos galhos, todos ponteados de rosas carmin e branco; e, de quando em quando, pendente de tranças delgadas, como se viesse beijar a pedra, o vivo amarelo de uma eglantina, deslumbrante na fertilidade de suas petalas

curvas e languorosas. Os passarinhos, de passagem, desceriam até o tumulto para cantar uma nenia... e as borboletas, as grandes borboletas azues-douradas—dos tropicos, viriam pousar ali, pela calma dos dias, para saciar a sede nas lagrimas que a noite chorasse sobre a eterna morada da pobresinha...

Dias depois veio uma desconhecida procural-o. Uma mulher! Era estranho.

Na sala de visitas, n'um dos *fauteuils*, encontrou uma mulher quarentona, gordalhuda e baixa, apertada na seda coçada de um vestido preto. Seu largo rosto gordo, dessa gordura flacida dos balofos, tinha uma côr esverdeada e doentia; e nas orbitas roxas dois pequeninos olhos de ladra rolavam, desasçocegradamente, raiados de sangue.

—E' ao irmão da *menina* Dulce, com quem tenho a honra de falar?

—Sim, senhora.

E a mulher começou a explicar o motivo de sua visita, um pouco confusa, fazendo a voz muito humilde e sentida. Sabendo que elle chegara da Europa não quiz vir logo incommodal-o, e era receiosa que vinha agora para tratar de assumpto tão triste... mas, infelizmente, ella era uma pobre de Christo, perdida neste mundo máu.

Não tinha nada, vivia n'uma pobreza negra, no emtanto já havia matado a fome a outras, mais desgraçadas do que ella.

Roberto, impaciente, enjoado por aquella humildade refalsada, interrompeu-lhe o discurso.

—Mas, far-me-ha o favor de ser breve. Por que falou-me no nome de minha irmã?

—Ah senhor! disse ella com um suspiro affectado, V. S. ignora tudo.

E pondo as mãos em attitude de supplica, os olhinhos vermelhos levantados para o tecto: E serei eu, Deus do céo! obrigada a desvendar o segredo.

—Mas, pelo amor de Deus, fale, vamos, fale, que eu já estou estafado de atural-a.

Berrou Roberto, fóra de si, prevendo uma mystificação sob o nome de sua irmã. A mulher fitou-o medrosa; encheram-se-lhe os olhos d'agua.

—Por que me maltrata, meu senhor? Pois bem, não direi nem mais uma palavra.

Rebuscou um envelope que entregou ao moço.

Roberto abriu-o, de vagar, sem vontade quasi. De repente fez-se muito branco. Pestanejou, leu outra vez e ficou a olhar aquella tira de papel impresso.

—Que vem a ser isto?

—E' a conta do enterro da menina Dulce... coitadinha! Morreu nestes braços, que V. S. vê, lá em nossa casa, á rua do Lavradio... Tão bonita qu'ella foi! Tão boasinha, a pequena! Eu até ás vezes nem quero crêr que exista um Deus. Ah! meu senhor, era sempre com estes olhos cheios de lagrimas que eu a contemplava. Foi uma desvairada, uma criança. Que as outras caiam assim, vá, porem ella, tão bem educada, tão feliz, tendo familia, uma casa de amigas, um marido que a estimava!...

Enxugara as lagrimas com as costas das mãos, fungando as narinas, falando sempre.

Roberto escutava-a, agora mudo, perplexo, vencido. A grande palidez de rosto, sem uma gota de sangue, fazia reluzir mais suas pupilas negras, dava-lhe ao olhar um aspecto selvagem. E escutava, attento, toda a horrivel confissão da mulher. Ah! comprehendia, neste momento, o silencio que fizeram em torno do cadaver da infeliz; era que ella, a sua pobre irmã querida, descera á cova amortalhada nas vestes de prostituta. E sobre aquelle caixão desprezível, comprado pelo dinheiro infamante de uma velha barrigã, ficou abandonada, nem uma grinalda de saudades, nem uma lembrança piedosa... Partiu só, n'um carro funebre, para o eterno leito da morte; e, talvez, o dia sorrisse nos esplendores de uma luz immensa, a natureza toda estivesse em festa, as plantas florescentes, e houvesse na espessura dos arvoredos novos, pipilos de passarada que acorda, e atila e canta muito.

Veiu-lhe uma grande tristeza amarga á alma soluçante. Sentiu-se infeliz, pequeno, quasi nada, diante daquella estupenda magoa suffocadora. E sem lagrimas nos olhos, frio, mudo, palido, nobre na profunda dor que o esmagava, foi buscar o dinheiro para satisfazer a conta.

Lá dentro, na sala de jantar, nas gaiolitas alvadias, com frisos rubros, gorgeavam os canarios á alegria da luz cantante e boa das frescas manhãs de Junho.

MARIA SALOMÉ.

A CATASTROPHE DO CHILE

Co navegador que perlustrando o grande oceano que se estende desde as costas orientaes do velho continente até o novo mundo, for em perigosa viagem beirando a extensa costa que vae do Alaska á Terra do Fogo, aspera e bruta nos contornos, somente dous portos amplos, francos, livres encontra que a mão do homem só precisou compor para as utilidades do commercio mundial, do trafego internacional para a permuta de mercadorias.

S. Francisco ao norte e Valparaiso ao sul.

Foram justamente essas duas cidades, uma nascida entre as rixas dos faiscadores de ouro californiano, outra entre as lutas que travavam hespanhoes e araucanos para a conquista e conservação do solo, que com poucos mezes de intervalo, as convulsões da natureza abalaram e derruíram aniquilando em minutos, seculos de esforçado labor.

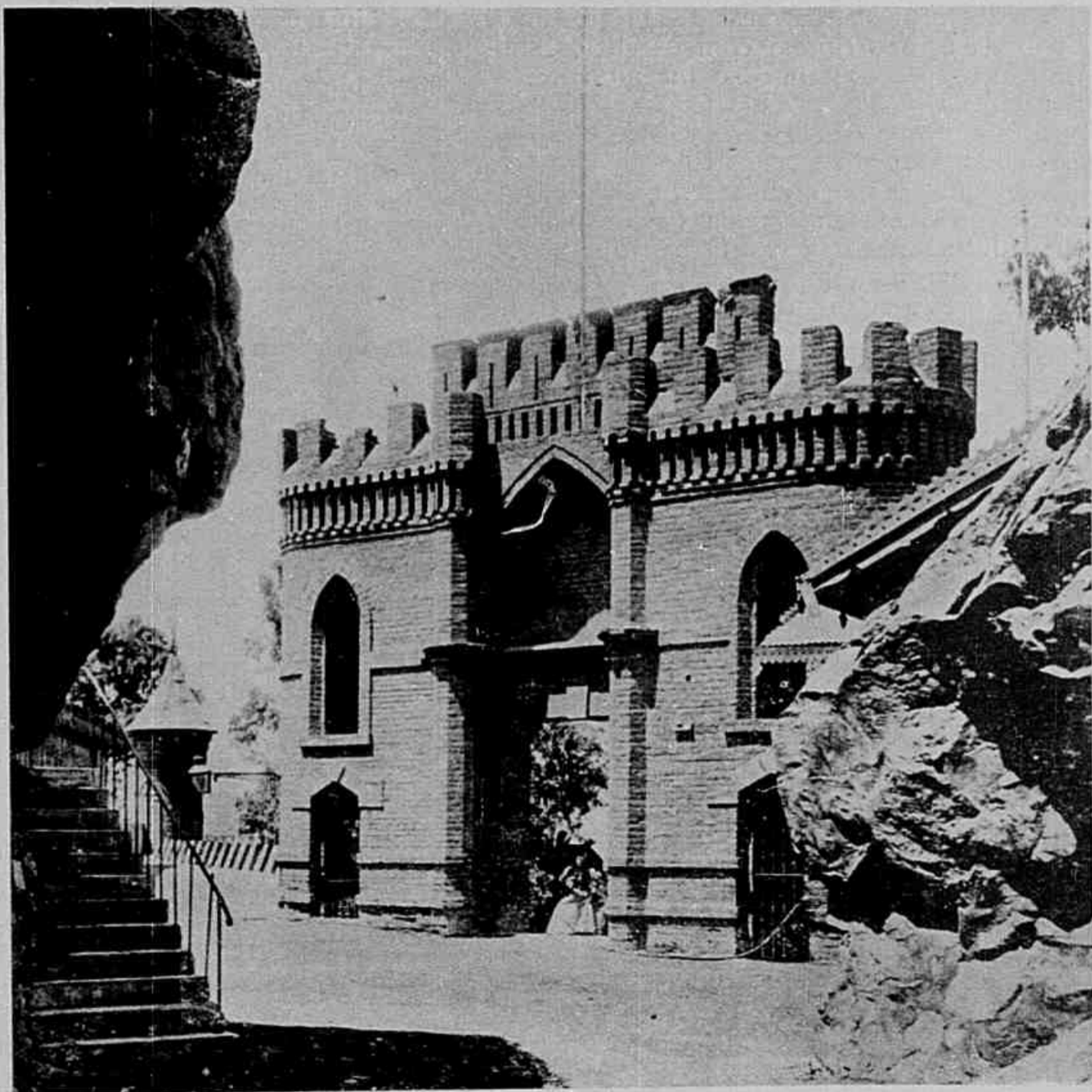
O que foi S. Francisco já fez *Kósmos* ver em passado numero; hoje mostra o que foi Valparaiso; dá além disso algumas vistas de Santiago, que foi também assolada pelo cataclysmo, que menos intensamente ali se fez sentir.

Pode-se nas photographias que publicamos avaliar a belleza da cidade chilena que se estende pittoresca, desde a raza praia curvilínea que o oceano beija, grimpendo os *cerros*, lindamente emolduradas as casas pela verde vegetação té as encostas rudes das montanhas

de cujos fecundos flancos a industria arranca os preciosos minereos.

Valle do Paraiso tal a exclamação que rompeu dos labios de Saavedra, capitão de um dos bandos de Almagro, e o primeiro europeu cujos olhos se encantaram na extatica contemplação do ridente panorama que se desenrola do alto dos morros circundantes. E o nome lhe ficou, acceito por Valdivia, o conquistador do Chile.

Mais tarde D. Luis de Avala, em 1791, emerito administrador conhecendo a importan-



CERRO SANTA LUCIA — PORTA ESPAÑOLA — SANTIAGO

cia do seu porto, dedicou-lhe o melhor dos seus cuidados, enriquecendo-a, e dando-lhe novos encantos, fazendo com a obra humana realçar os que a natureza fartamente lhe prodigalisara. Com a independencia, tornado o principal entreposto commercial do Pacifico, engrandeceu e prosperou.

Fadada ás provações das grandes catastrophes não puderam os terremotos e incen-

dios que em parte a destruíram em 1822, 1843 e 1858, nem o bombardeio da esquadra hespanhola em 1866, entibiaram o animo energico e resolutivo dos seus habitantes.

Mal enxuto o pranto dos sobreviventes, a admiravel tenacidade chilena fazia resurgir dos escombros nova e mais bella ainda a Princeza do Pacifico.

Foi a 16 de Agosto a ultima provação — de que resultaram collossaes perdas para aquelle povo irmão. De Valparaiso só restam escombros fumegantes. A população fugiu espavorida espalhando-se pelos campos onde se extendem aos centos as barracas de abrigo. Quasi todos os edificios ruiam com os abalos subterraneos, ou consumiu-os o incendio devastador. Nada mais resta da formosa Avenida Brasil, nome que deu o carinho affectuoso do povo chileno ao mais concorrido dos passeios da Almendra, ponto onde se erguiam os mais bellos edificios, theatros, redacções dos jornaes e estabelecimentos de luxo. O bairro commercial desapareceu e na *plaza Intendencia* só resta de pé o monumento Arturo Prat que em energico gesto parece concitar ainda á luta os seus irmãos d'armas.

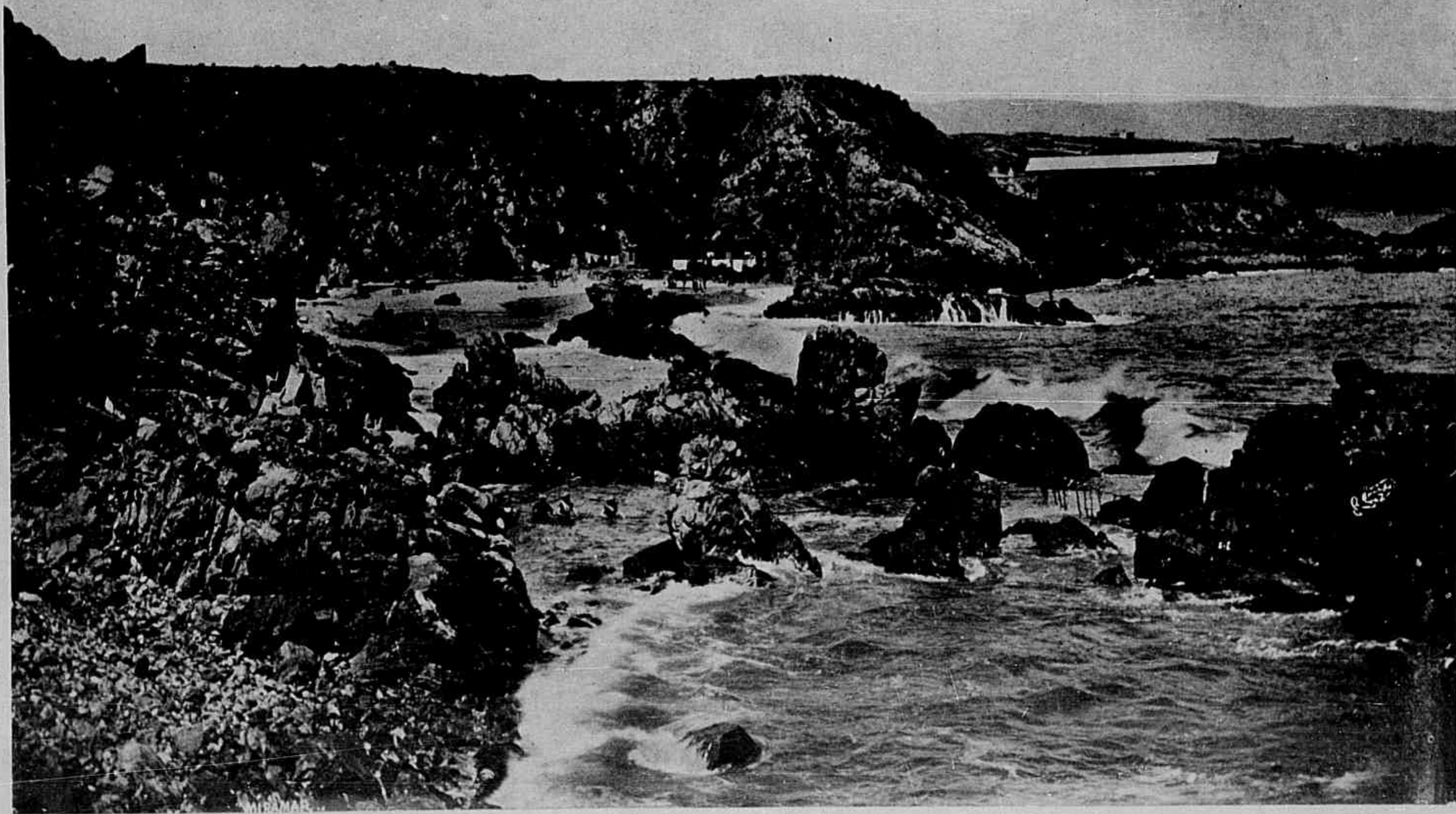
Servio a catastrophe, ainda bem, para dar nascimento a um dos mais bellos exemplos da solidariedade humana. Ante a desgraça dos nossos irmãos trans-andinos, ao côro piedoso das lamentações, seguiu-se a idéa mais pratica dos soccorros á população atirada á miseria. E com tocante solícitude emulam-se as nações da America, qual mais apressada em levar o seu obulo ás victimas da grande catastrophe que enlutando um povo generoso e nobre, veio echoar dolorosamente em todos os peitos brasileiros nos quaes tem a altiva republica chilena um altar consagrado pela mais elevada estima e admiração.

E é obedecendo a esse sentimento que publicamos hoje em nossas paginas a representação graphica do que foi Valparaiso, certos de que em breves dias a indomita energia chilena das cinzas fará resurgir mais uma vez a sua bella cidade commercial, onde tantas vezes os nossos marinheiros, acolhidos em cariciosa fraternidade, tiveram a illusão de que se conservavam ainda no patrio sole.

M.



PALACIO EPISCOPAL E CATHEDRAL—SANTIAGO



VALPARAISO — BAÑOS DE VIÑA DEL MAR



KOSMOS



ESCOLA NAVAL — VALPARAISO



ALAMEDA DE SANTIAGO

CAMARA DOS DEPUTADOS
KOSMOS



AVENIDA BRAZIL—VALPARAISO



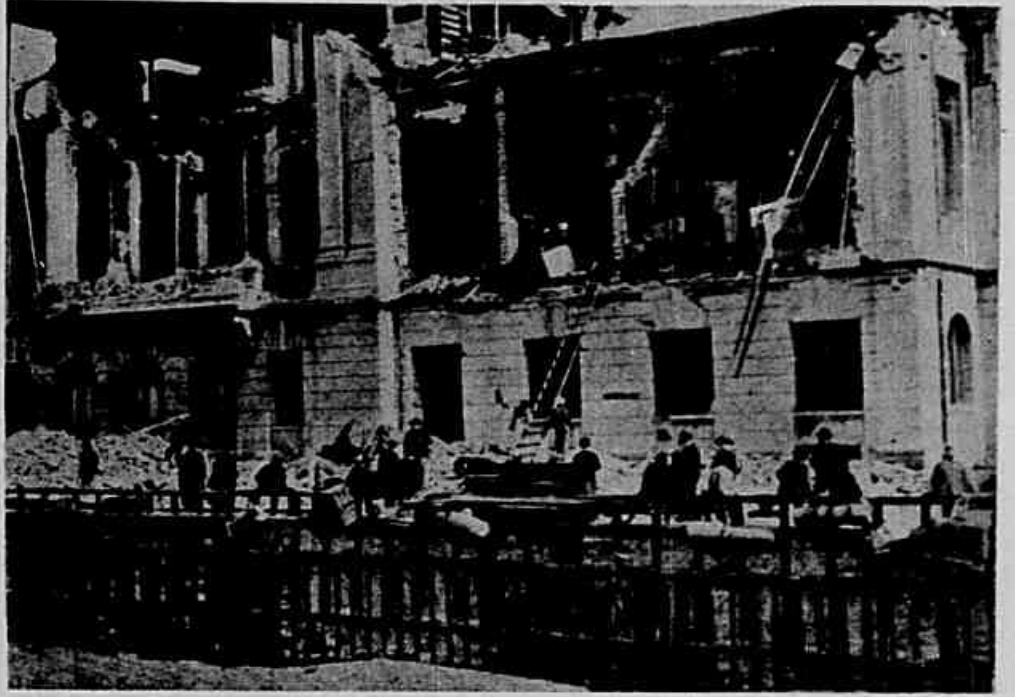
MONUMENTO A LA MARINA — PLAZA INTENDENCIA — ESTATUA DE PRAT — VALPARAISO



SANTIAGO, DESDE EL CERRO SANTA LUCIA

CAMARA DOS DEPUTADOS

ASPECTOS DE VALPARAISO APÓS A CATASTROPHE



Miragem Oceanica

Mar de tormenta,
 Mar que rebenta,
 Maldito mar!...
 Noites inteiras...
 Noites inteiras...
 Nas praias tristes ha lareiras
 Com mães e noivas a rezar!...

Guerra Junqueiro

HAVIA um mez que a fragata *la Belle-Poule* chegara a Porto-Luiz, em Santa Maria, depois do cyclone em que se vira envolvida e do qual escapara por milagre, na travessia da ilha de Bourbon ou da Reunião para aquella ilhota da costa-leste de Madagascar. O que fôra essa tremenda convulsão meteorologica narram-no minuciosamente e eloquentemente, na sua simples mas expressiva linguagem tecnico-maruja, os *Annaes da Marinha de Guerra* franceza do anno de 1847.

No dia 16 de dezembro do anno anterior, navegavam a rumo de noroeste aquella grande fragata e a linda corveta *le Berceau*, ambas pertencentes á divisão franceza da India, de que era chefe o velho e bravissimo veterano do mar almirante Desfossé. Estes navios, que eram ainda novos, bem aparelhados, muito seguros e geralmente conhecidos como excellentes veleiros, tinham deixado, com vento do largo (nordeste), na alvorada da véspera, o porto de São Deniz, capital da ilha da Reunião, a principal do archipelago das Mascarenhas, seiscentas milhas a oriente de Madagascar, no coração do Indico, archipelago descoberto em 1545 por Mascarenhas, que lhe deu o nome que se conservou até hoje assignalando perpetuamente, nos Mares, a gloria do egregio navegador portuguez. Na manhã seguinte á da partida já toda a ilha se esbatia, pópa fóra, no azul turqueza do horisonte, tendo-se perdido e afundado á distancia o Pico da Furna Ardente (*Piton-de-Fournaise*), lá quasi ao extremo sul da Ponta da Mesa, bem como o Grande Monte Solitario (*Gros-Morne*) já mais ao norte, porém ainda situado na parte meridional das duas em que se divide a ilha, e que é a mais áspera e inabordavel, toda aberta aos ventos tormentosos de leste e por isso chamada de Barla-Vento (*du-Vent*). Entretanto, na outra parte, na de Sota-Vento (*Sous-le-Vent*), o Pico das Neves (*Piton-des-Neiges*), bem ao centro da ilha e seu ponto culminante,

resplandecia de alvura pelo seu pincaro de tres mil e sessenta e nove metros de elevação sobre o nivel do Mar: e dir-se-ia, assim tão reduzido e já a sumir-se no setim do céu cerúleo, um lenço branco que os carinhosos habitantes da ilha erguessem alto, no espaço, a acenar tristemente os seus adeuses saudosos ás duas naves que partiam...

Mas, pela tarde, apenas desaparecera de todo o Pico das Neves, a viagem, que fôra até alli risonha e feliz, começara a transtornar-se. O firmamento, claro e limpido como um fino e anilado crystal, enchera-se de nuvens que tomavam côres negras e tristes, adensando-se em bulções. Pouco a pouco empallidecera, penumbrara-se o sol de ouro vivo, occultando-se entre cumulus. O mar até então azul-translucido, lizo e sem cristas ou escarcéos bravios, ennegrecera melancolicamente, erguendo-se em grandes vagas espumosas. Um sudoeste entrara de soprar, em lufadas rijas. Já o barometro descera bruscamente, assustadoramente.

As duas quilhas—*la Belle-Poule* e *le Berceau*—velejavam ao mesmo rumo, á pequena distancia uma da outra, a pouco mais de meia milha. O vento intenseara ainda, inclinando-se ou chamando-se ao sul. Os balanços, a bordo de cada lenho, já iam crescidos, fóra do common. Ao cerrar da noite, o sul attingira enorme violencia—e no mar e no céu tudo era sublevação e torvelinho. Um espesso nevoeiro velava o ar, fechando o horisonte; as ondas invadiam, cobriam, alagavam, varriam convés e tombadilho; a chuva despenhava-se diluvialmente; os trovões estouravam em ribombos medonhos, continuos; fuzis rasgavam as nuvens, em multidão de fitas de fogo sulfurinas que fulgiam e se apagavam instantaneamente, em clarões sinistros; descargas eléctricas succediam-se ininterruptamente, como nas inimaginaveis tempestades dos periodos geologicos remotos e primitivos...

Apezar de accêsos os pharóes, de bordo da fragata não se avistava mais a corveta, inteiramente occulta no seio da borrasca desfeita. O commandante da *Belle-Poule*, homem de quasi sessenta annos de idade, um dos mais illustres capitães-de-mar-e-guerra da marinha franceza d'então, verdadeiro «lobo do mar», resolute e temerario, e que conhecia de menino a maior parte das paragens maritimas do globo, tendo feito como chefe duas viagens notaveis de circumnavegação, chegara á declarar á officialidade, quasi toda tambem de marinheiros experimentados e valorosos, que jamais vira cyclone assim. E, de pé sobre o tombadilho, sentia-se impotente e vencido, como toda a marinhagem, pelo temporal, que lhe não permittia, no seu furor nunca visto, a execução da mais pequena manobra: a sua

intelligencia, pericia, acção e esforços nauticos convergiam unicamente, agora, em equilibrar o governo da fragata, para evitar o naufragio ou o sossôbro imminentes, e manter a postos e firmes os subordinados, desorientados e em total desanimo ante a força irresistivel do marroço, arrebatando de vez em quando alguns d'entre elles, afogando-os nos abysmos ao largo ou despedaçando-lhes os craneos contra os mastros e bordas do proprio navio, apezar dos cabos de vai-vem lançados de pôpa á prôa a que andavam todos agarrados, aos saltos e boléos horriveis...

A' meia-noite o barometro não tinha mais que descer: estava abaixo dos ultimos limites marcados em sua escala! O vento, crescendo progressivamente e correndo da esquerda para a direita, conforme a lei dos cyclones no hemispherio austral, chegara á suprema furia. E a tempestade parava-se num estranhio, invençivel cataclysmo marinho.

«A' meia-noite — narra o distincto primeiro-tenente da armada franceza Félix Julien, que nessa occasião era um dos officiaes da *Belle-Poule* — á meia-noite, não obstante os mais energicos esforços, a fragata, desamparada, sem governo, sem velas, deitava-se toda sobre o bordo da amíra, com a mastreação despedaçada, o convés invadido pelo mar furioso. Assim, em duas horas apenas, attingiamos o centro do cyclone. Uma calma subita, mas de curta duração, succedia á primeira crise desta sublevação atmospherica. Os ventos que nos tinham abandonado ao sul, repontaram a oeste e ao norte com a rapidez do raio. Entravamos, nesse instante, no segundo segmento do circulo do tufão. Batida agora pela esquerda, a fragata inclinava-se de novo, não podendo resistir á enorme pressão que a mantinha deitada a um bordo. Como se vê, os ventos haviam seguido a lei dos cyclones no hemispherio austral. Turbilhonavam da esquerda para a direita, como a espiral das zonas de calma das regiões antarticas...»

No dia seguinte, ao despontar do sol, não havia da formidavel procella senão restos de vagalhões desmontados, mas que de hora á hora baixavam, acalmavam. A *Belle-Poule*, embora só em mastros-reaes e sem o páu-da-giba, com uma nova andaina de panno envergada e só puxando em gaveas-grandes, navegava serenamente em demanda de Porto-Luiz, em Santa Maria de Madagascar. E a corveta *le Berceau*? Essa, coitada, não se sabia d'ella — ficara perdida na immensa solidão oceanica. Mas nem o commandante da fragata, nem ninguem da sua compãha, suppunha jamais que ella tivesse naufragado, sossobrado em meio ao temporal; muito pelo contrario, julgavam-na livre de perigo e a salvo, tal qual succedera ao navio em que estavam, e,

apenas, com bons vigias nos sextos-de-gavea e nos tópes dos mastaréos, procuravam descobril-a a todo o instante no vasto arco do horisonte, julgando-a afastada, desgarrada, sem duvida, mas unicamente por algumas milhas de mar...

Uma semana depois a *Belle-Poule* entrava em Porto-Luiz, ponto marcado para a reunião de todos os navios da divisão naval franceza da India, onde se achava a náu-capitanea tendo arvorado o pavilhão do almirante. E o commandante, officiaes e marinheiros que vinham triumphantes, se bem que maltratados da luta com o terrivel cyclone, experimentaram desagradavel surpresa em não encontrar já alli fundeada, como esperavam, a corveta *le Berceau*, muito menor e mais veleira que a fragata. Mas não ficaram apprehensivos, attribuindo a demora dessa embarcação, não só a algum desvio do caminho e a quaesquer avarias consideraveis que lhe houvesse feito o tufão, como ainda á alguma arribada inevitavel á propria ilha da Reunião ou a qualquer outra das Mascarenhas.

Ao vêrem entrar a *Belle-Poule*, o almirante Desfossé e demais pessoal do navio-chefe que já sabiam da borrasca, não sómente pelo barometro de bordo mas tambem pelos barcos de pesca das costas de Madagascar, respiraram livremente, embora não vissem entrar conjunctamente com ella a corveta *le Berceau* que devia segui-la de perto: e não se admiravam porque semelhante facto é muito commum nas frotas ou esquadras em viagem, quer á vela quer a vapor, pois que, ao menor accidente, os navios desgarram-se e atrazam-se uns dos outros, sobretudo em más condições de vento e mar.

Apenas a *Belle-Poule* fundeara o seu commandante, conforme as ordenanças militares, correu a apresentar-se ao almirante, entregando-lhe o relatorio escripto de todo o cruzeiro que acabava de fazer, contendo uma parte bastante desenvolvida e completa sobre a tormenta apanhada, e reforçando-o e ampliando-o ainda com uma larga narração verbal a respeito. O chefe Desfossé fez-se transportar immediatamente, em companhia do proprio commandante, para bordo da fragata recém-vinda, verificando então por si mesmo as enormes avarias que apresentava o navio e interrogando ainda, um por um, os officiaes e marinheiros sobre o grande cyclone. Emquanto ao desgarrar de *la Berceau* era da opinião do commandante e da marinhagem da *Belle-Poule* — «que a corveta, casco ainda novo e seguro, bem commandado e com boa officialidade e guarnição como estava, aguentara de certo a tempestade e devia, mais dias menos dias, surgir no porto a são e salvo, lançando o seu retardamento ou demora á conta das más condições de navegabilidade

em que sem duvida ficara sob o furor das vagas e do vento, tanto como á hypothese, muitissimo natural, de alguma arribada a qual-quer ponto proximo da latitude em que se achava durante ou depois do cyclone...»

Esse era, para assim dizer, o pensamento «official» de todos na divisão naval franceza, mas no coração e no espirito de cada um nascera desde muito e se accentuava dia a dia, com a delongada ausencia da corveta, o presentimento funerario e cruel de que *le Berceau* e todas as vidas preciosas que nella se achavam tinham desaparecido para sempre no fundo torvo das ondas.

Tão sinistra perspectiva trazia todos em profunda anciedade, na pequena cidade de Porto-Luiz— as guarnições dos navios de guerra francezes e de outras nações, como os marujos mercantes locais e de toda a parte, e a população indigena em geral. Corria-se, por terra e por agua, o littoral, em busca de noticias. Indagava-se sofregamente, angustiosamente de todos os tripolantes dos navios que entravam, de pesca, costeiros ou de longo-curso, vindos de todos os rumos do Mar, se acaso não tinham visto a corveta *le Berceau* ou alguma jangada de naufragos. E as respostas dos embarcadiços questionados, bem assim as dos emissarios mandados por terra e por agua a todas as enseadas, cabos e bahias proximas eram sempre, desolada e desesperançadamente, estas:— «que não tinham visto nada! que não sabiam de nada!...»

Não obstante tantas pesquisas frustradas— como a esperança não morre nunca no coração humano senão com o derradeiro lampejo de vida— em a náu-capitanea, como nos demais navios da esquadra franceza, os vigias, nos sextos-de-gavea e no tópe alto dos mastaréos, esquadrinhavam, o dia inteiro, com o olhar, os recortes da costa e o horisonte ao largo, a vêr se porventura surgia de repente, não já a corveta, em cuja existencia ninguem mais acreditava, mas algum batel ou batéis com naufragos...

Um mez decorreu em vão.

Mas uma tarde, quando menos se cuidava, a bordo da náu-capitanea, um dos vigias gritou alviçareiramente para baixo:

—Um navio desarvorado ao largo, em demanda de terra!...

Houve logo um immenso e justificado alvoroço em todos, no convés e no tombadilho, á pôpa e á prôa da náu, desde o almirante ao ultimo grumete. E um unisono de funda expansão e jubilo irrompeu vivamente de todas as boccas:

—*Le Berceau! Le Berceau!*

Fez-se immediatamente signal do navio avistado á *Belle-Poule* e aos demais barcos da

divisão franceza. E a mesma emoção de alegria explodiu subitamente em todos elles...

«Não era um sonho— narra ainda o primeiro-tenente Félix Julien—. No céu limpido e puro, o sol resplandecia gloriosamente: uma poeirada de ouro ardente vibrava no horisonte. Todos os olhos marujos de mais forte acuidade, projectados naquella direcção, não fizeram mais que confirmar a primeira noticia transmittida pelo gageiro. Mas logo a emoção devia tornar-se mais pungente: não era já um navio que nos apparecia, porém uma jangada carregada de homens e rebocada por botes sobre os quaes fluctuavam signaes de perigo e pedidos de soccorro. As imagens eram nitidas e fixas, as linhas perfeitamente desenhadas, distinctas. A bordo da capitanea, como nos outros navios, almirante, commandantes, officiaes, marinheiros, todos, durante muitas horas, sob um golpe de allucinação febril, podéram seguir com os seus proprios olhos os detalhes desta indescriptivel scena maritima. O almirante Desfossé, commandante da nossa estação naval da India, mandou immediatamente aprestar o primeiro vapor que encontrou no porto e felo sahir a toda força em soccorro dos naufragos que o Oceano dir-se-ia nos reenviava do fundo de seus abysmos».

«O dia começava a declinar e a noite como succede em geral nos trópicos, tombava quasi sem crepusculo, quando o *Archimedes* chegou ao fim da sua missão. Parou em meio dos destroços fluctuantes e lançou seus escalares ao mar. Em torno, nas ondas, continuavam a vêr-se massas de homens agitando-se, os braços erguidos para o céu a implorar soccorro. Ouvia-se como o ruido surdo e confuzo de um grande numero de vozes misturadas ao bater dos remos n'agua. Ainda alguns segundos, e nós iriamos abraçar irmãos arrancados a uma morte certa:

«*Illusions des nuits, vous jouiez-vous de nous?*»

«E os escalares enterraram-se por entre os espessos ramos de grandes arvores, arrancadas ás costas visinhas e arrastadas com toda a folhagem pela contra-corrente oceanica que remontava ao norte junto á ilha de Santa Maria...»

«Assim se esvaiu esta estranha visão. Assim se dissipou a derradeira esperança que uma miragem enganadora havia, por assim dizer, evocado do fundo azul do Oceano. Assim desapareceram de novo, e para sempre, sob os nossos olhos, a infortunada *Berceau* e as trezentas victimas engolidas no seu bôjo!»

Salão de 1906

N ESSA radiosa manhã de *feriado*, em que o sol, lembrando um soneto de B. Lopes, parecia:

...um guizo de ouro, cheio

Da alegria sonora de uma rima, desci vaidamente para a poeirada da cidade em reconstrução. Caras alegres, muita gente em casemiras claras, algumas mulheres bonitas. Radioso dia!

Na praça de S. Francisco de Paula encontrei o meu illustre amigo Polycarpo, todo dominical n'uma fatiôta cinzenta, enfeitando a sua lapella com um ramilhete de *hortencias*, de frente de achavascado, brutamontes vendedor de flores.

E' bem de suppôr que vossas excellencias, respeitaveis leitores, não conheçam o Polycarpo. Não se trata do hilare Polycarpo Banana, do Eduardo Garrido, nem de algum João Ninguem p'ra ahi assim. Eu vol-o apresento. E' moço, creio que vae pelos trint'annos, no maximo. A estatura fica-lhe entre o baixo e o alto; arredonda se-lhe o corpo no desfructe da boa vida, traz bochechas escanhôadas, é moreno, usa bigode e *pince-nez* de myope em aros de tartaruga sobre o narizito ao vento, e unido a isso algum talento, algum dinheiro, umas cocegas literarias, muita jovialidade e, se não fossem os seus arrebatamentos tropicaes, seria a mais adoravel das companhias durante algumas horas.

Polycarpo, acolhendo-me jubilosamente, pregou-me logo uma rosa ao peito, e solicito como sempre:

— Qual o teu destino?

Encolhi os hombros: O que estiver escripto no immenso livro do Senhor Deus eterno.

Amigo Polycarpo coçou o queixo, farejou as alturas, depois, resolutu, tomando-me o braço: Vamos ao *Salão*.

— Perfeitamente. Ao *Salão*. Prestas-me um grande serviço, farás por mim a critica (ou coisa que a valha) dessa exposição. Se a não fizeres collaborarás nella, prestando-me a leveza do teu inexgotavel humorismo. Empréstame-me a nota original das tuas observações.

Ao *Salão*, amigo Polycarpo!

Em minutos alcançamos a Escola de Bellas Artes, em cujo atrio esbarramos com dois enormes gessos. Polycarpo pretendeu admirar-os, ao que me oppuz com o argumento consideravel de que as grandes coisas devem

ser guardadas para o fim. Compramos as *entradas* e subimos.

Ao primeiro relance d'olhos algumas paisagens impressionantes, um Vasquez sobressahindo pelo vigor da sua factura, duas magnificas cabecitas de Columbano, uma firme caraça de negro por Thimotheo da Costa...

Particularmente Vasquez nos attráe. As suas quatro paizagens — *Planato de Theresopolis*, *Rio Paquequer*, *Serra dos Orgãos*, e *Afluente do Paquequer*, são magnificas. Esse pintor, que por tão longo tempo persistiu na obscuridade de uma voluntaria existencia humilde, é das melhores organizações artisticas que contamos entre contemporaneos. A sua visão apprehende syntheticamente, o seu colorido é quente e ao mesmo tempo sobrio, a sua maneira original. Não reproduz unicamente, interpreta, entra na expressão da natureza, funde-a com a sua alma.

Passamos adiante.

Polycarpo endireitou as lunetas no narizito cheiradiço, alvejou um quadrinho. E' uma linda cabeça de morena, em perfil, curvando-se ao decôte dos seios onde pousou uma borboleta azul. O avelludado do *pastel* dá-lhe á epiderme a maciez voluptuosa das pennugens nascentes, o reverbero do fundo, em vivos apotheosicos de alaranjados, illumina-lhe o contorno do perfil, a nudez do busto que parece feitas de uma maravilhosa pelle de seda frouxa vivificada por beijos.

— Magnifico! — disse.

— Sim, magnifico! — concordei.

Olhamos, ambos, o catalogo. Tem o nº 8, e traz a assignatura de Arthur Lucas. Conheço muito este nome. Arthur Lucas é um bellissimo artista desviado do curso natural da sua tendencia por circumstancias indebelaveis da sorte contraria. Pintor, e pintor por temperamento, fez-se caricaturista, fez-se *illustrador*, porque o genero lhe garantia a subsistencia. Mas, a sua qualidade nata de colorista, a sua grande vocação para a palhêta, ficou latente e, por vezes, rompeu obstaculos de tempo e compromissos para se externar em lindos paineis imaginosos, de uma suave fantasia de côres e de formas. A falta de tempo, porem, mantinha-o afastado das exposições. Felizmente aqui temol-o agora, provavelmente o teremos sempre e sempre com esse *entrain*, com essa viveza e poesia que o destacam em primeira linha dentre os expositores actuaes.

Polycarpo, na sua terrivel incontinencia meridional, fazia exclamações: Bravo! bravissimo!... Este é um artista!...

Mas, como o catalogo indicasse outro quadro seu, sob o n. 7, procuramol-o anciosamente. Cá está! E' tambem um *pastel*. Sobre um fundo rôxo, igual sem nuanças, destaca-se

outra cabeça de mulher, de uma suavidade sonhadora, quasi ideal. Também morena, e em perfil, mas desse moreno tenue das magnolias que se vão fenecendo; da coroa escura dos seus quentes cabellos castanhos pende um véo transparente, que a envolve n'uma nevoa de visão e todo o seu busto, que é leve como as plumas, está encoberto por um leve tecido claro, em tons brandos de branco e cinza, harmoniosando-se com a indiciação sentimental do seu semblante, que o gesto da mão, sobre a varêta do léque, revela e inculca.

Polycarpo, comovido, sacóde-me o braço:

— Hein, que dizes?

— E' um artista, amigo Polycarpo, é um artista que aqui está, para gozo nosso e honra da patria.

— *Caramba!* Eu, se fosse do jury, dava-lhe logo vinte medalhas de ouro e duas viagens á Europa. Olhe você, que esse homem lá na terra de gente fazia figura.

— Não ha duvida, illustre amigo. Este snr. Arthur Lucas, que é o infatigavel *Bambino* dos «calungas» de jornaes illustrados, entrou magnificamente nesta exposição.

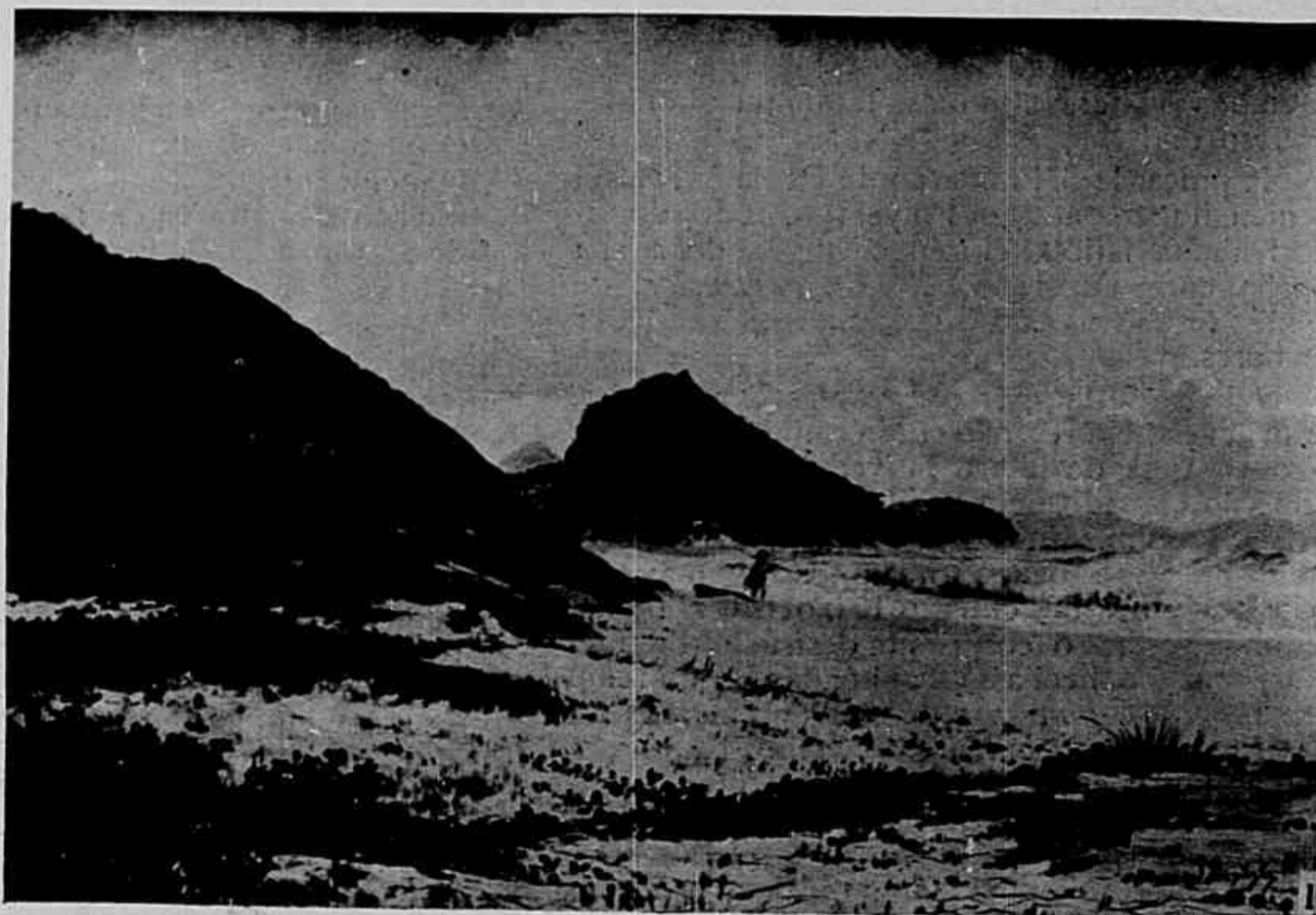
Merece palmas de ouro e trompas clangorosas de victoria. Urrah! pelo Lucas.

Polycarpo, esquecendo-se da gravidade do logar, berrou escandalosamente: urrah!

Respeitaveis senhores tremeram, assustados; os biombos de panninho vermelho oscilaram.

E para não destruir a deliciosa impressão que me deram essas duas *cabeças*, interpretadas por uma alma de poeta, volvi os olhos para um sereno, fascinador retratinho de rapariga, assignado pelo extraordinario Aman-Jean. Polycarpo protestou em nome do seu feroz nativismo contra este meu acto: Alli, o que tinhamos a vêr, era o trabalho dos patricios... os estranjas, esses, não necessitavam do nosso julgamento, eram reputações feitas, eminencias na Arte... Olha aquillo, olha a nossa luz n'aquelle quadrinho.

Apontava uma paizagem do professor Baptista da Costa, que descobriu o segredo de reter na téla a côr, a luz, o contorno pittoresco da nossa natureza. Passamos em revista as suas obras. Como sempre encontromol-a conscienciosa, seriamente feita. Mas, apesar de todas as boas qualidades que se poderá notar no seu grande quadro *A' beira do lago*, preferimol-o nos quadros de menores dimensões, na *Margem do Parahyba*, na *Paizagem do Leme*, na *Paizagem Mineira*, em que não ha verdadeiramente composição de assumpto, mas



COPACABANA

reprodução do observado. As figurinhas do primeiro não correspondem á intensidade emotiva do scenario.

Desta opinião também participa o meu illustre amigo, o respeitavel Polycarpo, que tem competencia em assumptos de arte, pelo menos igual á que nós outros presumimos possuir e a bastante para ser ouvido e cheirado por nossas celebridades.

Assim foi que elle notou com muito criterio o progresso alcançado pelas sras. Rachel Boher e Sarah del Vecchio, nos estudos de paizagem. Dessa ultima senhora ha um interessantinho quadrinho, a *Ponte do Aquarium* em que se revela a proveitosa influencia do seu professor, o já conceituado Baptista da Costa.

A sra. Boher apresenta um bom estudo da praça Malvino Reis, em Copacabana, feito com

muita segurança dos valores e do desenho. Essas senhoras, como as aquarellistas DD. Anna e Maria Cunha Vasco, promettem ser artistas de real merecimento.

Do paizagista pernambucano Telles Junior, de quem se occupou nesta revista, ha um anno, o sr. Oliveira Lima, encontramos um quadrinho que se nos afigura insufficiente para constatar o merito que esse escriptor lhe deu. O seu acabamento accusa maneirismo e, nos detalhes, vemos persistencias que denotam difficuldades.

O sr. Dall'Ara dá-nos tres estudos bem desenhados e intensamente coloridos. Muito bons.

Percorrendo o catalogo encontramos o nome do snr. Bevilacqua (Eduardo) que o anno passado apanhou a medalha de segunda classe. Esse parece que o excitou beneficemente, porque no Salão de hoje os seus dois trabalhos expostos são muito, muitissimo superiores aos daquelle anno.

Polycarpo chama-me, delicadamente, a attenção para a *Infancia de Orpheu*. A paizagem está bem illuminada e os pinceis correram com largueza; a figurinha de Orpheu, se não fosse o desenho da perna direita, mormente do pé,

seria feliz. Outro trabalho do snr. Bevilacqua é um retrato, em que se revela o seu desejo de progredir. E não ha duvida, fez um passo enorme! O retrato é bom pelo que respeita á pintura. Sem o censurar, eu desejaria a cabeça fosse mais *consistente*, mas a roupa, como accessorio, agrada-me grandemente, assim como a distribuição da luz, feita com tal habili-dade que dá um delicado interesse á figura.

— Neste caso.....

— Se lhe deram medalha no anno pasado é justo que lh'a deem neste anno.

— E *este* snr. Carlos Chambelland?... — perguntou-me Polycarpo, diante dos *Olhos curiosos*.

— E' um rapaz de grande talento, um bello artista que vem chegando. No Salão de 1905 expôz um bom retratinho, mais do que isso, um excellente retratinho.

— Mas..... estas duas figurinhas, que lá estão na praia... Com franqueza, não te parecem desageitadas?

Sim, não me agradam... sobre tudo, a do homem. Em todo o caso, Polycarpo amigo, ha muito ar neste quadro, e tudo é frescura, tem o ambiente maritimo, o horisonte é vasto... Repara bem nestas tres figurinhas femininas.



Á BEIRA DO LAGO



43

OLHOS CURIOSOS

São *d'après nature*. E se queres conhecer mais o valor desse moço, que muito promette, olha este retratinho. Póde-se-lhe dizer tímido na pintura da cabecita, falta-lhe acabamento, vigor, mas repara estes olhinhos, como vivem, como elles fictam. Attende á este corpo, á este vistidinho branco... Hein?... Aqui ha desenho, ha pintura...

—Davas-lhe tambem uma medalha?

—Certamente, até a medalha de ouro!

E has de convir em que a nossa pintura está cheia de promessas, que devemos aproveitar. Ha um numeroso grupo de rapazes de talento.

—Por exemplo...

—Esse Thimotheo da Costa, o Arthur, irmão do outro Thimotheo. Aqui tens o *livro de preconceitos*...

—Deveria ser: fóra das regras da arte...

—Nem tanto. Vejo que esta figura de mulher, deitada num comoro de areia, está desarticulada, a perna esquerda vem em curva para um plano errado, contrariando a posição do tronco quasi em escorço; vejo que a sua perna direita forma uma linha pyramidal que se desloca violentamente do resto do corpo...

—E que mais?

—Não obstante tudo isso, a composição é audaciosa, põe uma nota de rebeldia nesse meio...

—Começando por não significar cousa nenhuma.

—Espanta-me a tua intolerancia, amigo Polycarpo.

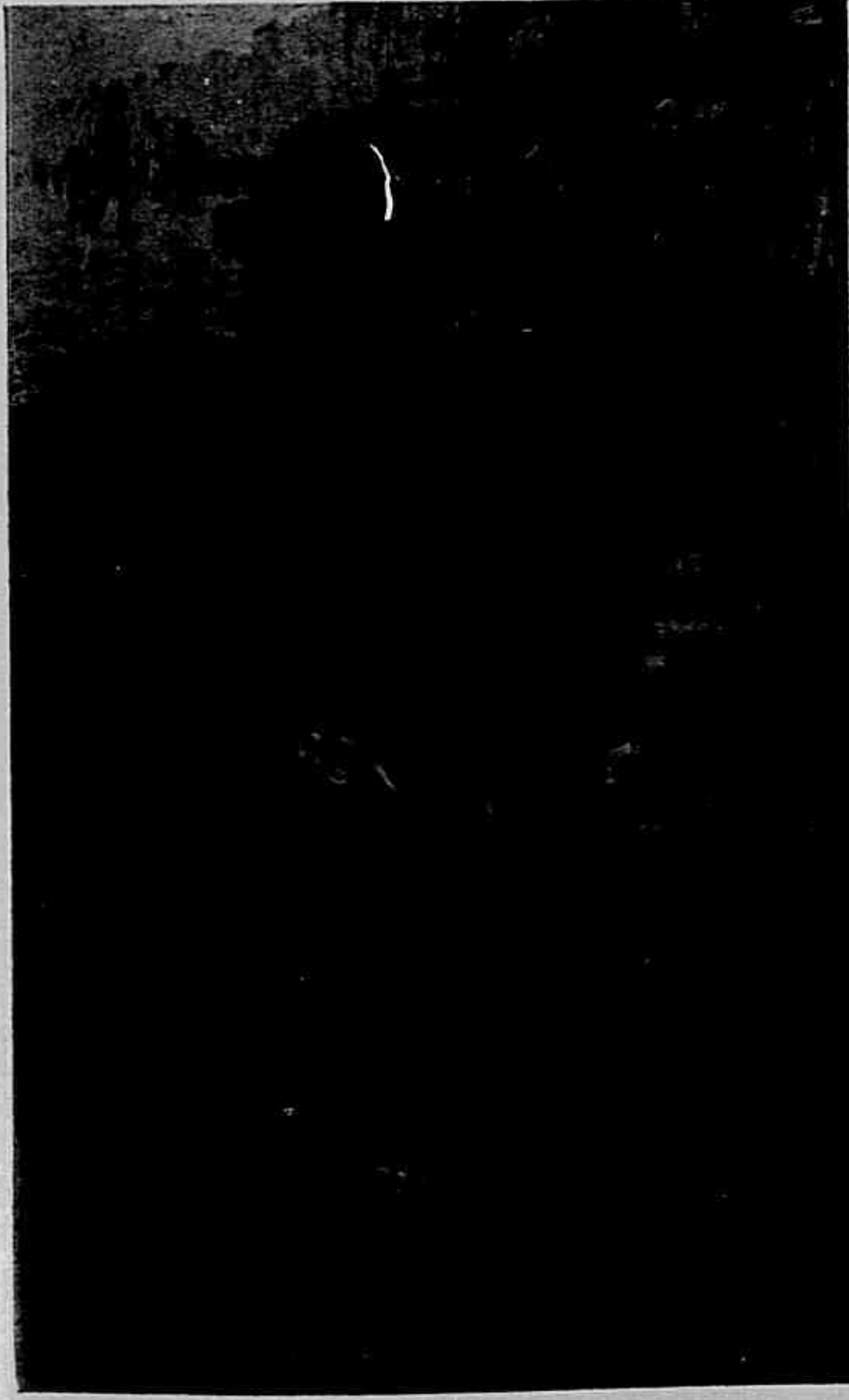
—Eu tolero tudo, meu velho, desde que seja toleravel. Calcula tu que, sahindo d'qui, um nephelibata nos agarrasse e nos fizesse ouvir uma coisa mirambolante, pouco mais ou menos assim: A pompa triumphal do empavezamento cysnesco das galeras d'oiro, ardendo em explosões de minas arrebatadas sob o holophote do sol nascente, architectava Babylonias fluctuantes com festins de Balthazar nos monticulos movediços do corcoveante oceano..... Seria isso toleravel?

Emmudeci. O jovial Polycarpo quando escorrega para o sério é simplesmente formidavel.

—Bem. E o que dizes deste *violinista*?

—Acho-o soberbo, é uma das melhores obras deste *Salão*. O sr. Carlos Oswald trouxe para a pintura o talento com que o seu illustre pae cultiva a musica. Esta cabeça está viva, não se póde negar; ha alma nesses olhos, essas mãos têm sangue, e musculos e nervos. Admiravel figura! De resto, toda a obra desse moço ainda mesmo que pouco nos agrade, como a *Magdalena*, possui a marca de um artista, sente-se-lhe o calor da febre da composição. Quando não tivéssemos este extraordinario *violinista*, bastaria a *Triste* para revelar essa individualidade que veio honrar a nossa arte com o brilho do seu merito. A mão desse moço tem a segurança de um mestre, o desenho sae-lhe certo e firme, a sua palhêta possui

um brio pouco commum, a sua tinta illumina como um raio ou suavisa e melancolisa como o luar; e em tudo está a sua alma de artista, o seu poder de crear, de evocar, de communicar. A propria *Magdalena*, a que me referi, se tivesse por titulo—estudo, academia, nú—ou outro qualquer que o não determinasse, que o não fizesse um typo, seria optimo trabalho. Magdalena! porque?... Em que esta figura indica a peccadora arrependida que acompanhou Jesus de Nazareth?... Será pelo acabrunhamento em que permanece?... Será simplesmente um nome de acaso, como seria o de Sylvia, Martha, Joanna?... Que nos importa a nós que uma mulher núa, sobre um divan, sem outros attributos que inculquem a sua origem, a sua raça, os seus costumes, se chame Joaquina ou Rachel?... Pondo isso de parte,



CLARO-ESCURO SOCIAL

toda a obra desse moço é uma affirmação incontestavel do seu talento e do seu saber.

O sr. Oswald conquistou, com ella, um dos primeiros logares entre os nossos pintores e nesse logar conservar-se-á, sem duvida, augmentando o fulguramento do seu nome para gloria da nossa patria.

Outro artista novo que se nos revela no actual *Salão* é sr. Francisco Manna.

O seu estudo ao ar livre, o *Claro-escuro social* e a *Lucta pela vida* são obras que affirmam uma individualidade. Como interesse artistico preferimos o *ar livre* e a *Lucta pela vida* ao grande quadro *Claro-escuro social*, mas em todos encontramos o mesmo sentimento da côr, a mesma facilidade de pintura, o mesmo cuidado de desenho. O sr. Manna é o mano dos nossos bons artistas.

De repente, Polycarpo berrou um—oh!—escandaloso. Duas modestas senhoras que, accomodadas em cadeiras, olhavam somnolentas o retrato do infeliz dr. Augusto Severo pelo fallecido e modestissimo Franco de Sá, estremeceram, aterrorisadas. Corri para o meu illustre amigo: Que é!

Elle não se podia conter, estava vibrante; agarrou-me pela cintura, arrastou-me violentamente para o logar em que se achava, e n'uma ancia admirativa repetia-me:

—Admira, admira isto! Admira.

Era a *Dame à la Rose*, do Belmiro de Almeida.

Sim, deviamos admiral-a. Realmente, essa pintura demonstra um profissional completo. Alli tudo foi attendido: o desenho, que é certo, macio, reconstruidor; os tons, que são magistraes nos seus valores; e a expressão, que se nos communica e vive e attráe. Olhamol-a demoradamente.

A linha esguia desse corpito, vestindo tecidos negros, move-se n'uma graça serpentina e tão nervosa e magra ella é que lembra uma tulipa negra! Sobre a fragilidade do pescocinho a cabeça volve-se para nos sorrir—descobre-se-lhe, então, a insidia do olhar que nos fascina, a feitiçaria do sorriso que nos entontece. E' uma viva figura, uma admiravel figura que, enthusiasmando Polycarpo, lhe arranca da originalidade esta phrase, em que está caracterisada todo o *exquis* do modelo: Bizarro louva-deus da moda!

Belmiro é o mesmo artista de ha dez, de ha quinze annos passados. A sua pintura conserva o encanto do asseio, da precisão, da certeza que a sua pratica adquiriu e a sua indole cultivou. E neste quadrinho d'*Amúada*, que ahi está, encontramol-o com as mesmas qualidades de rigoroso desenhista e fino pintor que levaram o seu nome ao mais alto conceito entre os nossos artistas.



DAME A LA ROSE

Do mesmo modo se mantem na elevada reputação conquistada os srs. Treidler com suas bellissimas aquarellas, Visconti com um adoravel *Segredo*, que fez parte de uma collecção exposta ha annos e Weingartner sempre delicadamente meticoloso. Raphael Frederico expõe uma paizagem, um tanto prejudicada pelo plano direito em que ha um rio demasiado para o bom effeito do quadro. E... Mas, o amigo Polycarpo começa a sentir fadiga. E' sua opinião que já vimos o que deviamos notar, o mais que o admire quem tiver tempo.

Partimos para a sala de esculptura. Como sempre pobre e fria. Correia Lima, que nos podia commover com o seu bello talento, contenta-se em expôr um busto-retrato do almirante Mello e outro gesso, o *Trabalho*, innegavelmente modelado com o saber de que ha dado sobejas provas. A sra. Nicolina de Assis apresenta um busto-retrato, em bronze, bem feito e o projecto de uma fonte; o alumno Cunha Mello agrada-nos muito com o seu gesso, retrato de A. C., realmente interessante.

Ainda Belmiro de Almeida nos surprehende com uma cabecinha em bronze, retrato do dr. G. B. e a sra. Julieta França, recém-chegada da Europa, diz-nos por sete trabalhos o aproveitamento do seu tempo de pensionista da União. Nesses sete trabalhos ha um busto em bronze, retrato, dois em gesso, tambem retratos, a *maquette* de um monumento da Republica e mais duas grandes composições.

A *maquette* possui uma bonita linha monumental e para julgarmos satisfatoria ás nossas exigencias desejaríamos que as figuras do pedestal, em vez de isoladas, tivessem connexão entre si, fôrmassem um conjuncto, rompendo assim com a forma classica e dando-lhes maior importancia inventiva. Das suas composições deixo ao illustre Polycarpo o encargo de as julgar. E, portanto, dou-lhe a palavra. Amigo, dize tu o que pensas desses gessos.

— O que penso? Com franqueza, inclino-me sympathicamente para a obra dessa esculptora, a sua predilecção pela nudez é uma prova de applicação. A grande esculptura é o nú. Mas, a sra. Julieta, não sei porque, não se dá ao trabalho de *amadurecer* as suas concepções, parece que tem a soffreguidão de produzir.

Si ella houvesse procedido com maior tino na composição da *Confidencia*, veria que o assumpto não se prestava a grandeza dada as figuras nem deveria ser este o modo de agrupal-as. Ha precipitação em tudo isso. Mais lentamente, para dizer melhor—mais *amadurecidamente*, o assumpto se lhe apresentaria de outra maneira; as figuras, pelo razão do titulo, completar-se-iam num conjuncto mais esthetico e tambem mais verdadeiro. Haveria, pois, outra expressão. Este defeito resalta tambem do *Filho Prodigio*. A posição da figura não nos indica o momento nem caracteriza bem o individuo. Se lhe escrevessem no sóco, em lugar de *Rêve de l'enfant prodigue*, *Sonho de Jacob* ou *Fadiga* ou *Sésta do pastor*, olhariamos para elle com a mesma emoção. O que lhe falta, como falta á *Confidencia*, é a interpretação, é o flagrante, que, numa simples mirada, tudo nos revela. Pensado, reflectido, estudado o assumpto a esculptora teria alcançado o quanto pretendeu. A inspiração fica na primeira *maquette*. Se o genio a bafeja, essa *maquette* será extraordinaria, mas se a idéa apenas resultar de uma especial disposição de temperamento, é preciso pensar muito, fazer e refazer, estudar pacientemente para encontrar a sua expressão exacta.

Assim falou Polycarpo. Sorri-lhe, estendi-lhe as mãos: Obrigado, amigo, obrigadissimo. Em nome da arte, obrigadissimo.

Agora, á Vida!

A' Vida!—Confirmou Polycarpo. E sahimos para o ar livre das ruas.

GONZAGA DUQUE.

INVENTARIANDO

MINISTERIO DO INTERIOR

HA sempre ruido em torno de todos os ministerios. O da Industria tem as obras dos portos, de que se falla diariamente; o das Relações Exteriores tem questões de limites, e agora, o Pan-Americano; no da Marinha a mudança de Arsenal foi uma campanha; o da Guerra ali está com a sua divisão de Manobras; só no do Interior corre tudo silenciosamente, como nos negocios domesticos: as grandes obras, ali, nem sempre têm reflexo universal.

Entretanto, é o Ministerio do Interior que, por assim dizer, constróe a Patria; é elle que diffunde o ensino, mantem bibliothecas, promove a Assistencia, acautela a saude publica, distribue a policia, preside ás eleições e organisa a Justiça.

Tem quasi cem annos este departamento da publica administração. Como Secretaria de Estado dos Negocios do Brazil foi creada em 5 de Maio de 1808, com a nomeação de Militão José Alvares da Silva, na qualidade de official maior para dirigil-a.

Em Agosto de 1821 funcionavam duas secretarias: uma dos Negocios do Reino do Brazil, outra dos negocios da Justiça. Em 28 de Outubro de 1822 organisou-se o primeiro ministerio depois da independencia: mantendo-se a pasta da Justiça, e apparecendo o primeiro titular da pasta do Imperio.

Até 1842 vinte e nove ministerios se succederam sem que as secretarias fossem alteradas. D'ahi até ao fim da Monarchia varias foram as reformas. A Republica destacou destas secretarias alguns serviços para o novo e ephemero Ministerio da Instrucção Publica, Correios e Telegraphos; e em 1892 reorganizou, isolada e distinctamente, o Ministerio da Justiça e Negocios Interiores.

Neste tem desde então exercido o cargo de Ministro Dr. Fernando Lobo, Cassiano do Nascimento, Gonçalves Ferreira, Alberto Torres, Bernardino de Campos, Amaro Cavalcanti, Epitacio Pessoa, Sabino Barroso, José Joaquim Seabra, e Felix Gaspar de Barros e Almeida.

A mais fecunda administração, porém, é esta que se refere ao periodo presidencial 1902-1906. Trabalhou-se muito, produziu-se muito. Não coube ao Ministerio do Interior rasgar avenidas atravez da Cidade, mas coube-lhe a gloria de dar traços luminosos em paginas de civilisação.

O Dr. Seabra desenvolveu serviços, melhorou serviços, e creou serviços novos. O problema da Assistencia foi a sua grande preocupação, e a obra que deixou recom-

menda-o como um dos mais esforçados cultores da Republica.

Uma das primeiras cousas que fez ao assumir o exercicio do seu importante cargo foi talhar os moldes em que devia funcionar a Directoria Geral de Saude Publica; e, reformando inteiramente os serviços sanitarios a cargo da União, deu ao respectivo Director uma somma de poderes tal que espantou a população. A população hoje está curada desse espanto, e satisfeita com a maravilha. A hygiene da Capital da Republica espelhou a grandeza do apprehendimento. Ministro e Director Geral de Saude Publica, accordes, afinados num só principio triumpharam juntos, e de quem? Da mais sinistra, da mais terrificante, da mais calamitosa epidemia que o Rio de Janeiro entretinha havia cincoenta annos. Os admiraveis trabalhos de prophylaxia improvisados contra a febre amarella, e com o exito que todos testemunhamos são sufficientes para dar renome a um Governo, pois isso resultou da confiança que o Ministro tinha no seu auxiliar, do prestigio que lhe deu, e da tenacidade com que elle agio. No Rio de Janeiro não se morre mais de febre amarella! Desappareceu o espantallo que afastava de nós a Civilisação.

A Assistencia a Alienados foi pelo Ministro Seabra cuidada por tal modo que se reformou tambem completamente. O Hospicio deixou de



DR. JOSÉ JOAQUIM SEABRA

ser um carcere de doidos para ser um sanatorio de enfermos. O Hospicio transformou-se, e arranca elogios de todos os medicos estrangeiros que o tem visitado.

A Maternidade do Rio de Janeiro é uma verdadeira creação. Não existia, nem esboçada. O que havia no Hospital da Misericordia era ridiculo. O predio que lhe fôra destinado, e em sitio improprio, havia 14 annos que se lhe interrompera a construcção. O Dr. Seabra effectuou tudo rapidamente: fez concluir o predio com outro destino, e instituiu a Maternidade, installando-a quasi luxuosamente.

O predio concluido abriga hoje a Academia Nacional de Medicina, o Instituto da Ordem dos Advogados, e a Academia de Lettras. E' o Sillogéo Brasileiro.

A' Bibliotheca Nacional e á Escola de Bellas Artes deu tambem o Ministro Seabra sédes proprias que se estão construindo na Avenida Central, e que serão verdadeiros monumentos architectonicos. O Archivo Publico, outra importante dependencia do Ministerio do Interior, está de mudança para o predio novo, especialmente construido na Praça da Republica.

Nada menos de trinta e cinco serviços, instituições e estabelecimentos pertencem ao Ministerio do Interior e Justiça; sobre todos elles o Dr. Seabra exerceu acção benefica de administrador consciencioso. A Escola 15 de Novembro para rehabilitação dos contraventores processados pela Policia foi transfundida. O Gabinete de Identificação e de Estatistica teve creação inicial, e é hoje uma das mais uteis repartições accessoras da Justiça.

E' impossivel de memoria assignalar tudo quanto fez o illustre Professor de Direito como membro do governo do Dr. Rodrigues Alves. Não nos escapará, entretanto, a organização do territorio do Acre (Decreto de 7 de Abril de 1904) trabalho ingente que a Historia recordará e reverenciará por sua capacidade e previdencia.

Quando o Dr. José Joaquim Seabra determinou largar o Ministerio afim de poder pleitear a eleição de Senador, succedeu-lhe o Dr. Felix Gaspar de Barros e Almeida.

Nunca o verbo succeder foi empregado com tamanha propriedade. A successão é um facto completo em todos os seus pormenores. O Dr. Felix Gaspar continuou a dar ao Ministerio do Interior e Justiça a mesma vibração e actividade que trazia desde 1903.

Não esmiuçaremos a sua obra intelligente e patriótica porque já vai longo este artigo, mas accentuaremos a benemerencia inoffuscavel desse proposito humanitario de fundar o Sanatorio para tuberculosos.

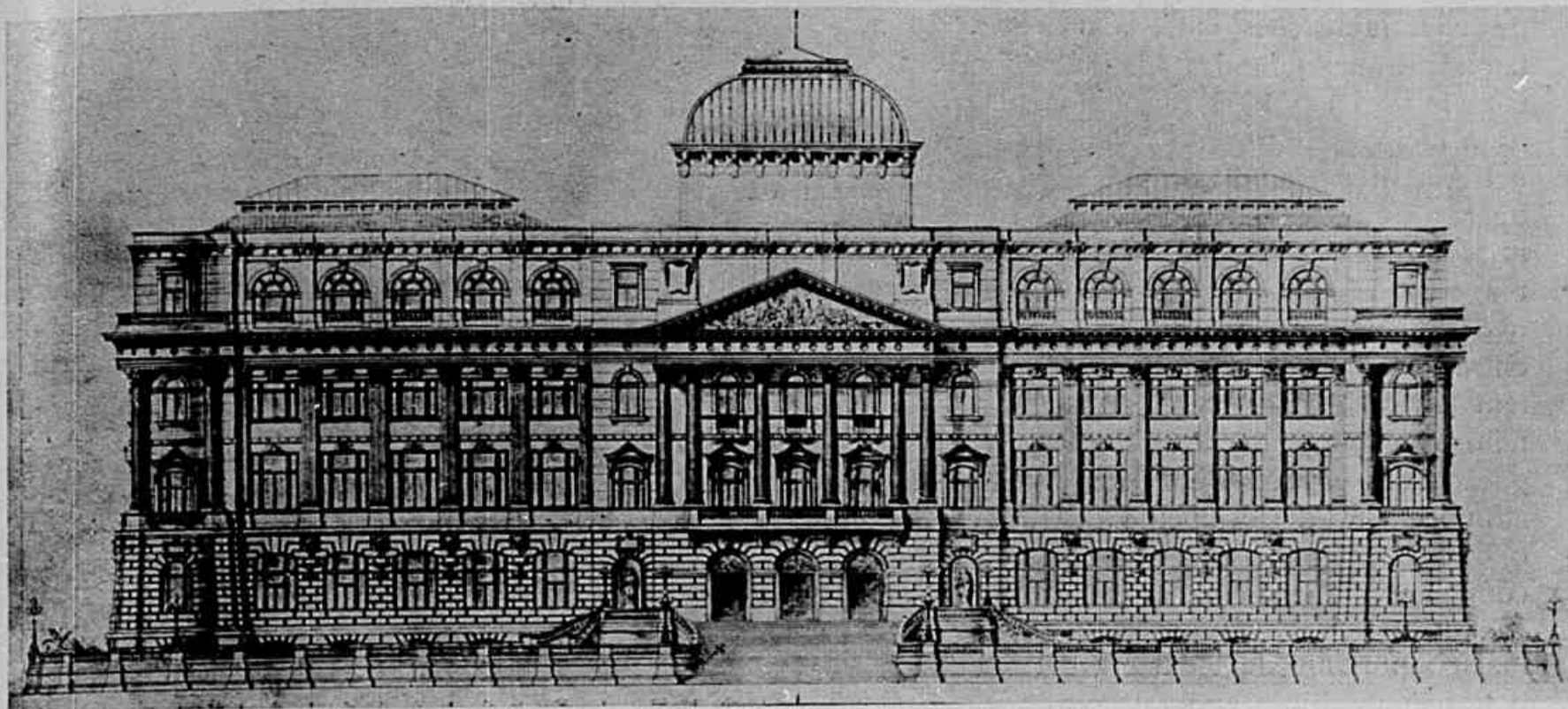
Vencida a febre amarella restava esse morbus lethal, esse hediondo ceifador de vidas, mais forte, mais cruel, mais terrivel do que todas as epidemias. O mundo inteiro clama para que se dê combate á tuberculose; nós

nada tínhamos senão uma Liga, de acção muito platonica. O Dr. Felix Gaspar, com a generosidade de um cavalleiro medieval, mettu hombros a essa empreza; e ahi está o Rio de Janeiro dotado com um Sanatorio que ha de servir de modelo, e que ha de servir de refugio salvador ás victimas da temerosa enfermidade.



DR. FELIX GASPAR DE BARROS E ALMEIDA

Eis ahi estão rapidamente expostos os serviços do Ministerio do Interior e Justiça; serviços em que não ha o ruido de tambores, nem as vibrações do telegrapho, nem o silvo agudo de locomotivas devorando o espaço, mas onde se distribue pela communhão social uma somma enorme de beneficios, onde se attende a um numero infinito de exigencias, onde se constróe lentamente, ininterruptamente, a cathedral immensa de maravilhosa architectura que é substancialmente o que nós chamamos Patria.



BIBLIOTHECA NACIONAL EM CONSTRUÇÃO NA AVENIDA CENTRAL.

N. DA R. — Não pode escapar ao inventario que com tanto brilho fez o nosso collaborador a construcção do edificio para a Faculdade de Direito do Recife. O actual Ministro do Interior ordenando essa obra satisfez uma das mais antigas aspirações da Capital pernambucana. Essa instituição fundada em 1827 vai ter installação propria dos seus elevados destinos.

O Quartel da Força Policial do Rio de Janeiro, que já não era o velho Quartel de Barbonos, recebeu tambem deste Ministro o maximo beneficiamento. Pela desapropriação de casas contiguas, uma das quaes era ha muitos annos Casa dos Expostos, o Quartel estendeu-se, ganhou largueza, e feição architectonica bellamente delineada. Alem disso, a Força Policial foi dotada com outros quartéis regionaes. O quartel de Cavallaria igualmente foi dotado com um novo edificio.

A Escola Correccional Quinze de Novembro passou do edificio que occupava para um estabelecimento rural, a Fazenda da Bica, adquirida pelo Ministro do Interior para maior proveito dos rapazes nella internados.

A probidade administrativa teve tambem sua pedra de toque nas providencias tomadas a respeito de concursos nas diversas Faculdades e Cursos Livres. O inventario do Ministerio do Interior e Justiça no periodo presidencial 1902-1906 é um inventario de Cresco, opulencia de que se deve orgulhar a Republica, a grande beneficiada por uma administração laboriosa e honrada.

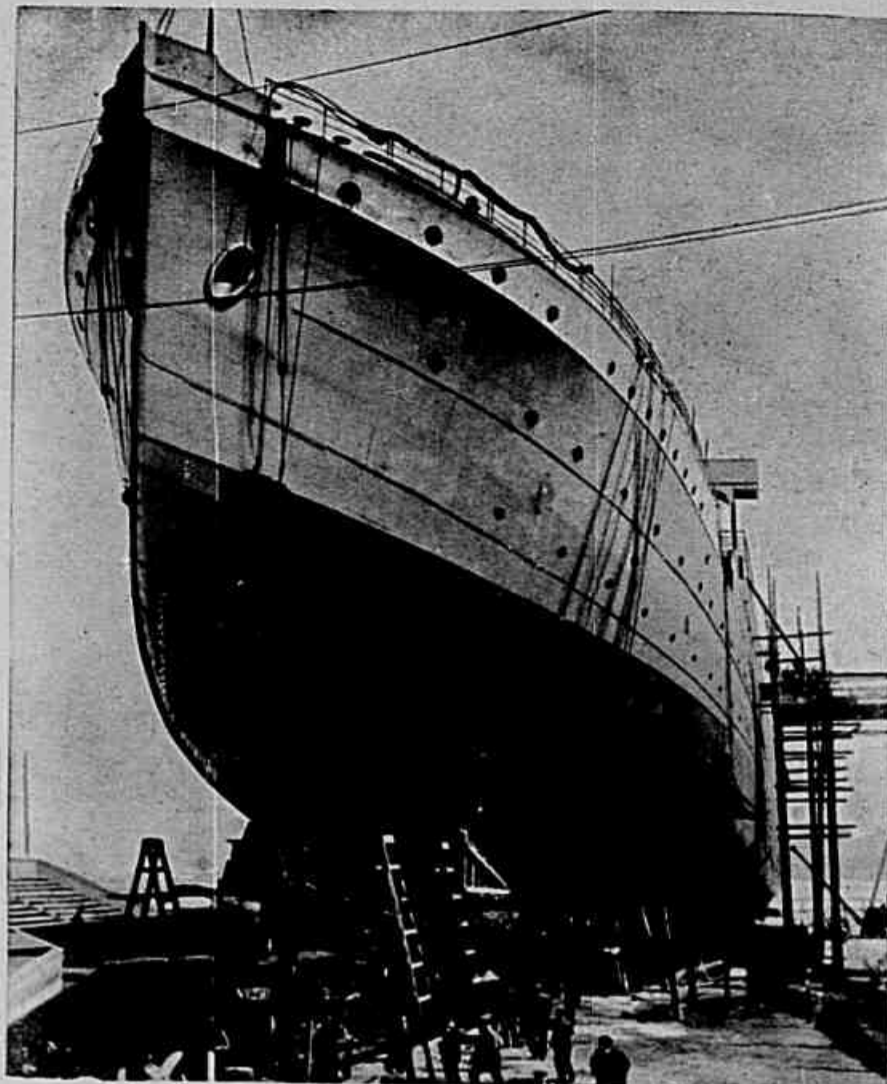
Esta Revista ufana-se de inventariar uma obra tamanha; e, deplorando a falta de espaço para um largo exame, roga aos deuses que lhe não falte tempo para registrar a obra dos outros Ministerios. São lapides que deixamos lavradas para os grandes architectos da Historia.

O "AMAZON"

A companhia *Mala Real Ingleza*, incorporada no anno de 1839 para o serviço de communicações entre a metropole britannica e suas colonias das Indias Occidentaes, iniciou em 1851 as suas viagens para os principaes portos do Atlantico Meridional Americano, alargando a esphera de suas operações, e transferindo, em virtude da importancia de sua nova linha as suas maiores cogitações para esse serviço. De facto, o desenvolvimento crescente do commercio entre os continentes europeu e americano tem favorecido a carreira notavel que tem feito essa companhia que iniciou sua navegação com vapores de 2.000 toneladas que atingiram ao deslocamento de 10.000 com o *Aragon*, tendo em construcção outros com maior tonelagem.

A flotilha da *Mala Real Ingleza* é a mais importante de todas as que mantêm o trafico maritimo entre os portos da Europa e os da America do Sul, e os seus vapores primam pela marcha elevada a media horaria de 15 milhas e por possuirem todos os melhoramentos e aperfeiçoamentos da moderna construcção naval, offerecendo o maior conforto e commodidade aos passageiros.

Os novos navios com que a companhia dotou o seu serviço sul americano, á co-



O "AMAZON" NO DIQUE

meçar do *Aragon*, pelo *Amazon*, o *Araguaya*, que em Outubro entra na carreira normal, e o *Paranaguá* que se ultima, são os melhores vapores de passageiros que navegam no Atlantico Meridional.

O que caracteriza principalmente o serviço d'essa importantissima companhia é o seu caracter internacional, sem preferencias nem sympathias, se bem que nos adornos internos dos seus vapores não sejam contemplados os bellissimos panoramas e as lindas payzagens do Brasil, sem rivaes no mundo.

Convem tambem noticiar a recusa que a companhia fizera da vantajosa proposição argentina de estabelecer viagens directas entre Buenos Ayres e a Europa. A *Mala Real Ingleza* se apresentou candidata aos favores que uma nova lei argentina concede ás companhias de navegação, mas sem acceitar a exclusão do Rio de Janeiro do numero de suas escalas.

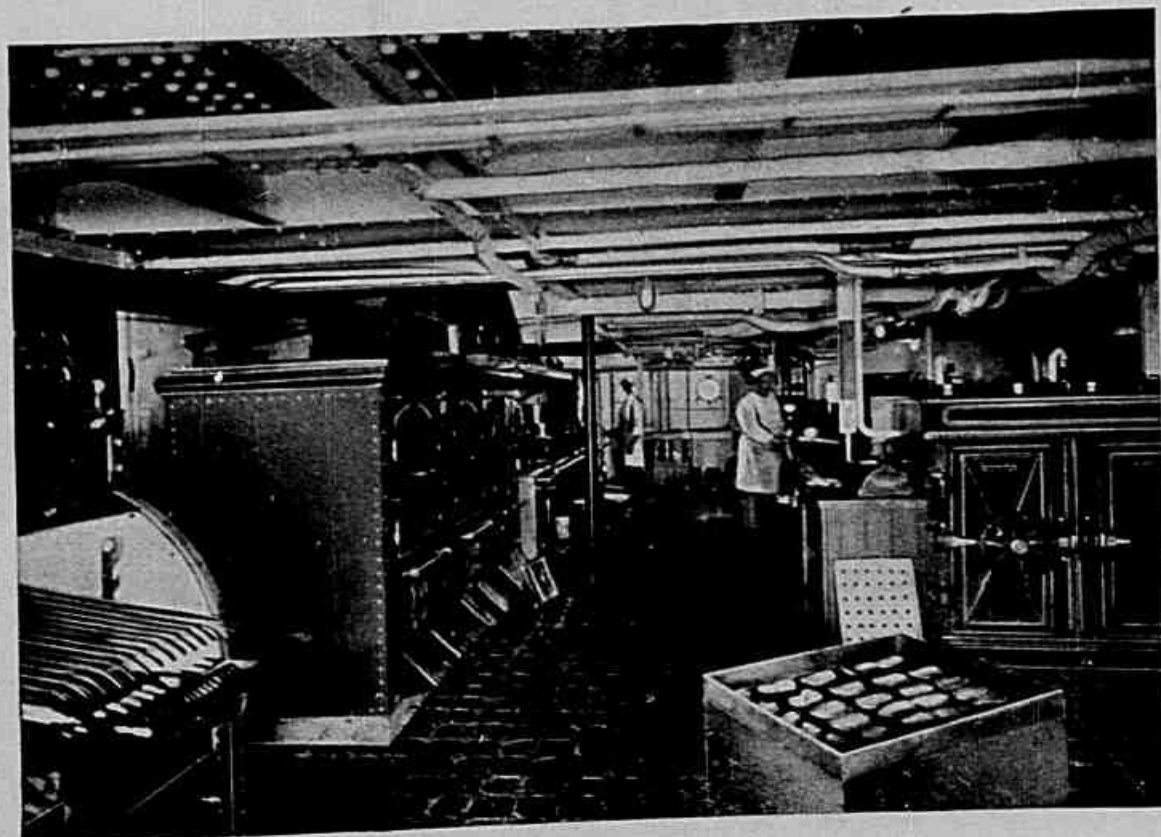
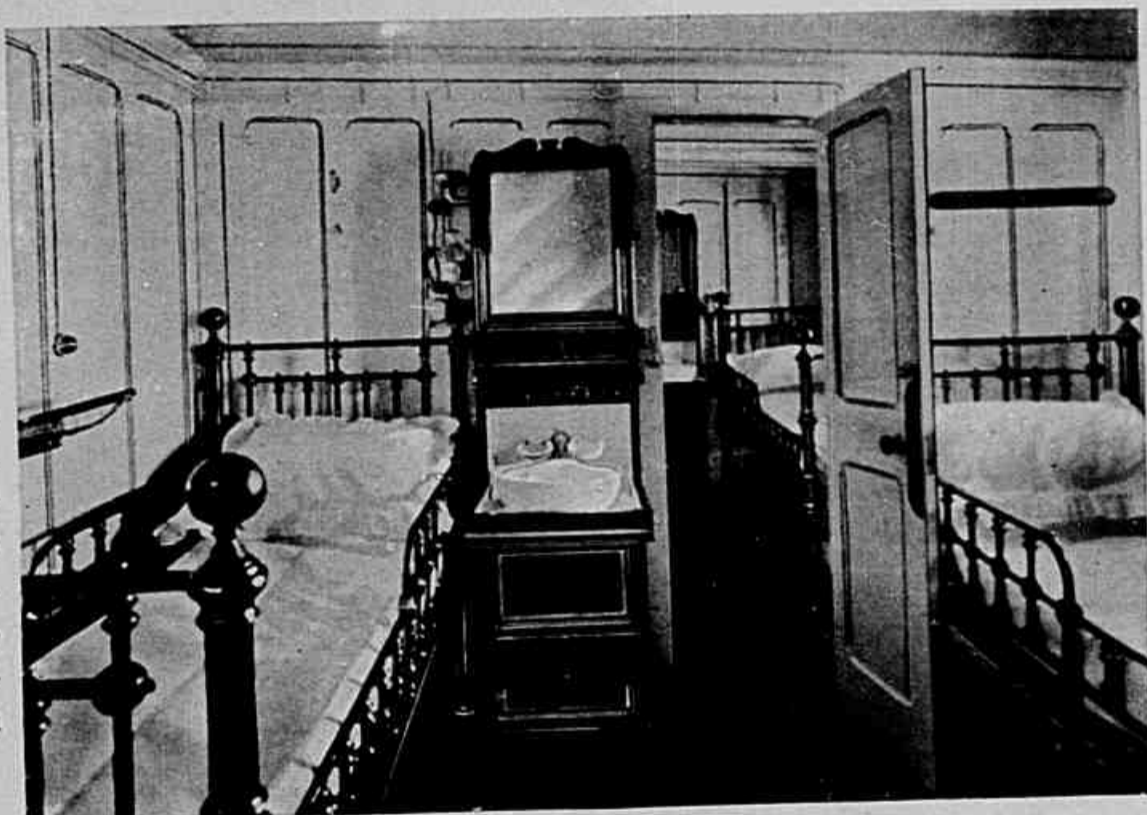
A companhia que tão gentilmente corresponde d'esta forma ás grandes sympathias com que a ampara o publico brasileiro, deve tambem observar que a transferencia da filial do Rio para Buenos-Ayres não tem uma razão plausivel, e que se o commercio com este ultimo porto tem crescido, nada impedia a elevação da cathegaria da agencia á uma subgerencia, sem retirar a do Rio. A *Mala Real Ingleza* que goza mercedamente da preferencia brasileira, e que tantos esforços faz para





SALA DE FUMAR — PRIMEIRA TOLDA

justificar essa preferencia, que dia a dia se accentúa, está em condições de servir aos nossos grandes interesses de commercio internacional, sob os seus multiplos aspectos, mas deve ser amparada pelo governo brasileiro com favores que a animem a continuar n'esse exemplo. A navegação moderna com grande velocidade, grandes navios, e todo o conforto, é muito dispendiosa, e só póde ser mantida



com auxilios, sejam directos ou indirectos, tanto em beneficio da propria companhia como do commercio maritimo, e a funcção dos governos dos paizes que se iniciam na grande estrada do progresso é ir em amparo d'esses principaes elementos de seu desenvolvimento. A *Mala Real Ingleza* é um poderoso vehiculo do desenvolvimento do nosso Brasil, pela facilidade de communições que mantem.

—«O»—



COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL — 200.000.000

Rua 1.º de Março, 29 — RIO DE JANEIRO



DIRECTORIA

Emilio do Amaral Ribeiro
Affonso Burlamaqui
Jacinto Magalhães



SAHIU A LUZ

❖ ❖ O NOVO LIVRO DE ❖ ❖

OLAVO BILAC

Conferencias Literarias

— EDIÇÃO DE LUXO —

⊙ ⊙ PREÇO — 5\$000 — A' VENDA NA ⊙ ⊙
Empreza Editora Kósmos

RUA DA ALFANDEGA, 24

RIO DE JANEIRO

NOTICIA Geral, Historica e Descriptiva da Cidade

— por —

FERREIRA DA ROSA

Edição da Prefeitura

Ilustrações photographicas de toda a cidade, inclusive
seus ultimos melhoramentos

IMPRESSÕES E GRAVURAS DAS OFFICINAS

—KOSMOS—

Brochura 15\$000

Encadernado em marroquim . . . 20\$000

REMETTE-SE AOS ASSIGNANTES DA
"KOSMOS" COM PORTE FRANCO MEDIANTE VALE POSTAL

**À VENDA NA
RUA DA ALFANDEGA. 24**

OFFICINA TYPOGRAPHICA DE

J. SCHMIDT

IMPRESSÕES ARTÍSTICAS, TRABALHOS

COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS,

CARTÕES POSTAES COM VISTAS ETC.

24 RUA DA ALFANDEGA, 24

• • • • • RIO DE JANEIRO • • • • •